



24



Leitor em processo
A partir de 8/9 anos

Branco de nascença, colorido por acidente, o Coelho Azul está vidrado numa gatinha. Mas como abordá-la se ele só fala “coelhês”? O amor, porém, ensina novas línguas. Para tanto, o coelho enfrentará um exército de ratos, descerá ao fundo do esgoto e perseguirá um terrível dinossauro, antes de se tornar aluno de um bichano pra lá de ladino. Valerá a gatinha tanto sacrifício?

Thiago Irley nasceu em 1988 em Cajazeiras, Paraíba, e mudou-se para Curitiba aos 17 anos. Formado em Letras pela PUC-PR, cursa Cinema na Faculdade de Artes do Paraná.

Orlandeli é o nome artístico de Walmir Américo Orlandeli. Formado em Publicidade e Propaganda, desde 1994 atua como ilustrador e cartunista, tendo sido premiado em salões nacionais e internacionais de humor.



ISBN 978-85-418-0060-0



9 788541 800600

24

O coelho que não sabia gatês



Thiago Irley

Prêmio  Barco a Vapor 2011

sm

sm

BARCO



A VAPOR

O COELHO QUE NÃO SABIA GATÊS

Thiago Irley
ilustrações Orlandeli



O coelho que não sabia gatês



O coelho que não sabia gatês



© Thiago Irley (texto), 2012

© Orlandeli (ilustrações), 2012

Júri do Prêmio Barco a Vapor 2011

Fabio Weintraub, Fanny Abramovich, Ivana Arruda Leite,

João Luís Ceccantini, Maria Zélia Versiani Machado.

Gerência editorial Cláudia Ribeiro Mesquita

Edição e preparação Fabio Weintraub

Revisão Marcia Menin e Carla Mello Moreira

Assistência editorial Belisa Monteiro

Edição de arte Leonardo Carvalho

Produção editorial Alexander Maeda

Impressão Lis Gráfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Irley, Thiago

O coelho que não sabia gatês / Thiago Irley ; ilustrações Orlandeli. -- São Paulo : Edições SM, 2012. -- (Coleção barco a vapor. Série azul)

ISBN 978-85-418-0060-0

1. Ficção -- Literatura infantojuvenil

I. Orlandeli. II. Título. III. Série.

12-06426

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5

2. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Faixas etárias de leitura elaboradas a partir das categorias sugeridas por Nelly Novaes Coelho.

1ª edição agosto de 2012

2ª impressão, 2013

Todos os direitos reservados a

EDIÇÕES SM

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55

Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil

Tel.: 11 2111 7400

www.edicoessm.com.br


O coelho que não sabia **gatês**

Thiago Irley

ilustrações Orlandeli

Prêmio  Barco a Vapor 2011



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

Para Camila Oliveira,
a quem devo este livro
e muito mais.

Sumário

O Coelho Azul	7
A gata e o cão	13
Aves	21
Na toca da coruja	27
Trilhas, trilhos, becos e bueiros	33
Entre esquilos e ratos, coelhos são os mais orelhudos	39
Dominando o submundo.....	47
Atolados até as orelhas	53
Doce como um tesouro	59
O beco e o gato	67
A história do gato de rua	77
Como um velho ditado	83



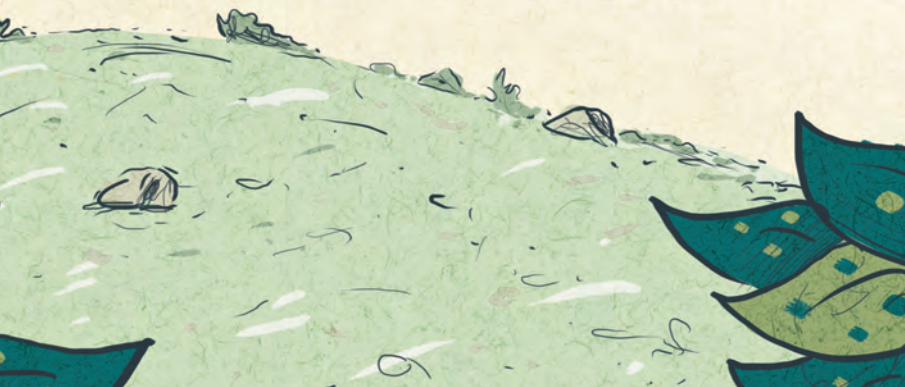


O Coelho Azul

O Coelho Azul não é azul. Ainda não. Ele nasceu um coelho normal. Isso não significa muito, pois foi seu caminho que o fez ficar assim. Claro que todos já sabiam disso: ninguém nasce azul.

Havia uma grande família de coelhos, porque esta história começa quando ainda havia grandes famílias e porque os coelhos têm muitos irmãos. Também naquele tempo os coelhos viviam no campo.

Então o Coelho Azul nasceu pelado, numa toca cheia de coelhos de várias cores. A toca era feita de terra; portanto, todos viviam sujos.



O Coelho Azul foi o quinto a nascer. No total, eram seis filhotes, além dos pais. Oito coelhos vivendo num buraco na terra.

A paisagem era agradável, bonita para quem gosta de verde e marrom: muitas árvores altas, arbustos volumosos, um pequeno riacho sem cheiro de esgoto.

Algumas pessoas da cidade talvez sentissem falta de certas coisas: dos enormes prédios barulhentos, do trânsito, dos rios poluídos e dos muros pichados. Mas só algumas, bem poucas.

Então fica fácil entender por que o povo da cidade ia para lá passar as férias ou grandes feriados, como o Natal.


O campo, porém, não é apenas lugar de festas e fugas. Há gente que mora ali, como os coelhos. Pelo menos no tempo desta história, quando os coelhos ainda viviam no campo. Coelhos e pessoas. Tanto que lá havia uma grande casa, um dos nossos cenários.

No campo, onde a ação se passa, na verdade havia duas casas: uma enorme (até parecia um castelo), em que viviam pessoas, e outra pequena, um buraco no chão, cheio de coelhos.


Agora vou falar um pouco da família do Coelho Azul. Papai coelho era o maior do grupo, naturalmente. Grande e gordo, um verdadeiro GG de pelo cinza. Mamãe coelha era a segunda maior, branca e cansada de tomar conta de seis coelhinhos (dois brancos, dois cinzentos e dois brancos manchados de preto).

Felizmente, coelhos crescem rápido. Assim, economizamos tempo. Os desta história nasceram pelados, mas logo ficaram macios, felpudos. O Coelho Azul era um dos brancos.

Excetuando a cor e o tamanho, não há muito mais o que dizer das diferenças entre coelhos. Todos eles têm orelhas grandes, bigodes e patas longas. Talvez até a mamãe coelha tivesse dificuldade em saber quem era quem,

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



mas devia distingui-los pelo cheiro. Quem sabe ela agisse como as mães de gêmeos?

Como não sei diferenciar gêmeos, nem vou tentar, mas você pode imaginar como se agesses casos. Pode até fazer um desenho, se preferir. Pode também colorir, se quiser.

Mas lembre-se: o Coelho Azul ainda é branco.

Agora vamos aos acontecimentos.

A gata e o cão

O Coelho Azul estava passeando um dia nas imediações da casa grande. Para ele, aquilo era realmente um castelo. Quem moraria num lugar assim? Provavelmente um rei.

Nosso herói tinha de descobrir. Então chegou mais perto. E mais perto. Foi daí que surgiu aquele velho e manjado ditado: “A curiosidade matou o coelho”.

É só um velho ditado, não se preocupe. Nosso herói não morreu. Estamos apenas no começo da história.

Então ele se aproximou. Chegou ao jardim da frente. Foi quando viu pela primeira vez a gata deitada na janela e pensou: “É o monte de pelos mais lindo do mundo”.

Pensou também em dizer isso a ela, que não o escutaria por causa do vidro da janela.



Assim, ficou lá parado, olhando até descobrir que também havia alguém olhando para ele.

Não sei se você já reparou, mas, quando alguém nos olha fixamente, em geral percebemos. Isso também vale para os animais.

Nesse momento, o Coelho Azul olhou para cima e viu, muito feliz sobre ele, uma grande cabeça de cachorro.

Talvez você me pergunte:

— E a gata? Ela também não notou que estava sendo olhada?

Bem, ela dormia (do contrário, isso mudaria totalmente a história).

Voltando ao problema do cachorro, sua cabeça não era gigantesca. Era uma cabeça de cachorro normal, mas, como o Coelho Azul não passava de um filhote, pouco menor que a tal cabeça, tudo lhe parecia enorme.

O cachorro era um pastor-alemão, que falou com sotaque estrangeiro:

— A curiosidade matou o coelho.

Vamos agora a algumas observações linguísticas que julgo importantes. Acredito que você já tenha notado, mas é bom confirmar: coelhos não entendem latidos, certo?

Sendo assim, o cachorro provavelmente tinha se dirigido ao nosso herói na língua dos coelhos, que chamaremos de *coelhês*. É por isso que ele tem sotaque estrangeiro, não por ser alemão, pois um pastor-alemão pode nascer em qualquer lugar do mundo. Talvez até numa nave espacial ou, quem sabe, na Lua, tanto faz.

Mas o pastor não dominava o *coelhês* muito bem. Conhecia uma ou outra palavra, só expressões muito simples. Ele disse “A curiosidade matou o coelho” como falamos “*The book is on the table*”. Digo mais, em seu caso, foi como se falasse “*Dê búqui is on dê teibol*”.

No entanto, até hoje ele me cobra os direitos autorais sobre a criação da frase. Uma verdadeira cachorrada.

O que importa, porém, é que o Coelho Azul entrou em pânico ao ouvir aquilo instantes antes de avistar a enorme cabeça e sair correndo na direção errada. Foi então que aconteceu o evento pelo qual todos esperavam: a mudança de cor.

Nosso herói correu o mais rápido que pôde, mas acabou encurralado entre seu perseguidor e uma pilha de material de construção. Como estava com muito medo, circunstância em que agimos impensadamente, ele começou a escalar

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



a pilha. Num átimo, chegou ao topo daquele monte de gesso, tijolos, canos e cimento.

Como todos sabem, tais pilhas normalmente têm formato de pirâmide, de modo que, após atingir o topo, o Coelho Azul tropeçou e caiu rolando para o outro lado. Ele só não se machucou por dois motivos: em primeiro lugar, porque a pilha tinha menos de meio metro (quase uma montanha para um filhote de coelho); em segundo, por ter caído dentro de uma lata de tinta vermelha. Mentira, era azul, eu estava apenas brincando.

Agora tratemos da grande sorte do Coelho Azul. A lata estava quase vazia (se estivesse cheia, ele teria se afogado). E o cachorro, mais esperto do que parecia, sabia que não podia comer aquele coelho pintado. Assim, oficialmente transformado em Coelho Azul, nosso herói conseguiu escapar.


Claro que você pode estar esperando mais detalhes de como ele fugiu. O Coelho Azul não

conseguia sair da lata, era necessário virá-la, balançando o corpo. Foi assim que acabou todo pintado. Quando a lata finalmente virou, ele zuniu para casa.

Na verdade, foi só ao entrar em casa que os irmãos passaram a chamá-lo de Coelho Azul.

E o nome pegou, como aqueles apelidos de que a gente não gosta.



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

Aves

Desde que viu a gata deitada na janela, o Coelho Azul não pensava em outra coisa. Como não conseguia pensar direito, não sabia o que fazer. Pediu então ajuda a seu pai.


— Pai, como eu faço pra falar com a gata deitada na janela da casa grande? — perguntou o Coelho Azul.

— É complicado — disse o pai —, gatas não costumam saber *coelhês*.

O Coelho Azul agora tinha duas coisas na cabeça: a imagem da gata deitada na janela e o seu problema linguístico.

Então se lembrou da história que ouviu de um de seus irmãos, sobre uma ave capaz de falar todas as línguas.

Sua missão agora era encontrar essa ave e pedir-lhe ajuda. Logo na manhã seguinte, saiu

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



procurando o tal papagaio. Encontrou-o numa árvore perto do riacho. Ele era verde, do tamanho do Coelho Azul.

— Ei, senhor Papagaio, pode me ajudar?
— perguntou o Coelho Azul.

— Ei, senhor Papagaio, pode me ajudar?
— respondeu o papagaio.

— Na verdade, sou o Coelho Azul — corrigiu nosso herói.

— Na verdade, sou o Coelho Azul — repetiu o papagaio.



— Por que está me imitando? — perguntou o coelho.

— Por que está me imitando? — retornou o papagaio.

— Não estou imitando, senhor Papagaio, eu falei primeiro.

— Arrrrrh, falei primeiro — disse a ave verde.

— Não, fui eu — protestou o coelho.

— Deixe-o, ele é um cabeça de vento, não sabe nada — aconselhou, empoleirada numa árvore, uma coruja-macho de cor marrom.

— Não sabe nada — disse o papagaio.

— Oh, você fala *coelhês*! — exclamou o Coelho Azul.

— Embora o normal seja o contrário, é bom sabermos a língua de nossa presa, quer dizer, de nossos vizinhos.

— Presa — repetiu o papagaio.

— Presa?

— Eu quis dizer “vizinhos”.

— Não sei, não. Escutei claramente “presa”.

— Presa — disse o papagaio.

— Escute, coelho, você faz ideia de quantas línguas eu falo?

— Não, senhor.

— Muitas. Às vezes, me atrapalho. “Presa” significa “vizinho” em... em...

— Em quê?

— Em *ratês*. Mas o que você queria com o papagaio?

— O que você queria com o papagaio? — repetiu o próprio.

— Queria que ele me ensinasse a falar com gatos. O senhor fala *gatês*?

— Desculpe-me, mas creio que nenhuma ave fala a língua dos gatos. Entenda, somos inimigos naturais.

— Inimigos naturais — disse o papagaio.

— Mesmo que soubéssemos, seria inútil. Quando um gato captura um de nós, ele não se

compadece, ainda que imploremos. Então, para que aprender? Gatos são predadores cruéis — explicou a coruja.

— Cruéis — repetiu o papagaio.

— Entendo, mas será que o senhor não conhece alguém capaz de me ajudar?

— Bem... Há uma grande cidade além do bosque. Lá você pode encontrar falantes de todas as línguas do mundo.

— Todas as línguas do mundo — disse o papagaio.

— Nossa! Todas as línguas do mundo? — exclamou o coelho.

— Sim — respondeu a coruja, que pousou bem perto do filhote.

— Como faço pra chegar lá?

— Hoje é seu dia de sorte. Na minha toca, por acaso, tenho um mapa. Vamos lá e eu mostro pra você — sugeriu a coruja.

— Dia de sorte — repetiu o papagaio.

Na toca da coruja

O Coelho Azul e a coruja deixaram o papagaio, que ficou repetindo “dia de sorte, dia de sorte”. Eles seguiram uma pequena trilha, bem lentamente, pois iam caminhando e as patas da coruja são bem curtinhas.

Se a coruja voasse, o Coelho Azul ficaria muito atrás e a perderia de vista. Então, para seguirem juntos, tinham de adotar uma velocidade média confortável para ambos.

Por fim, chegaram à toca, que ficava escondida entre os arbustos. O Coelho Azul achou aquilo estranho e disse:

— Pensei que os pássaros morassem em cima das árvores, não embaixo delas.

— A maioria faz isso mesmo, mas nem todos gostam de árvores. Muitos predadores

conseguem subir nelas. Algumas aves, como as águias, fazem ninhos no topo das montanhas; outras, em rochedos.

— Mas isso é um buraco, quase igual ao da minha família.

— Sim, pra você ver: nós, corujas, gostamos tanto de coelhos que moramos como vocês. Adoramos pequenos roedores. — Ao dizer isso, deu um grande sorriso.



Os dois foram entrando na toca, que, além da terra e pedrinhas, parecia ter pequenos pontos brilhantes espalhados pelo chão. Mas estava escuro e o Coelho Azul não conseguiu identificar o que eram.

— O que são essas coisas brilhantes?

— São lembranças que me deixaram alguns vizinhos em suas visitas — respondeu a coruja, dando em seguida uma pequena, estranha e assustadora gargalhada: — HUUU, hUUU, hUUU.

O Coelho Azul estava achando aquilo tudo muito esquisito. Porém ele continuou a acompanhar a ave até o fundo da toca, onde havia muito mais das coisinhas brilhantes. Chegando lá, seus olhos já tinham se acostumado à falta de luz; afinal, ele também vivia embaixo da terra.

— Onde está o mapa?

— Bem aqui — disse a coruja, mostrando um velho mapa sujo e rasgado. — Está bem danificado, mas dá para ver. Estamos aqui —

apontou com a asa. — Você tem de atravessar o riacho e andar mais um pouco até os trilhos. Mas preste atenção: o trem não vai parar, é você quem deve saltar para dentro dele, em movimento. Sua próxima parada já será na cidade.

— Muito obrigado, senhor Coruja. Então já vou indo, pois o caminho, pelo que vejo, é longo.

— Não tão rápido, coelhinho. — E a coruja tentou pular sobre nosso herói. No entanto, como o teto era muito baixo, o salto foi impreciso e o coelho escapou.

— Que foi isso? — perguntou o coelho.

— A curiosidade matou o coelho — disse a coruja e depois deu uma grande, estranha e assustadora gargalhada: — HUUU, hUUU, hUUU....

O Coelho Azul, que até se considerava inteligente, sacou que ele era a presa da coruja e que as coisinhas brilhantes eram ossos. No entanto, mais sortudo que inteligente, ele lembrou que, embora a coruja fosse veloz ao voar,



no solo ele era muito mais rápido. Como estavam numa toca, a vantagem era sua.

Então inventou um novo antigo ditado, que, por falta de testemunhas, não alcançou fama:

— As perninhas atrasam a coruja.

Dizendo isso, ele correu, sumindo da toca. Depois correu mais, até chegar em casa, onde finalmente se julgou a salvo.

O Coelho Azul falou com seus pais e seus irmãos. Disse que tinha de ir até a cidade aprender muitas coisas, depois voltaria. Eles tentaram dissuadi-lo da ideia, mas entenderam que a viagem era muito importante e deixaram que fosse. Até porque a história não teria muita graça se acabasse neste ponto, desta maneira.

Assim, o coelho arrumou uma trouxa com provisões e partiu em seguida.



Trilhas, trilhos, becos e bueiros

O Coelho Azul partiu em direção ao riacho. A princípio ia sozinho, mas, quando já estava mais próximo do curso d'água, outros animais se juntaram a ele: um coelho e um bando de esquilos. Como os esquilos conversavam entre si, os coelhos acharam conveniente fazer o mesmo.

— Aonde você está indo? — perguntou o Coelho Azul.

— Para a cidade, como os esquilos. Sabe, ultimamente todo mundo tem ido para lá, tentando melhorar de vida.

— Sério? Qual é o plano? — perguntou, surpreso, o Coelho Azul.

— Primeiro vamos para uma *pet shop*. De lá nos levam para uma boa casa.

— Interessante.

— E você?

— Quero aprender outras línguas. Na cidade falam todas as línguas do mundo — respondeu o Coelho Azul.

Por fim chegaram ao riacho. O Coelho Azul ficou preocupado, pois não sabia nadar, mas seu novo companheiro o tranquilizou:

— Pegamos uma carona com a tartaruga.

E assim fizeram. Tão demorada foi a travessia nas costas da tartaruga que, quando chegaram ao outro lado, o Coelho Azul havia crescido bastante, já não era um simples filhote.

O grupo seguiu viagem e foi ficando cada vez maior. Finalmente alcançaram os trilhos.

— O que faremos agora? — perguntou o Coelho Azul.



— Vamos esperar o trem. Quando chegar, corremos e entramos nele.

Esperaram algumas horas até que ouviram o barulho da locomotiva se aproximando. Então, quando o trem chegou bem perto de onde estavam, todos se aprontaram e saltaram.



Alguns não conseguiram embarcar no vagão em movimento, o que vinha a calhar. Afinal, embora fossem pequenos, magros e estivessem dispostos a se espremer, não havia espaço para todo mundo. Mas nosso herói, seu novo amigo coelho e mais algumas famílias de esquilos e ratos realizaram a proeza.

No trem, os passageiros trocavam histórias. Como o Coelho Azul ainda não falava outras línguas, só ficou conhecendo a história do outro coelho, que resolveu partir depois de ter sido abandonado pela família. Seu pai e seus irmãos mais velhos tinham ido para a cidade. Sendo ele o caçula, ficou com a mãe, que, no entanto, também sumiu certo dia. Ele então entendeu que era hora de seguir caminho e partiu na esperança de encontrá-los. É normal fazer essa viagem cheio de esperanças.

Depois de ouvir a história de seu companheiro, o Coelho Azul contou a sua. A mesma

que você está lendo, mas sem meus comentários e parando na metade, pois até aquele momento não tinha acontecido muita coisa.

Um dos ratos que viajavam no mesmo vagão entendia um pouco de *coelhês* e, tendo acompanhado toda a história do nosso herói, interrompeu-o dizendo três coisas:

— Vou fazer três observações — essa foi a primeira. — Outra é que você não conta sua história tão bem quanto o narrador, senhor Coelho — essa foi a segunda e me deixou bastante orgulhoso. Por fim, a terceira foi: — A última coisa é que acho que sei como ajudar. Assim que entrarmos na cidade, salte do trem. Você deve encontrar vários gatos de rua nos becos. Mas cuidado: eles podem pegar você. Se precisar fugir, procure um bueiro. Gatos não têm coragem de entrar no domínio dos ratos.

O Coelho Azul agradeceu sinceramente. Antes ele não sabia o que fazer, agora tinha um

bom plano. Claro que não gostou da crítica sobre sua falta de talento como contador de histórias. Para se redimir, criou um novo ditado, muito aplaudido por seu amigo coelho:

— Entre esquilos e ratos, coelhos são os mais orelhudos.

Isso pode não parecer muito inteligente, mas em *coelhês* soa muito bonito. Só faltou falar em queijo. “Queijo” em *coelhês* é a palavra mais bonita que existe. Por isso os coelhos preferem falar “queijo” a comer queijo. Entre os ratos é exatamente o contrário.

Entre esquilos e ratos, coelhos são os mais orelhudos

O Coelho Azul seguiu o conselho do rato. Despediu-se dele e do outro coelho, fez um aceno para quem não falava coelhês e desceu.

Logo na entrada da cidade não havia becos como os que o rato tinha descrito, mas, depois de andar algumas horas, o Coelho Azul encontrou um que parecia perfeito, com um grande bueiro no final. O único problema foi não haver gato algum.

Nosso herói avançou na esperança de achar algo. Quando percebeu que estava sendo observado, decidiu cair fora, mas, ao se virar, viu-se cercado por um bando de ratos empunhando palitos de dente usados.



Cheio de medo, o Coelho Azul tentou falar com eles, que nada entendiam. Nosso herói tampouco os compreendia, embora já tivesse sacado que, quando gritavam e brandiam os palitos de dente, ele devia recuar. Assim, encurralado entre a parede e a rataria, ele ouviu as sábias palavras:

— A curiosidade matou o coelho.



A princípio concordou, balançando a cabeça e achando que aquela era a voz de sua consciência. Depois estranhou que a consciência tivesse sotaque estrangeiro, o que costuma acontecer quando um bicho tenta falar a língua do outro. Nesse momento, avistou, sobre um saco de lixo, acima da multidão, um rato branco de olhos vermelhos. Entendeu por fim que aquele rato era o líder e que aquela frase marcava o início de uma competição de frases sábias.

— As perninhas atrasam a coruja — disse o Coelho Azul, aceitando o desafio. Talvez aquela fosse sua única chance de escapar.

Sem entender a língua em que seu líder e o coelho se comunicavam, os ratos passaram a acompanhar a disputa apenas pelas reações e expressões dos competidores. O rato branco, surpreso, encarou o coelho. Não esperava por aquilo, mas retomou a concentração e disse:

— Um papagaio paraguaio repete mais barato.

O Coelho Azul pensou um instante. Não se lembrava de muitos provérbios e o rato albino parecia um especialista. Portanto, teve de inventar:

— A coruja voa, mas vive num buraco.

O Coelho Azul compreendeu imediatamente que havia feito uma ótima jogada, mas o rato albino, mesmo percebendo quanto aquilo era inédito, conseguiu retrucar com a quase incomparável:

— Mais vale um pássaro voando do que na boca de um gato.



O rato demonstrava confiança, falava com convicção, à diferença do adversário, que tremia de nervoso. A gangue já tinha certeza da vitória e se preparava para avançar sobre o Coelho Azul quando nosso herói conseguiu reagir com a seguinte frase:

— Entre esquilos e ratos, coelhos são os mais orelhudos.

Os ratos se detiveram e fitaram seu líder à espera de uma reação, que não tardou a aparecer:



— Com os ratos ninguém pode: em seu reino, o gato perde os bigodes.

O rato albino era sem dúvida um adversário habilidoso, com muita chance de vencer quem quer que fosse. O Coelho Azul deu então sua última cartada e gritou:

— Queijo!

O rato albino perguntou:

— Onde? — e desse modo acabou perdendo o desafio, deixando logo transparecer a derrota pelo ar desolado.

Em seguida, todos os ratos abriram caminho para que seu líder se aproximasse do visitante vencedor.

— Meu nome é Cérebro. É a primeira vez que perco uma disputa dessas. Nunca ninguém havia conseguido me desconcentrar a tal ponto. E, mesmo sem entender uma palavra do que dissemos, jamais vi a plateia vibrar desse jeito. Quem é você?

— Sou o Coelho Azul, vim para a cidade aprender algumas coisas. Você foi o maior adversário que já encontrei; sem dúvida, uma inteligência assombrosa.

— Obrigado. Será uma honra recebê-lo em nossa casa. Talvez eu possa ensinar-lhe algo a fim de retribuir as lições de tão fabuloso campeão.

— Muito obrigado, Cérebro. Onde você aprendeu *coelhês*?

— Falemos disso lá embaixo.

— Lá embaixo?


— Sim, no bueiro, o reino dos ratos, onde os gatos não entram.

— Por quê?

— Você vai ver — respondeu Cérebro. — A pressa é inimiga das tartarugas.

— Essa é muito boa — disse o Coelho Azul.

— Obrigado!

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

Dominando o submundo

Uma vez no esgoto, o Coelho Azul foi convidado para jantar com Cérebro e os outros.

— Seja bem-vindo, Coelho. Eu havia prometido contar minha história, mas peço que conte primeiro a sua.

— Posso contar, mas o narrador faz isso melhor.

— É provável — concordou Cérebro —, mas quero ouvir você.

O Coelho Azul então contou novamente toda a história, sem meus comentários, avançando até o ponto em que estamos. Quando terminou, Cérebro disse:

— Você perguntou por que os gatos não vêm aqui. É por causa de nosso guardião, Rex.

O Coelho Azul imaginou logo um enorme cão que poderia lhe dar conselhos muito úteis,

então ficou feliz. Mas, quando olhou para trás, viu que se tratava de um jovem jacaré com quase um metro de comprimento.

Notando o pavor do Coelho Azul, Cérebro tranquilizou-o:

— Não se preocupe, ele não morde — explicou enquanto cochichava a senha “convidados” no ouvido do réptil —, serve apenas para espantar os gatos. Agora lhe contarei a minha história. Não sou como os outros ratos, não nasci aqui. Nasci e cresci em um laboratório, com animais



de outras espécies. Um deles era um coelho chamado Albert, que me ensinou o *coelhês*. Cresci vendo todos aqueles cientistas querendo descobrir coisas e dominar o mundo. Com eles, aprendi muito sobre o mundo inteiro, embora isso de nada me servisse, pois vivia preso naquele lugar.

Fugindo, eu provaria que era inteligente. Ademais, desejava testar minhas hipóteses sobre o mundo aqui fora. No entanto, os cientistas eram supervigilantes e as grades de minha gaiola, muito sólidas para serem quebradas — explicou o rato. E prosseguiu:

— Por sorte... nem acredito no que digo... por sorte havia um gato no laboratório. Como eu já havia estudado muito o comportamento das outras espécies, passei a provocá-lo todos os dias. Ele ficava louco ao ver minha cauda se agitando para fora das grades. Certa noite, sem conseguir se conter, o gato saltou sobre minha gaiola e a derrubou.



Com a queda, minha prisão se abriu e consegui escapar. O gato então veio para cima de mim, mas, da mesma forma que você ontem, eu também tinha um trunfo para emergências. Quando ele ia dar o bote, dirigi-lhe a palavra.

Entendendo algumas palavras de *ratês*, o gato, embora estivesse louco para me pegar, decidiu me dar ouvidos. O que eu disse, porém, acabou por desencorajá-lo:

— No seu lugar, não comeria um rato do meu tipo. Sou tóxico, fizeram muitos experimentos comigo, transformaram-me em puro veneno de gatos.


Por também viver no laboratório, o gato sabia que aplicavam injeções nas cobaias e, pelo sim, pelo não, decidiu se afastar. Quando me vi

a salvo, tentei soltar todos meus companheiros. “Talvez não consiga dominar o mundo”, pensei, “mas serei o líder de uma grande fuga” — lembrou Cérebro, antes de concluir:

— O problema foi que, antes que eu pudesse abrir qualquer gaiola, chegaram os humanos. Tive de fugir pela janela, deixando todos para trás. Pobre Albert, nem sei o que é dele agora.

* * *

Cérebro e o Coelho Azul ficaram bem amigos e, durante muitos e muitos dias, ensinaram coisas um ao outro. Cérebro, no início, ensinava basicamente *ratês*, o inglês dos esgotos, que até o Rex falava. Depois as aulas foram variando, incluindo história, geografia e estratégias de como escapar dos predadores.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

Atolados até as orelhas

Cérebro não era apenas um cientista; ele também conhecia muitas histórias e mantinha todos entretidos quando necessário.

Foi o que aconteceu quando houve aquela chuva que durou uma semana. Todos se preocuparam, pois a cidade alagava facilmente, e estavam no subsolo. No primeiro dia, ninguém ligou; no segundo, o susto era geral.

Cérebro teve de acalmar seus companheiros:

— Não se preocupem. Chove há apenas três dias, estamos muito seguros. Pode chover sem parar por até... trinta e nove dias.

Alguém perguntou:

— Por quê?

— Porque isso já aconteceu. Até trinta e nove dias tudo bem, mas, no quadragésimo dia de chuva, o mundo inunda.

E todos fizeram “ooh”.

— Então é isso. Só precisamos nos preocupar a partir do trigésimo nono dia.

Uma voz, no entanto, contestou:

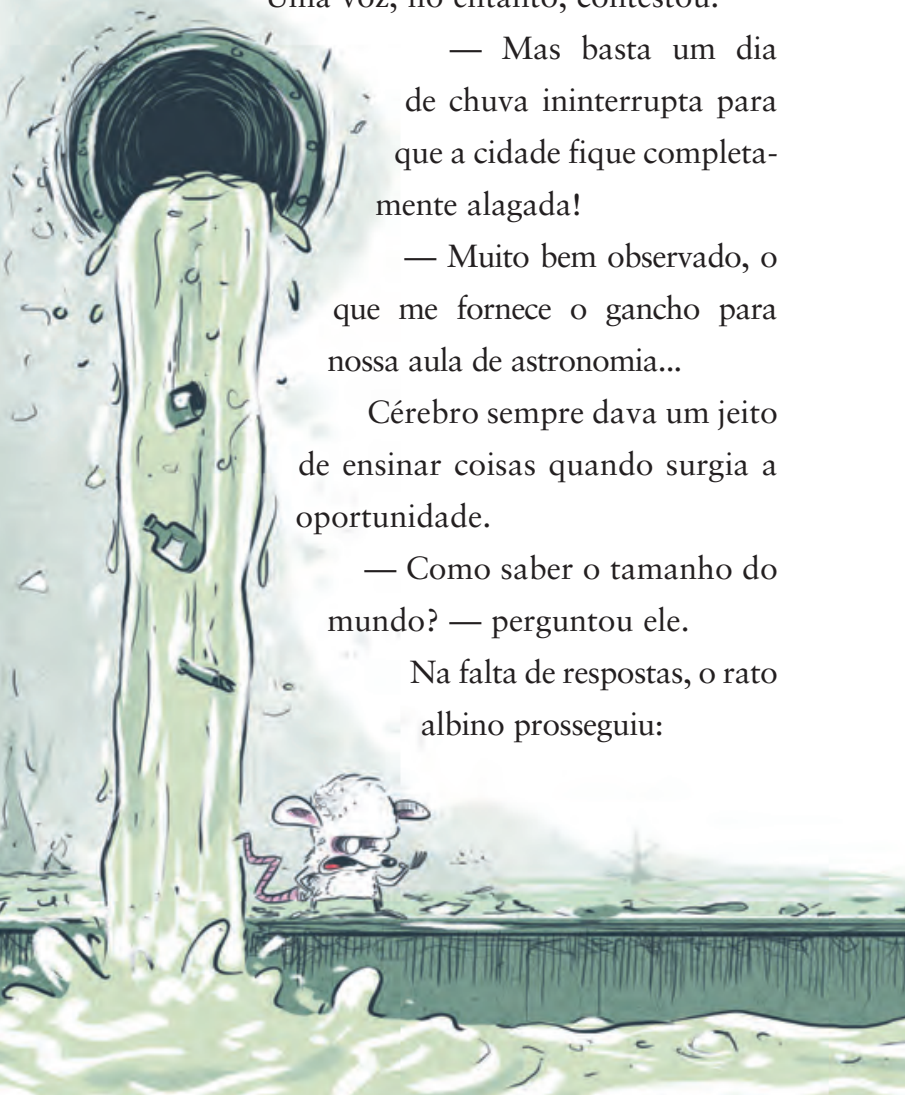
— Mas basta um dia de chuva ininterrupta para que a cidade fique completamente alagada!

— Muito bem observado, o que me fornece o gancho para nossa aula de astronomia...

Cérebro sempre dava um jeito de ensinar coisas quando surgia a oportunidade.

— Como saber o tamanho do mundo? — perguntou ele.

Na falta de respostas, o rato albino prosseguiu:



— Se um dia de chuva alaga a cidade e o mundo só fica alagado em quarenta dias de chuva, quem sabe dizer o tamanho do mundo?

— O mundo é do tamanho de quarenta cidades — respondeu prontamente o Coelho Azul.

— Muito bem, estou orgulhoso de você, Coelho Azul — disse Cérebro. — Mas nem todas as cidades têm o mesmo tamanho. O mundo mede quarenta cidades gigantescas como a nossa, que, de tão grande, pode até ser habitada por dinossauros.



— Há dinossauros aqui? — perguntou o Coelho Azul.

— Sim, claro. Nossa cidade tem todo tipo de habitante, até mesmo um dinossauro, numa das galerias do esgoto. Ele vive numa região muito profunda e guarda um tesouro de impressionante valor.

— É verdade — confirmou Rex. — Sempre que caem essas grandes chuvas, a água traz tesouros da superfície e eles se acumulam lá no fundo. Eu mesmo já vi o dinossauro.

— Como foi isso? — quis saber o Coelho Azul.


— Eu era ainda muito jovem, tinha acabado de chegar aqui. Foi antes de eu ser adotado pelos ratos. Estava explorando o lugar, e isso incluía nadar pelas regiões mais profundas. Avançava por uma galeria quando vi a sombra do bicho: enorme, o pescoço muito grande e o corpo musculoso.

— Esses dinossauros do pescoço ficam gigantescos. Eles não comem carne, mas podem até esmagar um jacaré pisando nele sem querer — explicou Cérebro.

— Exatamente — disse Rex. — Ele tinha um pescoço enorme e o corpo muito largo. Deve ser muito forte, por isso guarda todos os tesouros. O nome dele é Cérberus.

— Cérberus — repetiu o Coelho Azul —, o guardião dos tesouros profundos. Mas por que ele faz isso?

— São as funções da natureza. Nós, ratos, roemos. Gatos dormem. Cães latem. Coelhos não fazem nada. E dinossauros e dragões guardam tesouros — esclareceu Cérebro.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

Doce como um tesouro

Eram três aventureiros seguindo esgoto abaixo. Rex nadava, levando nas costas Cérebro e o Coelho Azul.

— Vocês têm certeza de que querem fazer isso? — perguntou o jacaré, amedrontado.

— É muito importante estudarmos o dinossauro. Ele guarda um tesouro que muito me interessa — insistiu Cérebro. — Eu o vi descer com a enxurrada quatro dias atrás.

Eles submergiram até as galerias mais obscuras, que mesmo os ratos exploradores não tinham coragem de investigar.

— Foi por aqui que o avistei — disse Rex. — Só um pouco mais adiante.

— Vamos com cuidado agora — aconselhou o Coelho Azul.

Quando avançaram mais, avistaram a sombra gigantesca, exatamente como Rex descrevera: uma sombra com um pescoço enorme e o corpo volumoso. Até Cérebro, apesar do espírito investigativo, sentiu-se assustado. O Coelho Azul, sobrevivente de tantas aventuras, achou que dessa vez não escaparia.



Mas os três bravos heróis não desistiram. O Coelho Azul tinha contado a história da coruja e de como um túnel pode atrapalhar quem precisa de muito espaço. Cérebro concordou que poderiam fugir facilmente e por isso decidiram continuar.

E continuaram. Passaram daquele ponto que ninguém jamais ultrapassou. Quando fizeram a última curva, a partir de onde se projetava a sombra do monstro, estranharam ver o lugar tão vazio.

— Onde está? — perguntou o Coelho Azul. E foi Cérebro quem respondeu:

— Lá!

Quando Rex e o Coelho Azul olharam, viram uma tartaruga contra a luz de uma lanterna. Uma tartaruga pequena, do tamanho do Coelho Azul. Menor que a boca do Rex.

— Onde está o tesouro? — indagou Cérebro.

— Que tesouro? — secundou Cérberus.

Todos eles conversavam em *ratês*, a língua mais falada no esgoto.

— Onde está o dinossauro? — perguntou, decepcionado, o Coelho Azul.

— Todo mundo só vai fazer perguntas? — reclamou Rex.

— Aqui não há tesouros nem dinossauros — cortou Cérberus. — Agora eu quero respostas. O que vocês fazem aqui?

— Viemos atrás de um dinossauro e de um tesouro — respondeu o Coelho Azul.

— Lá está o tesouro! — Cérebro apontou para um ponto brilhante no meio do lodo.

— Não é um tesouro. É a Dulcineia — explicou Cérberus.

— Quem? — perguntaram-lhe todos ao mesmo tempo.

— Dulcineia, minha namorada.



— Desculpe-me, senhor Cérberus, mas isso é uma lata — disse o Coelho Azul.

— Como sabem meu nome?

— Como uma lenda, sua história vem sendo passada por nós, ratos, há muitas gerações. Fico orgulhoso por ter liderado a expedição que descobriu o dinossauro do esgoto — vangloriou-se Cérebro.

— Estou aqui há tantos anos. Sempre sozinho. Nem imaginava que mais alguém vivia por perto.

— Por que nunca saiu para explorar as galerias? — quis saber Rex.

— Explorar? Sou uma tartaruga, levaria anos para explorar uma parte muito pequena. É mais vantajoso ficar aqui e recolher o que as águas trazem.

— Viram? Exatamente como minha explicação da natureza das espécies — vangloriou-se Cérebro de novo. — Mais uma vez provei que estava certo. No entanto, é preciso retornar. Deixem os outros tesouros, mandaremos um grupo buscá-los depois. Agora devemos partir apenas com a lata. Nós três sobre o Rex.

— O que vocês querem com a Dulcinea?
— perguntou a tartaruga.

— Você verá quando chegarmos. A pressa é inimiga das tartarugas — respondeu Cérebro.

Ao ouvir isso, Cérberus pareceu assustado, mas aceitou acompanhá-los. Todos fizeram como o rato albino dissera.

Quando chegaram à grande galeria dos ratos, Cérebro pegou um abridor de latas e afirmou:

— Esta é uma lata de leite condensado, um dos maiores tesouros que há na Terra. Vamos festejar.

* * *

Depois de alguns dias de comemoração, o Coelho Azul teve de partir. Ele precisava cumprir seus objetivos. Agora que já conhecia bichos de outras espécies e falava outras línguas, sentia que estava mais perto de conseguir.

Cérberus decidiu viver com os ratos. Não que fossem a melhor das companhias, mas estava cansado da solidão. Pegando uma carona no Rex, foi se despedir do Coelho Azul à saída do bueiro.



Quem também esteve lá foi Cérebro, que se despediu dizendo:

— Você é um grande aventureiro, Coelho Azul. Quando estiver em perigo, lembre-se disso. Apenas um grande herói poderia me vencer como você fez.

Os dois se abraçaram e o Coelho Azul partiu. Rex chorou algumas lágrimas de jacaré e disse:

— Esse é um grande cara.

E Cérberus, com sua experiência de séculos, concluiu:

— Entre esquilos e ratos, coelhos são os mais orelhudos.

O beco e o gato

Depois de se despedir, o Coelho Azul andou por algumas ruas e chegou a outro beco, dessa vez com um gato deitado à sombra.

— Olá, sou o Coelho Azul. Qual o seu nome?

— Nome? Pode me chamar só de Gato, sabe? Gatos de rua não têm nome. Cachorros às vezes têm, quando são adotados por um mendigo, por exemplo. Mas gatos são outra coisa. Somos independentes, sabe?

— Como assim, senhor Gato?

— Há dois tipos de gatos. Não, espere. Há só um tipo de gato, mas há duas formas de ser gato.

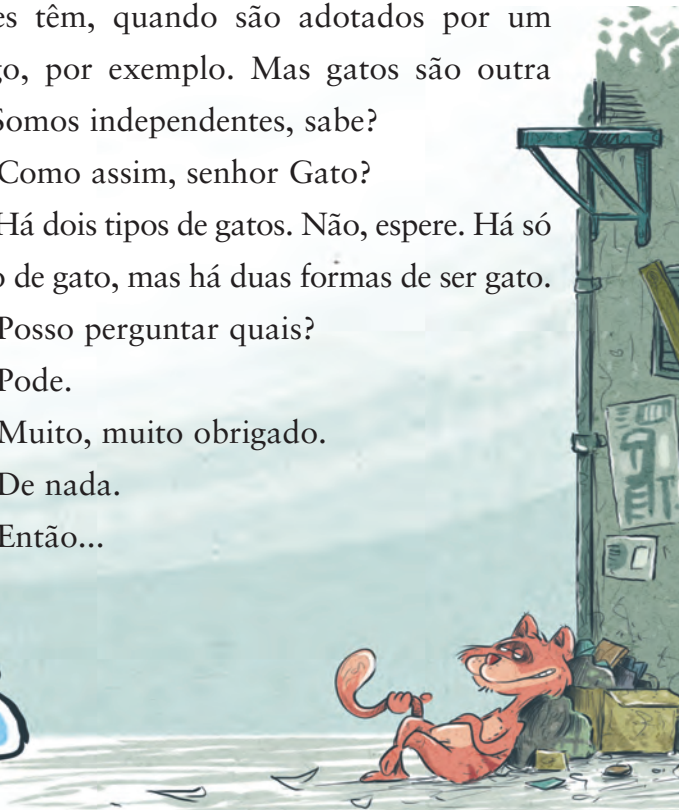
— Posso perguntar quais?

— Pode.

— Muito, muito obrigado.

— De nada.

— Então...



— Então o quê?

— Não vai me dizer quais são as duas formas de ser gato?

— Você não perguntou.

O Coelho Azul ficou pensando um pouco e não se lembrou mesmo de ter perguntado. Então não perdeu mais tempo:

— Quais as formas de ser gato?

— Está feliz?

— Feliz?

— Sim, feliz. Você queria perguntar, eu dei-xei e você perguntou.

— Na verdade, eu preferia que o senhor me respondesse quais são as formas de ser gato — disse tudo logo de uma vez para não correr o risco de ser novamente enganado.

— E por que você quer tanto aprender sobre gatos?

— Porque preciso falar com alguém da sua espécie.

— Alguém da minha espécie? Então fique contente, pois sou um gato e estamos conversando.

— Sim, fico feliz de falar com o senhor, seu Gato de rua. Mas preciso falar com mais alguém da sua espécie, um alguém específico.

— Huum — fez o gato —, muito suspeito. Você está de segredos comigo, isso não é bom. Lembre-se, senhor Coelho Azul, a curiosidade matou o coelho. — E, dizendo isso, o gato pôs as unhas para fora e saltou sobre o visitante.

Nosso bravo herói passou então a gritar assustado:

— É a minha vizinha, é a minha vizinha. Ela é uma gata muito, muito linda e eu queria falar com ela.

Obviamente, depois da confissão, o Coelho Azul quase se tornou o Coelho Vermelho de Vergonha, mas o gato o libertou. Não exatamente porque pretendesse fazê-lo, mas porque

a vontade de rir esgotou todas as suas forças, provocando uma enorme gargalhada:

— Hah
hah
hah
hah
hah.

Sim, uma gargalhada de cinco linhas, de rolar pelo chão. É claro que, quando terminou (por absoluta falta de fôlego), ele olhou novamente para a cara do Coelho Azul, retomou o ar e...



— Hah
hah
hah
hahahha.

Outra gargalhada, agora de quatro linhas. O gesto se repetiu algumas vezes, com progressiva redução no tamanho da gargalhada. Por fim, a última foi só “ha”. Então o gato, já bastante cansado, parou e disse ao Coelho Azul:

— Vim aqui caçar ratos. Quando topei com um coelho, achei estranho, mas imaginei que talvez fosse bom variar o cardápio. Ao notar que o coelho era azul, estranhei novamente, contudo pensei: “Agora tenho uma história em que ninguém vai acreditar: comi um coelho azul”. Por fim, percebendo que ele falava *ratês*, língua que aprendi para caçar melhor, fiquei tão curioso que decidi dar-lhe ouvidos. Veja só, você é um coelho azul que fala *ratês*, está perdido em um beco e apaixonado por uma gata!

— Não falei que estava apaixonado — corrigiu o coelho, cheio de vergonha.

— Está bem, vou ajudar.

— Que bom!

— Mas antes você tem de me contar sua história.

E o Coelho Azul contou de novo toda a história. Dessa vez, contou melhor, embora não tão bem quanto eu. Na parte do cachorro, o gato comentou:

— Oh, sim! Cães são os animais mais infames.

— Os grandes e ferozes, sim. Também são assustadores.

— Eu não tenho medo, só me afasto por considerá-los animais inferiores. Você, no entanto, deve temer todos os animais grandes.

— Quando vivi no esgoto, andei de jacaré e enfrentei um dinossauro.

Se a declaração viesse de qualquer outro bicho, o gato não acreditaria, mas com aquele

coelho tudo era possível. Eu também, se um dia cruzasse num beco com um coelho azul falando *ratês*, acreditaria em cada palavra dele.

— Continue — disse o gato.

— Fugindo do cachorro, caí numa lata de tinta. Depois fui para casa e meu pai disse que eu teria de aprender *gatês* para falar com a gata. Como eu tinha ouvido falar de uma ave poliglota, fui atrás dela, que, na verdade, não sabia nada. Porém uma coruja me disse que na cidade eu acharia um professor de *gatês*. Então vim para cá e o Cérebro, com quem vivi um tempo no esgoto, me ensinou *ratês*. No esgoto conheci também Rex, o jacaré, e o dinossauro dos tesouros.

— Tesouros?

— Sim, valiosíssimos. Tesouros acumulados ao longo de muitas enchentes. Por causa deles fomos ao fundo do esgoto e chegamos ao covil do dinossauro.

— E conseguiram se apossar dos tesouros?

— Sim, fizemos vários dias de festa.


— Incrível. Você deve ser um super-herói.
Como aquele que fica verde, só que você é azul.

— Mais ou menos. Talvez você esteja certo,
não tinha pensado nisso. — O Coelho Azul
ficou feliz de saber que ele era um super-herói.



NOTA DO NARRADOR

No tempo desta história, no lugar de vampiros adolescentes que viram diamantes à luz do sol, havia um cientista que ficava verde e forte e quebrava tudo. Havia também outro cientista forte e azul, com aspecto bestial, e um terceiro, que se esticava todo e era amigo de um estranho monstro de pedra. Aparentemente, nas histórias, todo cientista ganhava superpoderes. Se em vez de narrador eu fosse cientista, talvez me desse bem. Lembro-me de outro cientista que ficava invisível. A mulher do cientista que esticava também ficava invisível. Parece que ficar invisível é o mais comum dos superpoderes. Se eu fosse cientista, talvez também ficasse invisível. Seria legal. Voar também seria legal. O Super-Homem tinha um monte de poderes — até o dom de voar, mas não ficava invisível. Não lembro se ele conseguia enxergar as coisas invisíveis, o que seria muito injusto, pois a única vantagem de quem fica invisível é não ser visto. Pensando bem, acho que eu sou invisível. O Super-Homem não era cientista, mas tinha roupa azul.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

A história do gato de rua

Depois de ouvir toda a história do Coelho Azul, o gato se deu por satisfeito e julgou que devia mesmo ajudá-lo.

— Agora sei que você merece saber toda a verdade sobre os gatos. Alguns de nós nascemos em boas casas, como a sua “amiga” — o gato usou aquele irritante gesto de aspas com os dedos —, e essa é uma das maneiras de ser gato: viver deitado numa janela sem se preocupar com coisa alguma. A outra maneira é ser gato de rua, como eu. Gatos de rua são sempre solitários, vivem por aí e não confiam em ninguém. Mas quem nasce na casa rica também pode perder tudo e acabar na rua, é claro. Por isso eu digo que os gatos têm instinto, sabe? Quando vão para a rua, tornam-se gatos de rua. Só levam um tempo para se acostumar. O contrário é mais difícil: não


conheço muitas histórias de gatos de rua que foram morar em grandes mansões.

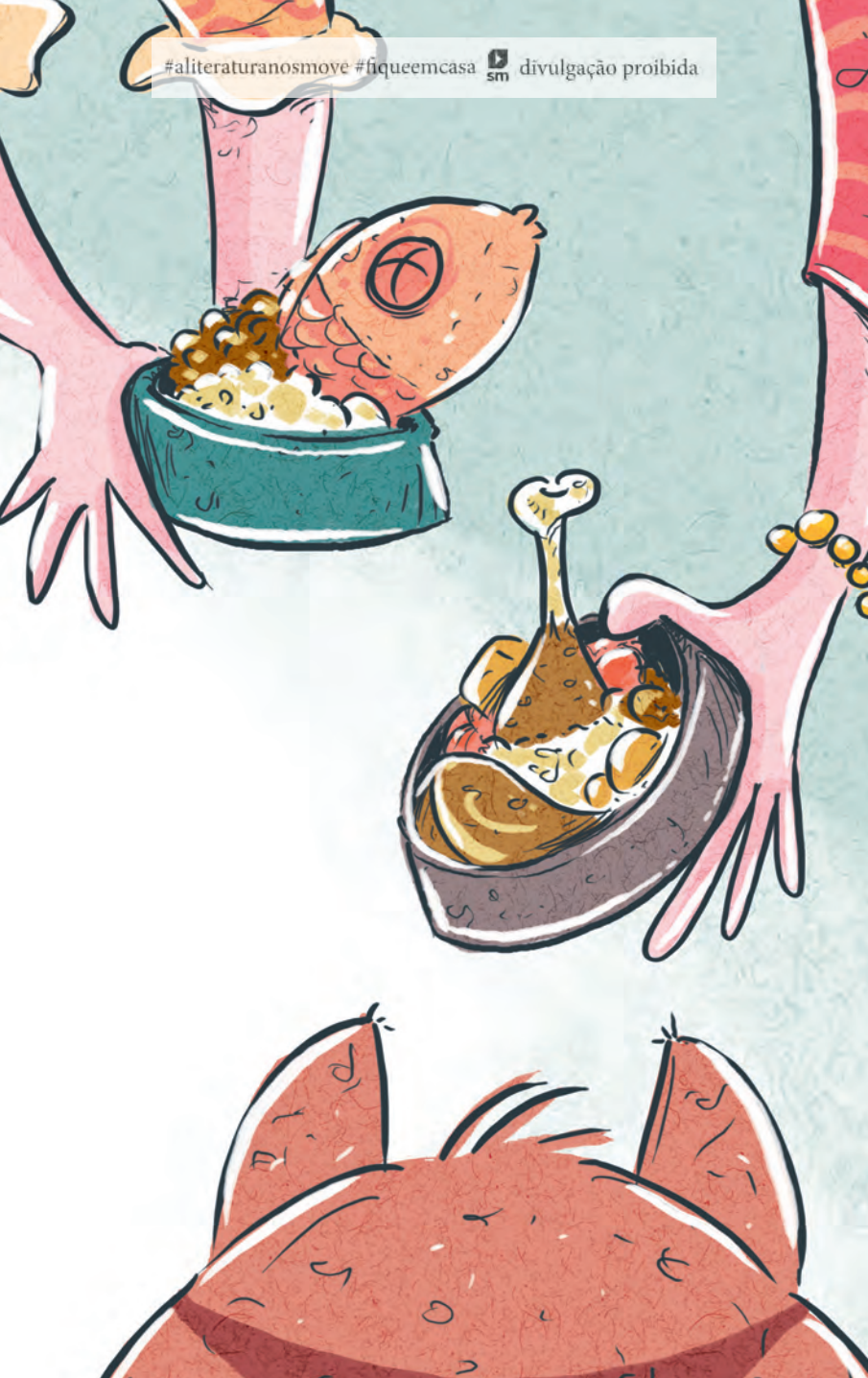
Na rua, exercitamos nossas principais habilidades: caçamos aves e ratos, o que, além de nos alimentar, nos dá certo prazer, admito. É nossa maior diversão. Mas também se vive de outros expedientes, sempre é possível tirar proveito de humanos bondosos, sobretudo de algumas senhoras.

Eu, por exemplo, vivo basicamente do que as senhoras me dão. Basta miar um pouco na porta delas (das que gostam de mim, claro). Sempre me dão de comer e beber e, para mostrar gratidão, enrosco-me em suas pernas. É importante deixar todas felizes. Sei que assim serei bem recebido no dia seguinte.

Às vezes, enquanto caminho pelos telhados, saltando muros, escuto a conversa delas. Uma diz: “Sabe o Bichano?”.

— Bichano? — perguntou o coelho.

#aliteraturanosmoye #fiqueemcasa  divulgação proibida



— É o nome que uso com elas. Nomes são importantes em alguns trabalhos, mas, tirando esses casos, prefiro que me chamem apenas de Gato. Então uma diz: “Sabe o Bichano? Ontem veio aqui e dei leite para ele. De tão feliz que ficou, veio se enroscar nas minhas pernas, demonstrando carinho”. E a outra responde: “É mesmo um gato muito carinhoso. Outro dia lhe dei sardinhas e ele ficou quase uma hora entre as minhas pernas.

Depois deitou bom tempo no meu colo e então foi embora”.

Faço de propósito: distribuo desigualmente os carinhos. Assim elas competem para ver quem me agrada mais.



Olhe para mim. Sou ou não sou o gato de rua mais bem cuidado desta cidade? Muitos fazem como eu, a diferença é que sou o melhor.

Eu poderia ensinar a você a melhor estratégia para conquistar sua amiga gata, o problema é que não a conheço. Se ela é mesmo tão linda, se merece tanto sacrifício, talvez valha a pena bolar um plano. Onde ela mora? Vou fazer uma visita e passar algum tempo com ela a fim de elaborar um manual de conquista — concluiu o gato.

Sem dúvida, era um caminho bem mais fácil do que o imaginado de início pelo Coelho Azul. Este, porém, se deteve, pensando se estava certo, se não soaria como trapança. Além do quê, aquele sujeito não parecia confiável o bastante para passar uma longa temporada na casa grande, principalmente com a gata. Assim, depois de pensar melhor, o Coelho Azul decidiu que só queria mesmo

aprender *gatês* para falar com ela. Melhor fazer tudo honestamente, mesmo correndo o risco de fracassar.

O gato acabou desistindo de conhecer a pequena e passou dias e dias ensinando ao Coelho Azul a língua felina. Também lhe passou várias dicas de como sobreviver na cidade. Afinal, sem o auxílio dos ratos para alimentá-lo, o próprio Coelho Azul teve de recorrer à caridade das tais pessoas bondosas. Elas, no entanto, não lhe davam muita coisa, provavelmente pela falta de técnica do nosso herói na arte de mendigar. A parte dos carinhos ele não conseguia entender, nem mesmo teoricamente, talvez porque isso seja um traço de personalidade exclusivo dos gatos.

Como um velho ditado

O Coelho Azul saltou do trem naquele mesmo lugar perto do riacho. Cruzou com vários ratos e coelhos que estavam indo para a cidade. Perguntaram a ele se a cidade tinha sido boa e receberam a seguinte resposta:

— Nada trouxe de lá, mas conheci muitos seres interessantes e aprendi várias coisas. Fiz o que tinha de fazer e voltei.

Mesmo sem entender se a experiência do coelho tinha sido boa, os ratos e coelhos não pretendiam recuar. Então prosseguiram, cheios de planos e esperanças.

O Coelho Azul também continuou. Tendo aprendido a nadar, dispensou a carona da tartaruga. Caronas com o Rex valiam a pena, mas tartarugas, embora úteis como guardiães de tesouros, são muito lentas. Ele estava com pressa,

precisava correr. Muita coisa podia ter acontecido enquanto esteve fora.

No entanto, ao chegar, as coisas pareciam normais. A casa grande não mudara, exceto pela falta de material de construção no quintal. O jardim estava organizado, e a gata, deitada na janela. O Coelho Azul ficou muito feliz de vê-la, tanto que se deteve um tempo, só olhando.



Então (todos devem estar ansiosos por isso) reapareceu o grande cachorro, com seu péssimo *coelhês* (mas um pouco mais aprimorado).

— A curiosidade matou o coelho.

Então o Coelho Azul olhou para ele e disse:

— Queijo.

Foi usando logo de cara sua arma mais poderosa. Talvez você estranhe a precipitação; contudo, como já expliquei, o coelho tinha muita pressa. O cachorro também estranhou, menos pelo uso precipitado do trunfo do que pelo fato de não ter entendido. Achou o som daquela palavra muito bonito, mas só. Como eu disse, “queijo”, em *coelhês*, é uma palavra maravilhosa. No entanto, o vocabulário do cachorro era restrito, e a única coisa que ele pôde dizer em resposta foi:

— Não entendi.

Ao que o Coelho Azul retrucou:

— Já passei por uma coruja, um riacho, um trem, um exército de ratos, um jacaré, um

dinossauro e um gato. Não tenho tempo a perder com cães de guarda.

O cachorro ficou muito impressionado, disse “Ok” e foi roer um osso em sua casinha.



O Coelho Azul sentiu que era mesmo um super-herói e se dirigiu à entrada principal da casa grande. Entrou pela portinhola inferior, que devia ser usada por cães pequenos ou pela gata. Ele entrou na sala, subiu na janela e finalmente chegou bem perto de sua adorada.

— Oi! — disse o Coelho Azul em *gatês*.

— Oi! — respondeu a gata, que estranhou aquele coelho azul falando sua língua.

— Você é muito linda. Seu pelo parece tão sedoso...

— Eu sei, meu pelo é supermacio. E viu minhas unhas? Perfeitas!



Realmente eram. O Coelho Azul tentou conversar, mas ela não estava interessada. Queria apenas dormir, comer e afiar as unhas. Ainda assim, ele continuou a visitá-la por alguns dias. Até que se desiludiu.

Desnorteadado, saiu campo afora sem saber o que fazer. Todo seu esforço pareceu sem sentido: tanto sacrifício para nenhuma recompensa. De repente, perdeu a pressa que tinha. Sentou à beira do riacho e ficou olhando a tartaruga atravessar viajantes.

— Está pensando em voltar para a cidade? — perguntou uma coelhinha que parou a seu lado.



— Não sei. Caminhos em zigue-zague são tortos — respondeu o Coelho Azul.

— Nossa, que inteligente!

— Obrigado.

— Ouvi dizer que você aprendeu um monte de coisas na cidade e vejo que assim é.

— Sim, conheci muita gente sábia por lá. Ensinaram-me muitas coisas.

— Que bom! Também queria aprender um monte de coisas. Se voltar para lá, me avise. Quem sabe da próxima vez vou com você?

— Não se preocupe, eu aviso.

— Obrigada.

Ficaram um tempo em silêncio olhando o riacho.

— Por que a tartaruga atravessa os viajantes? — perguntou a coelha.

O Coelho Azul pensou uns segundos e falou:

— Não sei. A função das tartarugas costuma ser guardar tesouros. Cada espécie tem um lugar

no mundo e age em função disso. Talvez essa tartaruga ainda não tenha achado seu tesouro.

— E o que seria um tesouro para uma tartaruga?

O Coelho Azul pensou em Cérberus, que no princípio guardava tudo o que a correnteza trazia até se apaixonar por Dulcineia. Imaginou como ele devia estar vivendo com os ratos, longe de seu esconderijo, privado de tesouros.

— Acho que tesouro pode ser qualquer coisa, de uma lata a uma companheira.

O coelho continuou pensando. As únicas coisas que Cérberus conservou foram suas experiências e sua história. Talvez vivendo em grupo, ele mesmo e sua lenda tivessem se convertido em um novo tesouro, agora à prova d'água.

Ele sorriu, olhou para a coelha e disse:

— Ou talvez cada um só precise fazer aquilo que julga certo. Talvez a tartaruga tenha outro tesouro, invisível a nossos olhos.

— Curioso... — murmurou a coelha.

— Cuidado com a curiosidade, coelhinha.


A coelhinha riu. O Coelho Azul olhou para ela mais uma vez, depois novamente para o riacho e falou:

— Você não precisa ir à cidade. Se quiser, posso ensinar tudo o que aprendi aqui mesmo.

— Sério?


E o Coelho Azul respondeu:

— Tanto quanto um velho ditado.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



Thiago Irley nasceu em 1988, em Cajazeiras, Paraíba, e mudou-se para Curitiba aos 17 anos. Formado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, atualmente cursa Cinema na Faculdade de Artes do Paraná. Frequenta oficinas literárias gratuitas para fazer contatos e trocar ideias e é revisor de textos *freelancer*. Já foi jurado de um concurso de contos, ganhou alguns prêmios e obteve uma menção honrosa no Concurso de Contos Paulo Leminski, em 2010.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

Orlandeli é o nome artístico de Walmir Américo Orlandeli. Formado em Publicidade e Propaganda, atua desde 1994 como ilustrador e cartunista. É autor da revista *Grump* (troféu HQ Mix de Melhor Revista de Humor, 2002), do álbum *Sic*, coautor de *Humor pela paz e a falta que ela faz*, *Front* e *Central de Tiras*. Publicou trabalhos em diversos veículos (*Folha de S.Paulo*, revista *Época*, *Superinteressante* etc.) e foi premiado em salões nacionais e internacionais de humor.





TIPOLOGIA Sabon

PAPEL *Offset* 120 g/m²

© Thiago Irley (texto), 2012

© Orlandeli (ilustrações), 2012

Júri do Prêmio Barco a Vapor 2011

Fabio Weintraub, Fanny Abramovich, Ivana Arruda Leite,

João Luís Ceccantini, Maria Zélia Versiani Machado.

Gerência editorial Cláudia Ribeiro Mesquita

Edição e preparação Fabio Weintraub

Revisão Marcia Menin e Carla Mello Moreira

Assistência editorial Belisa Monteiro

Edição de arte Leonardo Carvalho

Produção editorial Alexander Maeda

Impressão Lis Gráfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Irley, Thiago

O coelho que não sabia gatês / Thiago Irley ; ilustrações Orlandeli. -- São Paulo : Edições SM, 2012. -- (Coleção barco a vapor. Série azul)

ISBN 978-85-418-0060-0

1. Ficção -- Literatura infantojuvenil

I. Orlandeli. II. Título. III. Série.

12-06426

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5

2. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Faixas etárias de leitura elaboradas a partir das categorias sugeridas por Nelly Novaes Coelho.

1ª edição agosto de 2012

2ª impressão, 2013

Todos os direitos reservados a

EDIÇÕES SM

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55

Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil

Tel.: 11 2111 7400

www.edicoessm.com.br

O coelho que não sabia **gatês**

Thiago Irley

ilustrações Orlandeli

Prêmio ✨ Barco a Vapor 2011




Para Camila Oliveira,
a quem devo este livro
e muito mais.

Sumário

O Coelho Azul	7
A gata e o cão	13
Aves	21
Na toca da coruja	27
Trilhas, trilhos, becos e bueiros	33
Entre esquilos e ratos, coelhos são os mais orelhudos	39
Dominando o submundo.....	47
Atolados até as orelhas	53
Doce como um tesouro	59
O beco e o gato	67
A história do gato de rua	77
Como um velho ditado	83



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

O Coelho Azul

O Coelho Azul não é azul. Ainda não. Ele nasceu um coelho normal. Isso não significa muito, pois foi seu caminho que o fez ficar assim. Claro que todos já sabiam disso: ninguém nasce azul.

Havia uma grande família de coelhos, porque esta história começa quando ainda havia grandes famílias e porque os coelhos têm muitos irmãos. Também naquele tempo os coelhos viviam no campo.

Então o Coelho Azul nasceu pelado, numa toca cheia de coelhos de várias cores. A toca era feita de terra; portanto, todos viviam sujos.

O Coelho Azul foi o quinto a nascer. No total, eram seis filhotes, além dos pais. Oito coelhos vivendo num buraco na terra.

A paisagem era agradável, bonita para quem gosta de verde e marrom: muitas árvores altas, arbustos volumosos, um pequeno riacho sem cheiro de esgoto.

Algumas pessoas da cidade talvez sentissem falta de certas coisas: dos enormes prédios barulhentos, do trânsito, dos rios poluídos e dos muros pichados. Mas só algumas, bem poucas.

Então fica fácil entender por que o povo da cidade ia para lá passar as férias ou grandes feriados, como o Natal.


O campo, porém, não é apenas lugar de festas e fugas. Há gente que mora ali, como os coelhos. Pelo menos no tempo desta história, quando os coelhos ainda viviam no campo. Coelhos e pessoas. Tanto que lá havia uma grande casa, um dos nossos cenários.

No campo, onde a ação se passa, na verdade havia duas casas: uma enorme (até parecia um castelo), em que viviam pessoas, e outra pequena, um buraco no chão, cheio de coelhos.


Agora vou falar um pouco da família do Coelho Azul. Papai coelho era o maior do grupo, naturalmente. Grande e gordo, um verdadeiro GG de pelo cinza. Mamãe coelha era a segunda maior, branca e cansada de tomar conta de seis coelhinhos (dois brancos, dois cinzentos e dois brancos manchados de preto).


Felizmente, coelhos crescem rápido. Assim, economizamos tempo. Os desta história nasceram pelados, mas logo ficaram macios, felpudos. O Coelho Azul era um dos brancos.

Excetuando a cor e o tamanho, não há muito mais o que dizer das diferenças entre coelhos. Todos eles têm orelhas grandes, bigodes e patas longas. Talvez até a mamãe coelha tivesse dificuldade em saber quem era quem,


#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

mas devia distingui-los pelo cheiro. Quem sabe ela agisse como as mães de gêmeos?

Como não sei diferenciar gêmeos, nem vou tentar, mas você pode imaginar como se agesses casos. Pode até fazer um desenho, se preferir. Pode também colorir, se quiser.

Mas lembre-se: o Coelho Azul ainda é branco.

Agora vamos aos acontecimentos.

A gata e o cão

O Coelho Azul estava passeando um dia nas imediações da casa grande. Para ele, aquilo era realmente um castelo. Quem moraria num lugar assim? Provavelmente um rei.

Nosso herói tinha de descobrir. Então chegou mais perto. E mais perto. Foi daí que surgiu aquele velho e manjado ditado: “A curiosidade matou o coelho”.

É só um velho ditado, não se preocupe. Nosso herói não morreu. Estamos apenas no começo da história.

Então ele se aproximou. Chegou ao jardim da frente. Foi quando viu pela primeira vez a gata deitada na janela e pensou: “É o monte de pelos mais lindo do mundo”.

Pensou também em dizer isso a ela, que não o escutaria por causa do vidro da janela.



Assim, ficou lá parado, olhando até descobrir que também havia alguém olhando para ele.

Não sei se você já reparou, mas, quando alguém nos olha fixamente, em geral percebemos. Isso também vale para os animais.

Nesse momento, o Coelho Azul olhou para cima e viu, muito feliz sobre ele, uma grande cabeça de cachorro.

Talvez você me pergunte:

— E a gata? Ela também não notou que estava sendo olhada?

Bem, ela dormia (do contrário, isso mudaria totalmente a história).

Voltando ao problema do cachorro, sua cabeça não era gigantesca. Era uma cabeça de cachorro normal, mas, como o Coelho Azul não passava de um filhote, pouco menor que a tal cabeça, tudo lhe parecia enorme.

O cachorro era um pastor-alemão, que falou com sotaque estrangeiro:

— A curiosidade matou o coelho.

Vamos agora a algumas observações linguísticas que julgo importantes. Acredito que você já tenha notado, mas é bom confirmar: coelhos não entendem latidos, certo?


Sendo assim, o cachorro provavelmente tinha se dirigido ao nosso herói na língua dos coelhos, que chamaremos de *coelhês*. É por isso que ele tem sotaque estrangeiro, não por ser alemão, pois um pastor-alemão pode nascer em qualquer lugar do mundo. Talvez até numa nave espacial ou, quem sabe, na Lua, tanto faz.

Mas o pastor não dominava o *coelhês* muito bem. Conhecia uma ou outra palavra, só expressões muito simples. Ele disse “A curiosidade matou o coelho” como falamos “*The book is on the table*”. Digo mais, em seu caso, foi como se falasse “*Dê búqui is on dê teibol*”.

No entanto, até hoje ele me cobra os direitos autorais sobre a criação da frase. Uma verdadeira cachorrada.

O que importa, porém, é que o Coelho Azul entrou em pânico ao ouvir aquilo instantes antes de avistar a enorme cabeça e sair correndo na direção errada. Foi então que aconteceu o evento pelo qual todos esperavam: a mudança de cor.

Nosso herói correu o mais rápido que pôde, mas acabou encurralado entre seu perseguidor e uma pilha de material de construção. Como estava com muito medo, circunstância em que agimos impensadamente, ele começou a escalar

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



a pilha. Num átimo, chegou ao topo daquele monte de gesso, tijolos, canos e cimento.

Como todos sabem, tais pilhas normalmente têm formato de pirâmide, de modo que, após atingir o topo, o Coelho Azul tropeçou e caiu rolando para o outro lado. Ele só não se machucou por dois motivos: em primeiro lugar, porque a pilha tinha menos de meio metro (quase uma montanha para um filhote de coelho); em segundo, por ter caído dentro de uma lata de tinta vermelha. Mentira, era azul, eu estava apenas brincando.

Agora tratemos da grande sorte do Coelho Azul. A lata estava quase vazia (se estivesse cheia, ele teria se afogado). E o cachorro, mais esperto do que parecia, sabia que não podia comer aquele coelho pintado. Assim, oficialmente transformado em Coelho Azul, nosso herói conseguiu escapar.


Claro que você pode estar esperando mais detalhes de como ele fugiu. O Coelho Azul não


conseguia sair da lata, era necessário virá-la, balançando o corpo. Foi assim que acabou todo pintado. Quando a lata finalmente virou, ele zuniu para casa.

Na verdade, foi só ao entrar em casa que os irmãos passaram a chamá-lo de Coelho Azul.

E o nome pegou, como aqueles apelidos de que a gente não gosta.



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

Aves

Desde que viu a gata deitada na janela, o Coelho Azul não pensava em outra coisa. Como não conseguia pensar direito, não sabia o que fazer. Pediu então ajuda a seu pai.


— Pai, como eu faço pra falar com a gata deitada na janela da casa grande? — perguntou o Coelho Azul.

— É complicado — disse o pai —, gatas não costumam saber *coelhês*.

O Coelho Azul agora tinha duas coisas na cabeça: a imagem da gata deitada na janela e o seu problema linguístico.

Então se lembrou da história que ouviu de um de seus irmãos, sobre uma ave capaz de falar todas as línguas.

Sua missão agora era encontrar essa ave e pedir-lhe ajuda. Logo na manhã seguinte, saiu

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

procurando o tal papagaio. Encontrou-o numa árvore perto do riacho. Ele era verde, do tamanho do Coelho Azul.

— Ei, senhor Papagaio, pode me ajudar?
— perguntou o Coelho Azul.

— Ei, senhor Papagaio, pode me ajudar?
— respondeu o papagaio.

— Na verdade, sou o Coelho Azul — corrigiu nosso herói.

— Na verdade, sou o Coelho Azul — repetiu o papagaio.



— Por que está me imitando? — perguntou o coelho.

— Por que está me imitando? — retornou o papagaio.

— Não estou imitando, senhor Papagaio, eu falei primeiro.

— Arrrrrh, falei primeiro — disse a ave verde.

— Não, fui eu — protestou o coelho.

— Deixe-o, ele é um cabeça de vento, não sabe nada — aconselhou, empoleirada numa árvore, uma coruja-macho de cor marrom.

— Não sabe nada — disse o papagaio.

— Oh, você fala *coelhês*! — exclamou o Coelho Azul.

— Embora o normal seja o contrário, é bom sabermos a língua de nossa presa, quer dizer, de nossos vizinhos.

— Presa — repetiu o papagaio.

— Presa?

— Eu quis dizer “vizinhos”.

— Não sei, não. Escutei claramente “presa”.

— Presa — disse o papagaio.

— Escute, coelho, você faz ideia de quantas línguas eu falo?

— Não, senhor.

— Muitas. Às vezes, me atrapalho. “Presa” significa “vizinho” em... em...

— Em quê?

— Em *ratês*. Mas o que você queria com o papagaio?

— O que você queria com o papagaio? — repetiu o próprio.

— Queria que ele me ensinasse a falar com gatos. O senhor fala *gatês*?

— Desculpe-me, mas creio que nenhuma ave fala a língua dos gatos. Entenda, somos inimigos naturais.

— Inimigos naturais — disse o papagaio.

— Mesmo que soubéssemos, seria inútil. Quando um gato captura um de nós, ele não se

compadece, ainda que imploremos. Então, para que aprender? Gatos são predadores cruéis — explicou a coruja.

— Cruéis — repetiu o papagaio.

— Entendo, mas será que o senhor não conhece alguém capaz de me ajudar?

— Bem... Há uma grande cidade além do bosque. Lá você pode encontrar falantes de todas as línguas do mundo.

— Todas as línguas do mundo — disse o papagaio.

— Nossa! Todas as línguas do mundo? — exclamou o coelho.

— Sim — respondeu a coruja, que pousou bem perto do filhote.

— Como faço pra chegar lá?

— Hoje é seu dia de sorte. Na minha toca, por acaso, tenho um mapa. Vamos lá e eu mostro pra você — sugeriu a coruja.

— Dia de sorte — repetiu o papagaio.

Na toca da coruja

O Coelho Azul e a coruja deixaram o papagaio, que ficou repetindo “dia de sorte, dia de sorte”. Eles seguiram uma pequena trilha, bem lentamente, pois iam caminhando e as patas da coruja são bem curtinhas.

Se a coruja voasse, o Coelho Azul ficaria muito atrás e a perderia de vista. Então, para seguirem juntos, tinham de adotar uma velocidade média confortável para ambos.

Por fim, chegaram à toca, que ficava escondida entre os arbustos. O Coelho Azul achou aquilo estranho e disse:

— Pensei que os pássaros morassem em cima das árvores, não embaixo delas.

— A maioria faz isso mesmo, mas nem todos gostam de árvores. Muitos predadores

conseguem subir nelas. Algumas aves, como as águias, fazem ninhos no topo das montanhas; outras, em rochedos.

— Mas isso é um buraco, quase igual ao da minha família.

— Sim, pra você ver: nós, corujas, gostamos tanto de coelhos que moramos como vocês. Adoramos pequenos roedores. — Ao dizer isso, deu um grande sorriso.



Os dois foram entrando na toca, que, além da terra e pedrinhas, parecia ter pequenos pontos brilhantes espalhados pelo chão. Mas estava escuro e o Coelho Azul não conseguiu identificar o que eram.

— O que são essas coisas brilhantes?

— São lembranças que me deixaram alguns vizinhos em suas visitas — respondeu a coruja, dando em seguida uma pequena, estranha e assustadora gargalhada: — Huuu, huuu, huuu.

O Coelho Azul estava achando aquilo tudo muito esquisito. Porém ele continuou a acompanhar a ave até o fundo da toca, onde havia muito mais das coisinhas brilhantes. Chegando lá, seus olhos já tinham se acostumado à falta de luz; afinal, ele também vivia embaixo da terra.

— Onde está o mapa?

— Bem aqui — disse a coruja, mostrando um velho mapa sujo e rasgado. — Está bem danificado, mas dá para ver. Estamos aqui —

apontou com a asa. — Você tem de atravessar o riacho e andar mais um pouco até os trilhos. Mas preste atenção: o trem não vai parar, é você quem deve saltar para dentro dele, em movimento. Sua próxima parada já será na cidade.

— Muito obrigado, senhor Coruja. Então já vou indo, pois o caminho, pelo que vejo, é longo.

— Não tão rápido, coelhinho. — E a coruja tentou pular sobre nosso herói. No entanto, como o teto era muito baixo, o salto foi impreciso e o coelho escapou.

— Que foi isso? — perguntou o coelho.

— A curiosidade matou o coelho — disse a coruja e depois deu uma grande, estranha e assustadora gargalhada: — HUUU, hUUU, hUUU....

O Coelho Azul, que até se considerava inteligente, sacou que ele era a presa da coruja e que as coisinhas brilhantes eram ossos. No entanto, mais sortudo que inteligente, ele lembrou que, embora a coruja fosse veloz ao voar,



no solo ele era muito mais rápido. Como estavam numa toca, a vantagem era sua.

Então inventou um novo antigo ditado, que, por falta de testemunhas, não alcançou fama:

— As perninhas atrasam a coruja.

Dizendo isso, ele correu, sumindo da toca. Depois correu mais, até chegar em casa, onde finalmente se julgou a salvo.

O Coelho Azul falou com seus pais e seus irmãos. Disse que tinha de ir até a cidade aprender muitas coisas, depois voltaria. Eles tentaram dissuadi-lo da ideia, mas entenderam que a viagem era muito importante e deixaram que fosse. Até porque a história não teria muita graça se acabasse neste ponto, desta maneira.

Assim, o coelho arrumou uma trouxa com provisões e partiu em seguida.



Trilhas, trilhos, becos e bueiros

O Coelho Azul partiu em direção ao riacho. A princípio ia sozinho, mas, quando já estava mais próximo do curso d'água, outros animais se juntaram a ele: um coelho e um bando de esquilos. Como os esquilos conversavam entre si, os coelhos acharam conveniente fazer o mesmo.

— Aonde você está indo? — perguntou o Coelho Azul.

— Para a cidade, como os esquilos. Sabe, ultimamente todo mundo tem ido para lá, tentando melhorar de vida.

— Sério? Qual é o plano? — perguntou, surpreso, o Coelho Azul.

— Primeiro vamos para uma *pet shop*. De lá nos levam para uma boa casa.

— Interessante.

— E você?

— Quero aprender outras línguas. Na cidade falam todas as línguas do mundo — respondeu o Coelho Azul.

Por fim chegaram ao riacho. O Coelho Azul ficou preocupado, pois não sabia nadar, mas seu novo companheiro o tranquilizou:

— Pegamos uma carona com a tartaruga.

E assim fizeram. Tão demorada foi a travessia nas costas da tartaruga que, quando chegaram ao outro lado, o Coelho Azul havia crescido bastante, já não era um simples filhote.

O grupo seguiu viagem e foi ficando cada vez maior. Finalmente alcançaram os trilhos.

— O que faremos agora? — perguntou o Coelho Azul.



— Vamos esperar o trem. Quando chegar, corremos e entramos nele.

Esperaram algumas horas até que ouviram o barulho da locomotiva se aproximando. Então, quando o trem chegou bem perto de onde estavam, todos se aprontaram e saltaram.



Alguns não conseguiram embarcar no vagão em movimento, o que vinha a calhar. Afinal, embora fossem pequenos, magros e estivessem dispostos a se espremer, não havia espaço para todo mundo. Mas nosso herói, seu novo amigo coelho e mais algumas famílias de esquilos e ratos realizaram a proeza.

No trem, os passageiros trocavam histórias. Como o Coelho Azul ainda não falava outras línguas, só ficou conhecendo a história do outro coelho, que resolveu partir depois de ter sido abandonado pela família. Seu pai e seus irmãos mais velhos tinham ido para a cidade. Sendo ele o caçula, ficou com a mãe, que, no entanto, também sumiu certo dia. Ele então entendeu que era hora de seguir caminho e partiu na esperança de encontrá-los. É normal fazer essa viagem cheio de esperanças.

Depois de ouvir a história de seu companheiro, o Coelho Azul contou a sua. A mesma

que você está lendo, mas sem meus comentários e parando na metade, pois até aquele momento não tinha acontecido muita coisa.

Um dos ratos que viajavam no mesmo vagão entendia um pouco de *coelhês* e, tendo acompanhado toda a história do nosso herói, interrompeu-o dizendo três coisas:

— Vou fazer três observações — essa foi a primeira. — Outra é que você não conta sua história tão bem quanto o narrador, senhor Coelho — essa foi a segunda e me deixou bastante orgulhoso. Por fim, a terceira foi: — A última coisa é que acho que sei como ajudar. Assim que entrarmos na cidade, salte do trem. Você deve encontrar vários gatos de rua nos becos. Mas cuidado: eles podem pegar você. Se precisar fugir, procure um bueiro. Gatos não têm coragem de entrar no domínio dos ratos.

O Coelho Azul agradeceu sinceramente. Antes ele não sabia o que fazer, agora tinha um

bom plano. Claro que não gostou da crítica sobre sua falta de talento como contador de histórias. Para se redimir, criou um novo ditado, muito aplaudido por seu amigo coelho:

— Entre esquilos e ratos, coelhos são os mais orelhudos.

Isso pode não parecer muito inteligente, mas em *coelhês* soa muito bonito. Só faltou falar em queijo. “Queijo” em *coelhês* é a palavra mais bonita que existe. Por isso os coelhos preferem falar “queijo” a comer queijo. Entre os ratos é exatamente o contrário.

Entre esquilos e ratos, coelhos são os mais orelhudos

O Coelho Azul seguiu o conselho do rato. Despediu-se dele e do outro coelho, fez um aceno para quem não falava coelhês e desceu.

Logo na entrada da cidade não havia becos como os que o rato tinha descrito, mas, depois de andar algumas horas, o Coelho Azul encontrou um que parecia perfeito, com um grande bueiro no final. O único problema foi não haver gato algum.

Nosso herói avançou na esperança de achar algo. Quando percebeu que estava sendo observado, decidiu cair fora, mas, ao se virar, viu-se cercado por um bando de ratos empunhando palitos de dente usados.



Cheio de medo, o Coelho Azul tentou falar com eles, que nada entendiam. Nosso herói tampouco os compreendia, embora já tivesse sacado que, quando gritavam e brandiam os palitos de dente, ele devia recuar. Assim, encurralado entre a parede e a rataria, ele ouviu as sábias palavras:

— A curiosidade matou o coelho.



A princípio concordou, balançando a cabeça e achando que aquela era a voz de sua consciência. Depois estranhou que a consciência tivesse sotaque estrangeiro, o que costuma acontecer quando um bicho tenta falar a língua do outro. Nesse momento, avistou, sobre um saco de lixo, acima da multidão, um rato branco de olhos vermelhos. Entendeu por fim que aquele rato era o líder e que aquela frase marcava o início de uma competição de frases sábias.

— As perninhas atrasam a coruja — disse o Coelho Azul, aceitando o desafio. Talvez aquela fosse sua única chance de escapar.

Sem entender a língua em que seu líder e o coelho se comunicavam, os ratos passaram a acompanhar a disputa apenas pelas reações e expressões dos competidores. O rato branco, surpreso, encarou o coelho. Não esperava por aquilo, mas retomou a concentração e disse:

— Um papagaio paraguaio repete mais barato.

O Coelho Azul pensou um instante. Não se lembrava de muitos provérbios e o rato albino parecia um especialista. Portanto, teve de inventar:

— A coruja voa, mas vive num buraco.

O Coelho Azul compreendeu imediatamente que havia feito uma ótima jogada, mas o rato albino, mesmo percebendo quanto aquilo era inédito, conseguiu retrucar com a quase incomparável:

— Mais vale um pássaro voando do que na boca de um gato.



O rato demonstrava confiança, falava com convicção, à diferença do adversário, que tremia de nervoso. A gangue já tinha certeza da vitória e se preparava para avançar sobre o Coelho Azul quando nosso herói conseguiu reagir com a seguinte frase:

— Entre esquilos e ratos, coelhos são os mais orelhudos.

Os ratos se detiveram e fitaram seu líder à espera de uma reação, que não tardou a aparecer:



— Com os ratos ninguém pode: em seu reino, o gato perde os bigodes.

O rato albino era sem dúvida um adversário habilidoso, com muita chance de vencer quem quer que fosse. O Coelho Azul deu então sua última cartada e gritou:

— Queijo!

O rato albino perguntou:

— Onde? — e desse modo acabou perdendo o desafio, deixando logo transparecer a derrota pelo ar desolado.

Em seguida, todos os ratos abriram caminho para que seu líder se aproximasse do visitante vencedor.

— Meu nome é Cérebro. É a primeira vez que perco uma disputa dessas. Nunca ninguém havia conseguido me desconcentrar a tal ponto. E, mesmo sem entender uma palavra do que dissemos, jamais vi a plateia vibrar desse jeito. Quem é você?

— Sou o Coelho Azul, vim para a cidade aprender algumas coisas. Você foi o maior adversário que já encontrei; sem dúvida, uma inteligência assombrosa.

— Obrigado. Será uma honra recebê-lo em nossa casa. Talvez eu possa ensinar-lhe algo a fim de retribuir as lições de tão fabuloso campeão.

— Muito obrigado, Cérebro. Onde você aprendeu *coelhês*?

— Falemos disso lá embaixo.

— Lá embaixo?


— Sim, no bueiro, o reino dos ratos, onde os gatos não entram.


— Por quê?

— Você vai ver — respondeu Cérebro. — A pressa é inimiga das tartarugas.

— Essa é muito boa — disse o Coelho Azul.

— Obrigado!

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

Dominando o submundo

Uma vez no esgoto, o Coelho Azul foi convidado para jantar com Cérebro e os outros.

— Seja bem-vindo, Coelho. Eu havia prometido contar minha história, mas peço que conte primeiro a sua.

— Posso contar, mas o narrador faz isso melhor.

— É provável — concordou Cérebro —, mas quero ouvir você.

O Coelho Azul então contou novamente toda a história, sem meus comentários, avançando até o ponto em que estamos. Quando terminou, Cérebro disse:

— Você perguntou por que os gatos não vêm aqui. É por causa de nosso guardião, Rex.

O Coelho Azul imaginou logo um enorme cão que poderia lhe dar conselhos muito úteis,

então ficou feliz. Mas, quando olhou para trás, viu que se tratava de um jovem jacaré com quase um metro de comprimento.

Notando o pavor do Coelho Azul, Cérebro tranquilizou-o:

— Não se preocupe, ele não morde — explicou enquanto cochichava a senha “convidados” no ouvido do réptil —, serve apenas para espantar os gatos. Agora lhe contarei a minha história. Não sou como os outros ratos, não nasci aqui. Nasci e cresci em um laboratório, com animais



de outras espécies. Um deles era um coelho chamado Albert, que me ensinou o *coelhês*. Cresci vendo todos aqueles cientistas querendo descobrir coisas e dominar o mundo. Com eles, aprendi muito sobre o mundo inteiro, embora isso de nada me servisse, pois vivia preso naquele lugar.

Fugindo, eu provaria que era inteligente. Ademais, desejava testar minhas hipóteses sobre o mundo aqui fora. No entanto, os cientistas eram supervigilantes e as grades de minha gaiola, muito sólidas para serem quebradas — explicou o rato. E prosseguiu:

— Por sorte... nem acredito no que digo... por sorte havia um gato no laboratório. Como eu já havia estudado muito o comportamento das outras espécies, passei a provocá-lo todos os dias. Ele ficava louco ao ver minha cauda se agitando para fora das grades. Certa noite, sem conseguir se conter, o gato saltou sobre minha gaiola e a derrubou.



Com a queda, minha prisão se abriu e consegui escapar. O gato então veio para cima de mim, mas, da mesma forma que você ontem, eu também tinha um trunfo para emergências. Quando ele ia dar o bote, dirigi-lhe a palavra.

Entendendo algumas palavras de *ratês*, o gato, embora estivesse louco para me pegar, decidiu me dar ouvidos. O que eu disse, porém, acabou por desencorajá-lo:

— No seu lugar, não comeria um rato do meu tipo. Sou tóxico, fizeram muitos experimentos comigo, transformaram-me em puro veneno de gatos.


Por também viver no laboratório, o gato sabia que aplicavam injeções nas cobaias e, pelo sim, pelo não, decidiu se afastar. Quando me vi


a salvo, tentei soltar todos meus companheiros. “Talvez não consiga dominar o mundo”, pensei, “mas serei o líder de uma grande fuga” — lembrou Cérebro, antes de concluir:

— O problema foi que, antes que eu pudesse abrir qualquer gaiola, chegaram os humanos. Tive de fugir pela janela, deixando todos para trás. Pobre Albert, nem sei o que é dele agora.

* * *

Cérebro e o Coelho Azul ficaram bem amigos e, durante muitos e muitos dias, ensinaram coisas um ao outro. Cérebro, no início, ensinava basicamente *ratês*, o inglês dos esgotos, que até o Rex falava. Depois as aulas foram variando, incluindo história, geografia e estratégias de como escapar dos predadores.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

Atolados até as orelhas

Cérebro não era apenas um cientista; ele também conhecia muitas histórias e mantinha todos entretidos quando necessário.

Foi o que aconteceu quando houve aquela chuva que durou uma semana. Todos se preocuparam, pois a cidade alagava facilmente, e estavam no subsolo. No primeiro dia, ninguém ligou; no segundo, o susto era geral.

Cérebro teve de acalmar seus companheiros:

— Não se preocupem. Chove há apenas três dias, estamos muito seguros. Pode chover sem parar por até... trinta e nove dias.

Alguém perguntou:

— Por quê?

— Porque isso já aconteceu. Até trinta e nove dias tudo bem, mas, no quadragésimo dia de chuva, o mundo inunda.

E todos fizeram “ooh”.

— Então é isso. Só precisamos nos preocupar a partir do trigésimo nono dia.

Uma voz, no entanto, contestou:

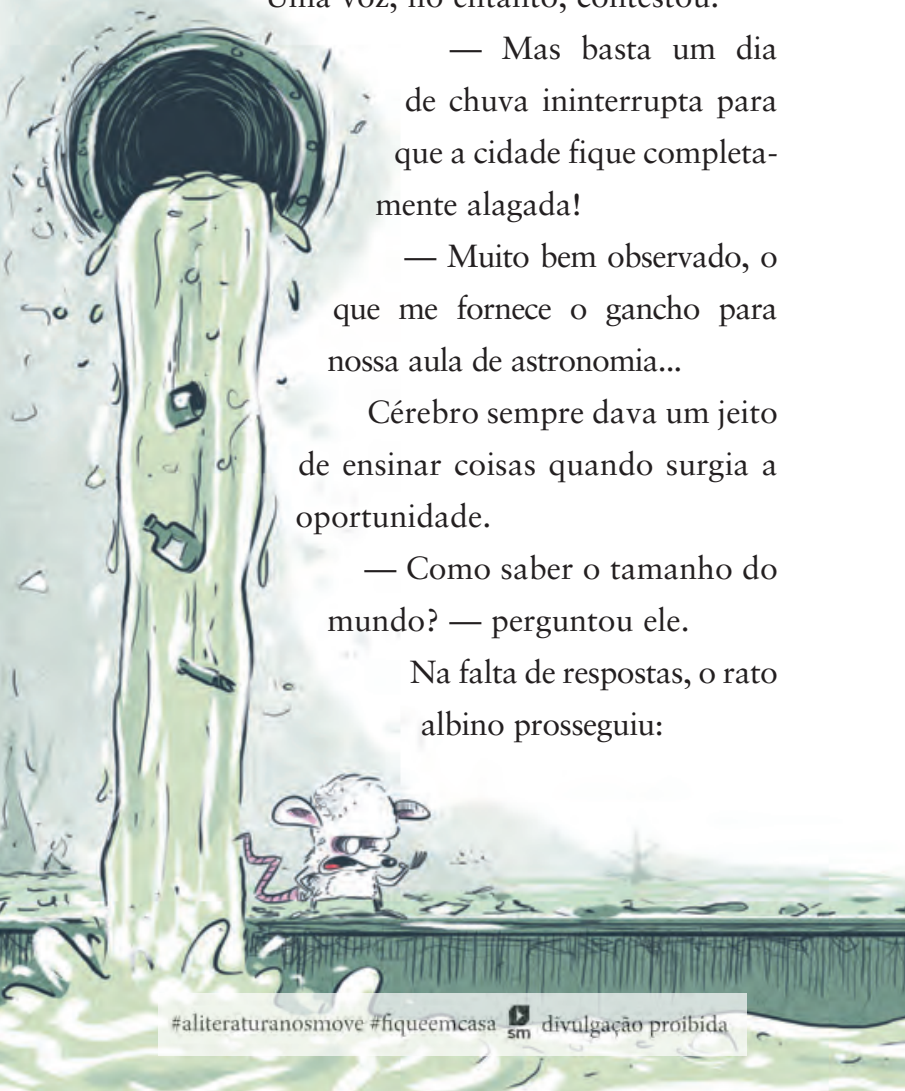
— Mas basta um dia de chuva ininterrupta para que a cidade fique completamente alagada!

— Muito bem observado, o que me fornece o gancho para nossa aula de astronomia...

Cérebro sempre dava um jeito de ensinar coisas quando surgia a oportunidade.

— Como saber o tamanho do mundo? — perguntou ele.

Na falta de respostas, o rato albino prosseguiu:



— Se um dia de chuva alaga a cidade e o mundo só fica alagado em quarenta dias de chuva, quem sabe dizer o tamanho do mundo?

— O mundo é do tamanho de quarenta cidades — respondeu prontamente o Coelho Azul.

— Muito bem, estou orgulhoso de você, Coelho Azul — disse Cérebro. — Mas nem todas as cidades têm o mesmo tamanho. O mundo mede quarenta cidades gigantescas como a nossa, que, de tão grande, pode até ser habitada por dinossauros.



— Há dinossauros aqui? — perguntou o Coelho Azul.

— Sim, claro. Nossa cidade tem todo tipo de habitante, até mesmo um dinossauro, numa das galerias do esgoto. Ele vive numa região muito profunda e guarda um tesouro de impressionante valor.

— É verdade — confirmou Rex. — Sempre que caem essas grandes chuvas, a água traz tesouros da superfície e eles se acumulam lá no fundo. Eu mesmo já vi o dinossauro.

— Como foi isso? — quis saber o Coelho Azul.


— Eu era ainda muito jovem, tinha acabado de chegar aqui. Foi antes de eu ser adotado pelos ratos. Estava explorando o lugar, e isso incluía nadar pelas regiões mais profundas. Avançava por uma galeria quando vi a sombra do bicho: enorme, o pescoço muito grande e o corpo musculoso.


— Esses dinossauros do pescoço ficam gigantescos. Eles não comem carne, mas podem até esmagar um jacaré pisando nele sem querer — explicou Cérebro.

— Exatamente — disse Rex. — Ele tinha um pescoço enorme e o corpo muito largo. Deve ser muito forte, por isso guarda todos os tesouros. O nome dele é Cérberus.

— Cérberus — repetiu o Coelho Azul —, o guardião dos tesouros profundos. Mas por que ele faz isso?

— São as funções da natureza. Nós, ratos, roemos. Gatos dormem. Cães latem. Coelhos não fazem nada. E dinossauros e dragões guardam tesouros — esclareceu Cérebro.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

Doce como um tesouro

Eram três aventureiros seguindo esgoto abaixo. Rex nadava, levando nas costas Cérebro e o Coelho Azul.

— Vocês têm certeza de que querem fazer isso? — perguntou o jacaré, amedrontado.

— É muito importante estudarmos o dinossauro. Ele guarda um tesouro que muito me interessa — insistiu Cérebro. — Eu o vi descer com a enxurrada quatro dias atrás.

Eles submergiram até as galerias mais obscuras, que mesmo os ratos exploradores não tinham coragem de investigar.

— Foi por aqui que o avistei — disse Rex. — Só um pouco mais adiante.

— Vamos com cuidado agora — aconselhou o Coelho Azul.

Quando avançaram mais, avistaram a sombra gigantesca, exatamente como Rex descrevera: uma sombra com um pescoço enorme e o corpo volumoso. Até Cérebro, apesar do espírito investigativo, sentiu-se assustado. O Coelho Azul, sobrevivente de tantas aventuras, achou que dessa vez não escaparia.



Mas os três bravos heróis não desistiram. O Coelho Azul tinha contado a história da coruja e de como um túnel pode atrapalhar quem precisa de muito espaço. Cérebro concordou que poderiam fugir facilmente e por isso decidiram continuar.

E continuaram. Passaram daquele ponto que ninguém jamais ultrapassou. Quando fizeram a última curva, a partir de onde se projetava a sombra do monstro, estranharam ver o lugar tão vazio.

— Onde está? — perguntou o Coelho Azul. E foi Cérebro quem respondeu:

— Lá!

Quando Rex e o Coelho Azul olharam, viram uma tartaruga contra a luz de uma lanterna. Uma tartaruga pequena, do tamanho do Coelho Azul. Menor que a boca do Rex.

— Onde está o tesouro? — indagou Cérebro.

— Que tesouro? — secundou Cérberus.

Todos eles conversavam em *ratês*, a língua mais falada no esgoto.

— Onde está o dinossauro? — perguntou, decepcionado, o Coelho Azul.

— Todo mundo só vai fazer perguntas? — reclamou Rex.

— Aqui não há tesouros nem dinossauros — cortou Cérberus. — Agora eu quero respostas. O que vocês fazem aqui?

— Viemos atrás de um dinossauro e de um tesouro — respondeu o Coelho Azul.

— Lá está o tesouro! — Cérebro apontou para um ponto brilhante no meio do lodo.

— Não é um tesouro. É a Dulcineia — explicou Cérberus.

— Quem? — perguntaram-lhe todos ao mesmo tempo.

— Dulcineia, minha namorada.



— Desculpe-me, senhor Cérberus, mas isso é uma lata — disse o Coelho Azul.

— Como sabem meu nome?

— Como uma lenda, sua história vem sendo passada por nós, ratos, há muitas gerações. Fico orgulhoso por ter liderado a expedição que descobriu o dinossauro do esgoto — vangloriou-se Cérebro.

— Estou aqui há tantos anos. Sempre sozinho. Nem imaginava que mais alguém vivia por perto.

— Por que nunca saiu para explorar as galerias? — quis saber Rex.

— Explorar? Sou uma tartaruga, levaria anos para explorar uma parte muito pequena. É mais vantajoso ficar aqui e recolher o que as águas trazem.

— Viram? Exatamente como minha explicação da natureza das espécies — vangloriou-se Cérebro de novo. — Mais uma vez provei que estava certo. No entanto, é preciso retornar. Deixem os outros tesouros, mandaremos um grupo buscá-los depois. Agora devemos partir apenas com a lata. Nós três sobre o Rex.

— O que vocês querem com a Dulcinea?
— perguntou a tartaruga.

— Você verá quando chegarmos. A pressa é inimiga das tartarugas — respondeu Cérebro.

Ao ouvir isso, Cérberus pareceu assustado, mas aceitou acompanhá-los. Todos fizeram como o rato albino dissera.

Quando chegaram à grande galeria dos ratos, Cérebro pegou um abridor de latas e afirmou:

— Esta é uma lata de leite condensado, um dos maiores tesouros que há na Terra. Vamos festejar.

* * *

Depois de alguns dias de comemoração, o Coelho Azul teve de partir. Ele precisava cumprir seus objetivos. Agora que já conhecia bichos de outras espécies e falava outras línguas, sentia que estava mais perto de conseguir.

Cérberus decidiu viver com os ratos. Não que fossem a melhor das companhias, mas estava cansado da solidão. Pegando uma carona no Rex, foi se despedir do Coelho Azul à saída do bueiro.



Quem também esteve lá foi Cérebro, que se despediu dizendo:

— Você é um grande aventureiro, Coelho Azul. Quando estiver em perigo, lembre-se disso. Apenas um grande herói poderia me vencer como você fez.

Os dois se abraçaram e o Coelho Azul partiu. Rex chorou algumas lágrimas de jacaré e disse:

— Esse é um grande cara.

E Cérberus, com sua experiência de séculos, concluiu:

— Entre esquilos e ratos, coelhos são os mais orelhudos.

O beco e o gato

Depois de se despedir, o Coelho Azul andou por algumas ruas e chegou a outro beco, dessa vez com um gato deitado à sombra.

— Olá, sou o Coelho Azul. Qual o seu nome?

— Nome? Pode me chamar só de Gato, sabe? Gatos de rua não têm nome. Cachorros às vezes têm, quando são adotados por um mendigo, por exemplo. Mas gatos são outra coisa. Somos independentes, sabe?

— Como assim, senhor Gato?

— Há dois tipos de gatos. Não, espere. Há só um tipo de gato, mas há duas formas de ser gato.

— Posso perguntar quais?

— Pode.

— Muito, muito obrigado.

— De nada.

— Então...



— Então o quê?

— Não vai me dizer quais são as duas formas de ser gato?

— Você não perguntou.

O Coelho Azul ficou pensando um pouco e não se lembrou mesmo de ter perguntado. Então não perdeu mais tempo:

— Quais as formas de ser gato?

— Está feliz?

— Feliz?

— Sim, feliz. Você queria perguntar, eu deixei e você perguntou.

— Na verdade, eu preferia que o senhor me respondesse quais são as formas de ser gato — disse tudo logo de uma vez para não correr o risco de ser novamente enganado.

— E por que você quer tanto aprender sobre gatos?

— Porque preciso falar com alguém da sua espécie.

— Alguém da minha espécie? Então fique contente, pois sou um gato e estamos conversando.

— Sim, fico feliz de falar com o senhor, seu Gato de rua. Mas preciso falar com mais alguém da sua espécie, um alguém específico.

— Huum — fez o gato —, muito suspeito. Você está de segredos comigo, isso não é bom. Lembre-se, senhor Coelho Azul, a curiosidade matou o coelho. — E, dizendo isso, o gato pôs as unhas para fora e saltou sobre o visitante.

Nosso bravo herói passou então a gritar assustado:

— É a minha vizinha, é a minha vizinha. Ela é uma gata muito, muito linda e eu queria falar com ela.

Obviamente, depois da confissão, o Coelho Azul quase se tornou o Coelho Vermelho de Vergonha, mas o gato o libertou. Não exatamente porque pretendesse fazê-lo, mas porque

a vontade de rir esgotou todas as suas forças, provocando uma enorme gargalhada:

— Hah
hah
hah
hah
hah.

Sim, uma gargalhada de cinco linhas, de rolar pelo chão. É claro que, quando terminou (por absoluta falta de fôlego), ele olhou novamente para a cara do Coelho Azul, retomou o ar e...



— Não falei que estava apaixonado — corrigiu o coelho, cheio de vergonha.

— Está bem, vou ajudar.

— Que bom!

— Mas antes você tem de me contar sua história.

E o Coelho Azul contou de novo toda a história. Dessa vez, contou melhor, embora não tão bem quanto eu. Na parte do cachorro, o gato comentou:

— Oh, sim! Cães são os animais mais infames.

— Os grandes e ferozes, sim. Também são assustadores.

— Eu não tenho medo, só me afasto por considerá-los animais inferiores. Você, no entanto, deve temer todos os animais grandes.

— Quando vivi no esgoto, andei de jacaré e enfrentei um dinossauro.

Se a declaração viesse de qualquer outro bicho, o gato não acreditaria, mas com aquele

coelho tudo era possível. Eu também, se um dia cruzasse num beco com um coelho azul falando *ratês*, acreditaria em cada palavra dele.

— Continue — disse o gato.

— Fugindo do cachorro, caí numa lata de tinta. Depois fui para casa e meu pai disse que eu teria de aprender *gatês* para falar com a gata. Como eu tinha ouvido falar de uma ave poliglota, fui atrás dela, que, na verdade, não sabia nada. Porém uma coruja me disse que na cidade eu acharia um professor de *gatês*. Então vim para cá e o Cérebro, com quem vivi um tempo no esgoto, me ensinou *ratês*. No esgoto conheci também Rex, o jacaré, e o dinossauro dos tesouros.

— Tesouros?

— Sim, valiosíssimos. Tesouros acumulados ao longo de muitas enchentes. Por causa deles fomos ao fundo do esgoto e chegamos ao covil do dinossauro.

— E conseguiram se apossar dos tesouros?

— Sim, fizemos vários dias de festa.


— Incrível. Você deve ser um super-herói.
Como aquele que fica verde, só que você é azul.


— Mais ou menos. Talvez você esteja certo,
não tinha pensado nisso. — O Coelho Azul
ficou feliz de saber que ele era um super-herói.



NOTA DO NARRADOR

No tempo desta história, no lugar de vampiros adolescentes que viram diamantes à luz do sol, havia um cientista que ficava verde e forte e quebrava tudo. Havia também outro cientista forte e azul, com aspecto bestial, e um terceiro, que se esticava todo e era amigo de um estranho monstro de pedra. Aparentemente, nas histórias, todo cientista ganhava superpoderes. Se em vez de narrador eu fosse cientista, talvez me desse bem. Lembro-me de outro cientista que ficava invisível. A mulher do cientista que esticava também ficava invisível. Parece que ficar invisível é o mais comum dos superpoderes. Se eu fosse cientista, talvez também ficasse invisível. Seria legal. Voar também seria legal. O Super-Homem tinha um monte de poderes — até o dom de voar, mas não ficava invisível. Não lembro se ele conseguia enxergar as coisas invisíveis, o que seria muito injusto, pois a única vantagem de quem fica invisível é não ser visto. Pensando bem, acho que eu sou invisível. O Super-Homem não era cientista, mas tinha roupa azul.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

A história do gato de rua

Depois de ouvir toda a história do Coelho Azul, o gato se deu por satisfeito e julgou que devia mesmo ajudá-lo.

— Agora sei que você merece saber toda a verdade sobre os gatos. Alguns de nós nascemos em boas casas, como a sua “amiga” — o gato usou aquele irritante gesto de aspas com os dedos —, e essa é uma das maneiras de ser gato: viver deitado numa janela sem se preocupar com coisa alguma. A outra maneira é ser gato de rua, como eu. Gatos de rua são sempre solitários, vivem por aí e não confiam em ninguém. Mas quem nasce na casa rica também pode perder tudo e acabar na rua, é claro. Por isso eu digo que os gatos têm instinto, sabe? Quando vão para a rua, tornam-se gatos de rua. Só levam um tempo para se acostumar. O contrário é mais difícil: não


conheço muitas histórias de gatos de rua que foram morar em grandes mansões.

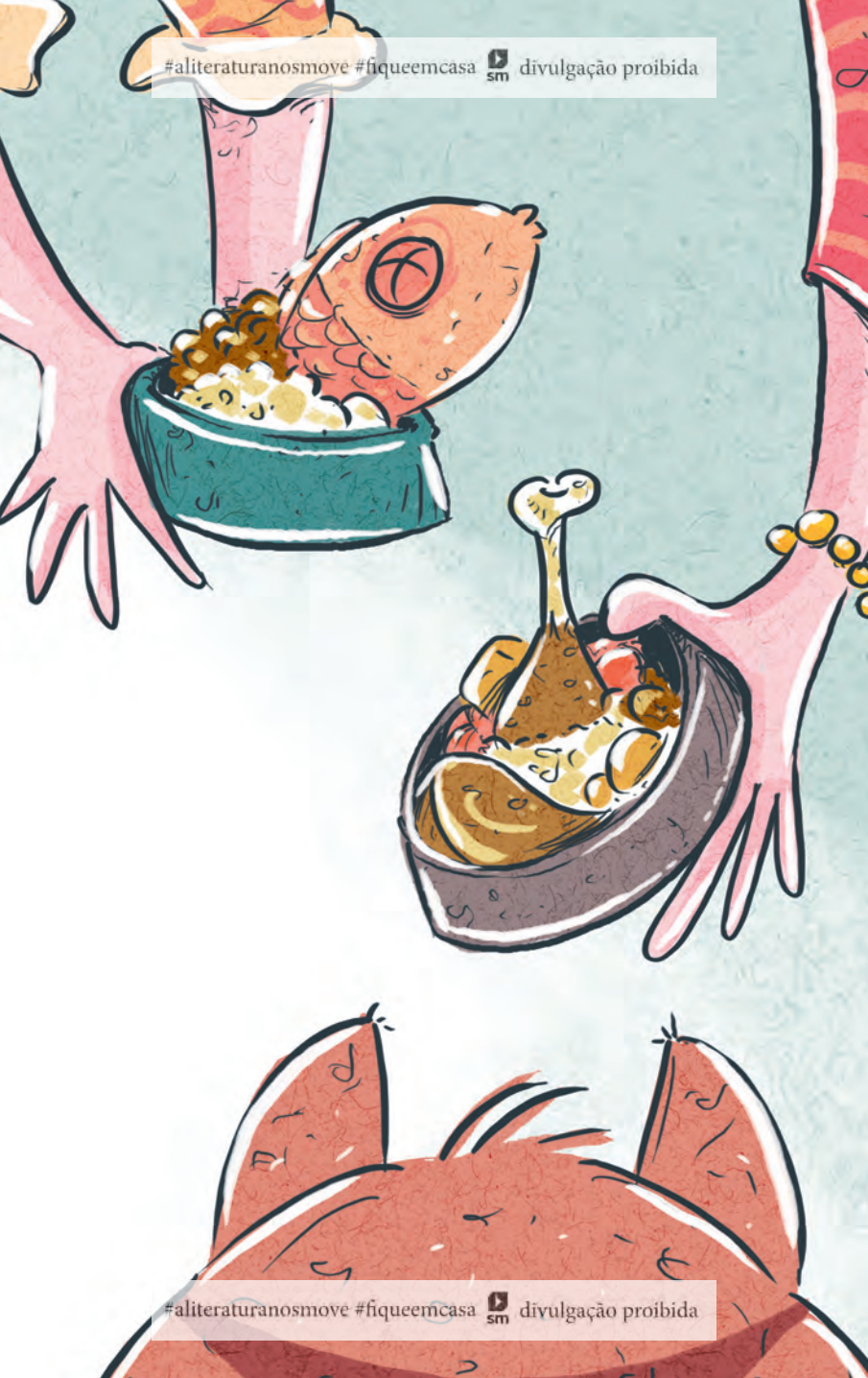
Na rua, exercitamos nossas principais habilidades: caçamos aves e ratos, o que, além de nos alimentar, nos dá certo prazer, admito. É nossa maior diversão. Mas também se vive de outros expedientes, sempre é possível tirar proveito de humanos bondosos, sobretudo de algumas senhoras.


Eu, por exemplo, vivo basicamente do que as senhoras me dão. Basta miar um pouco na porta delas (das que gostam de mim, claro). Sempre me dão de comer e beber e, para mostrar gratidão, enrosco-me em suas pernas. É importante deixar todas felizes. Sei que assim serei bem recebido no dia seguinte.

Às vezes, enquanto caminho pelos telhados, saltando muros, escuto a conversa delas. Uma diz: “Sabe o Bichano?”.

— Bichano? — perguntou o coelho.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

— É o nome que uso com elas. Nomes são importantes em alguns trabalhos, mas, tirando esses casos, prefiro que me chamem apenas de Gato. Então uma diz: “Sabe o Bichano? Ontem veio aqui e dei leite para ele. De tão feliz que ficou, veio se enroscar nas minhas pernas, demonstrando carinho”. E a outra responde: “É mesmo um gato muito carinhoso. Outro dia lhe dei sardinhas e ele ficou quase uma hora entre as minhas pernas.

Depois deitou bom tempo no meu colo e então foi embora”.

Faço de propósito: distribuo desigualmente os carinhos. Assim elas competem para ver quem me agrada mais.



Olhe para mim. Sou ou não sou o gato de rua mais bem cuidado desta cidade? Muitos fazem como eu, a diferença é que sou o melhor.

Eu poderia ensinar a você a melhor estratégia para conquistar sua amiga gata, o problema é que não a conheço. Se ela é mesmo tão linda, se merece tanto sacrifício, talvez valha a pena bolar um plano. Onde ela mora? Vou fazer uma visita e passar algum tempo com ela a fim de elaborar um manual de conquista — concluiu o gato.

Sem dúvida, era um caminho bem mais fácil do que o imaginado de início pelo Coelho Azul. Este, porém, se deteve, pensando se estava certo, se não soaria como trapalha. Além do quê, aquele sujeito não parecia confiável o bastante para passar uma longa temporada na casa grande, principalmente com a gata. Assim, depois de pensar melhor, o Coelho Azul decidiu que só queria mesmo

aprender *gatês* para falar com ela. Melhor fazer tudo honestamente, mesmo correndo o risco de fracassar.

O gato acabou desistindo de conhecer a pequena e passou dias e dias ensinando ao Coelho Azul a língua felina. Também lhe passou várias dicas de como sobreviver na cidade. Afinal, sem o auxílio dos ratos para alimentá-lo, o próprio Coelho Azul teve de recorrer à caridade das tais pessoas bondosas. Elas, no entanto, não lhe davam muita coisa, provavelmente pela falta de técnica do nosso herói na arte de mendigar. A parte dos carinhos ele não conseguia entender, nem mesmo teoricamente, talvez porque isso seja um traço de personalidade exclusivo dos gatos.

Como um velho ditado

O Coelho Azul saltou do trem naquele mesmo lugar perto do riacho. Cruzou com vários ratos e coelhos que estavam indo para a cidade. Perguntaram a ele se a cidade tinha sido boa e receberam a seguinte resposta:

— Nada trouxe de lá, mas conheci muitos seres interessantes e aprendi várias coisas. Fiz o que tinha de fazer e voltei.

Mesmo sem entender se a experiência do coelho tinha sido boa, os ratos e coelhos não pretendiam recuar. Então prosseguiram, cheios de planos e esperanças.

O Coelho Azul também continuou. Tendo aprendido a nadar, dispensou a carona da tartaruga. Caronas com o Rex valiam a pena, mas tartarugas, embora úteis como guardiães de tesouros, são muito lentas. Ele estava com pressa,

precisava correr. Muita coisa podia ter acontecido enquanto esteve fora.

No entanto, ao chegar, as coisas pareciam normais. A casa grande não mudara, exceto pela falta de material de construção no quintal. O jardim estava organizado, e a gata, deitada na janela. O Coelho Azul ficou muito feliz de vê-la, tanto que se deteve um tempo, só olhando.



Então (todos devem estar ansiosos por isso) reapareceu o grande cachorro, com seu péssimo *coelhês* (mas um pouco mais aprimorado).

— A curiosidade matou o coelho.

Então o Coelho Azul olhou para ele e disse:

— Queijo.

Foi usando logo de cara sua arma mais poderosa. Talvez você estranhe a precipitação; contudo, como já expliquei, o coelho tinha muita pressa. O cachorro também estranhou, menos pelo uso precipitado do trunfo do que pelo fato de não ter entendido. Achou o som daquela palavra muito bonito, mas só. Como eu disse, “queijo”, em *coelhês*, é uma palavra maravilhosa. No entanto, o vocabulário do cachorro era restrito, e a única coisa que ele pôde dizer em resposta foi:

— Não entendi.

Ao que o Coelho Azul retrucou:

— Já passei por uma coruja, um riacho, um trem, um exército de ratos, um jacaré, um

dinossauro e um gato. Não tenho tempo a perder com cães de guarda.

O cachorro ficou muito impressionado, disse “Ok” e foi roer um osso em sua casinha.



O Coelho Azul sentiu que era mesmo um super-herói e se dirigiu à entrada principal da casa grande. Entrou pela portinhola inferior, que devia ser usada por cães pequenos ou pela gata. Ele entrou na sala, subiu na janela e finalmente chegou bem perto de sua adorada.

— Oi! — disse o Coelho Azul em *gatês*.

— Oi! — respondeu a gata, que estranhou aquele coelho azul falando sua língua.

— Você é muito linda. Seu pelo parece tão sedoso...

— Eu sei, meu pelo é supermacio. E viu minhas unhas? Perfeitas!



Realmente eram. O Coelho Azul tentou conversar, mas ela não estava interessada. Queria apenas dormir, comer e afiar as unhas. Ainda assim, ele continuou a visitá-la por alguns dias. Até que se desiludiu.

Desnorteadado, saiu campo afora sem saber o que fazer. Todo seu esforço pareceu sem sentido: tanto sacrifício para nenhuma recompensa. De repente, perdeu a pressa que tinha. Sentou à beira do riacho e ficou olhando a tartaruga atravessar viajantes.

— Está pensando em voltar para a cidade? — perguntou uma coelhinha que parou a seu lado.



— Não sei. Caminhos em zigue-zague são tortos — respondeu o Coelho Azul.

— Nossa, que inteligente!

— Obrigado.

— Ouvi dizer que você aprendeu um monte de coisas na cidade e vejo que assim é.

— Sim, conheci muita gente sábia por lá. Ensinaram-me muitas coisas.

— Que bom! Também queria aprender um monte de coisas. Se voltar para lá, me avise. Quem sabe da próxima vez vou com você?

— Não se preocupe, eu aviso.

— Obrigada.

Ficaram um tempo em silêncio olhando o riacho.

— Por que a tartaruga atravessa os viajantes? — perguntou a coelha.

O Coelho Azul pensou uns segundos e falou:

— Não sei. A função das tartarugas costuma ser guardar tesouros. Cada espécie tem um lugar

no mundo e age em função disso. Talvez essa tartaruga ainda não tenha achado seu tesouro.

— E o que seria um tesouro para uma tartaruga?

O Coelho Azul pensou em Cérberus, que no princípio guardava tudo o que a correnteza trazia até se apaixonar por Dulcineia. Imaginou como ele devia estar vivendo com os ratos, longe de seu esconderijo, privado de tesouros.

— Acho que tesouro pode ser qualquer coisa, de uma lata a uma companheira.

O coelho continuou pensando. As únicas coisas que Cérberus conservou foram suas experiências e sua história. Talvez vivendo em grupo, ele mesmo e sua lenda tivessem se convertido em um novo tesouro, agora à prova d'água.

Ele sorriu, olhou para a coelha e disse:

— Ou talvez cada um só precise fazer aquilo que julga certo. Talvez a tartaruga tenha outro tesouro, invisível a nossos olhos.

— Curioso... — murmurou a coelha.

— Cuidado com a curiosidade, coelhinha.


A coelhinha riu. O Coelho Azul olhou para ela mais uma vez, depois novamente para o riacho e falou:


— Você não precisa ir à cidade. Se quiser, posso ensinar tudo o que aprendi aqui mesmo.

— Sério?

E o Coelho Azul respondeu:


— Tanto quanto um velho ditado.


#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



Thiago Irley nasceu em 1988, em Cajazeiras, Paraíba, e mudou-se para Curitiba aos 17 anos. Formado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, atualmente cursa Cinema na Faculdade de Artes do Paraná. Frequenta oficinas literárias gratuitas para fazer contatos e trocar ideias e é revisor de textos *freelancer*. Já foi jurado de um concurso de contos, ganhou alguns prêmios e obteve uma menção honrosa no Concurso de Contos Paulo Leminski, em 2010.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

Orlandeli é o nome artístico de Walmir Américo Orlandeli. Formado em Publicidade e Propaganda, atua desde 1994 como ilustrador e cartunista. É autor da revista *Grump* (troféu HQ Mix de Melhor Revista de Humor, 2002), do álbum *Sic*, coautor de *Humor pela paz e a falta que ela faz*, *Front* e *Central de Tiras*. Publicou trabalhos em diversos veículos (*Folha de S.Paulo*, revista *Época*, *Superinteressante* etc.) e foi premiado em salões nacionais e internacionais de humor.





TIPOLOGIA Sabon

PAPEL *Offset* 120 g/m²

O coelho que não sabia gatês



O coelho que não sabia gatês



© Thiago Irley (texto), 2012

© Orlandeli (ilustrações), 2012

Júri do Prêmio Barco a Vapor 2011

Fabio Weintraub, Fanny Abramovich, Ivana Arruda Leite,

João Luís Ceccantini, Maria Zélia Versiani Machado.

Gerência editorial Cláudia Ribeiro Mesquita

Edição e preparação Fabio Weintraub

Revisão Marcia Menin e Carla Mello Moreira

Assistência editorial Belisa Monteiro

Edição de arte Leonardo Carvalho

Produção editorial Alexander Maeda

Impressão Lis Gráfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Irley, Thiago

O coelho que não sabia gatês / Thiago Irley ; ilustrações Orlandeli. -- São Paulo : Edições SM, 2012. -- (Coleção barco a vapor. Série azul)

ISBN 978-85-418-0060-0

1. Ficção -- Literatura infantojuvenil

I. Orlandeli. II. Título. III. Série.

12-06426

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5

2. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Faixas etárias de leitura elaboradas a partir das categorias sugeridas por Nelly Novaes Coelho.

1ª edição agosto de 2012

2ª impressão, 2013

Todos os direitos reservados a

EDIÇÕES SM

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55

Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil

Tel.: 11 2111 7400

www.edicoessm.com.br

O coelho que não sabia **gatês**

Thiago Irley

ilustrações Orlandeli

Prêmio ✨ Barco a Vapor 2011




Para Camila Oliveira,
a quem devo este livro
e muito mais.


Sumário

O Coelho Azul	7
A gata e o cão	13
Aves	21
Na toca da coruja	27
Trilhas, trilhos, becos e bueiros	33
Entre esquilos e ratos, coelhos são os mais orelhudos	39
Dominando o submundo.....	47
Atolados até as orelhas	53
Doce como um tesouro	59
O beco e o gato	67
A história do gato de rua	77
Como um velho ditado	83



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

O Coelho Azul

O Coelho Azul não é azul. Ainda não. Ele nasceu um coelho normal. Isso não significa muito, pois foi seu caminho que o fez ficar assim. Claro que todos já sabiam disso: ninguém nasce azul.

Havia uma grande família de coelhos, porque esta história começa quando ainda havia grandes famílias e porque os coelhos têm muitos irmãos. Também naquele tempo os coelhos viviam no campo.

Então o Coelho Azul nasceu pelado, numa toca cheia de coelhos de várias cores. A toca era feita de terra; portanto, todos viviam sujos.

O Coelho Azul foi o quinto a nascer. No total, eram seis filhotes, além dos pais. Oito coelhos vivendo num buraco na terra.

A paisagem era agradável, bonita para quem gosta de verde e marrom: muitas árvores altas, arbustos volumosos, um pequeno riacho sem cheiro de esgoto.

Algumas pessoas da cidade talvez sentissem falta de certas coisas: dos enormes prédios barulhentos, do trânsito, dos rios poluídos e dos muros pichados. Mas só algumas, bem poucas.

Então fica fácil entender por que o povo da cidade ia para lá passar as férias ou grandes feriados, como o Natal.


O campo, porém, não é apenas lugar de festas e fugas. Há gente que mora ali, como os coelhos. Pelo menos no tempo desta história, quando os coelhos ainda viviam no campo. Coelhos e pessoas. Tanto que lá havia uma grande casa, um dos nossos cenários.

No campo, onde a ação se passa, na verdade havia duas casas: uma enorme (até parecia um castelo), em que viviam pessoas, e outra pequena, um buraco no chão, cheio de coelhos.


Agora vou falar um pouco da família do Coelho Azul. Papai coelho era o maior do grupo, naturalmente. Grande e gordo, um verdadeiro GG de pelo cinza. Mamãe coelha era a segunda maior, branca e cansada de tomar conta de seis coelhinhos (dois brancos, dois cinzentos e dois brancos manchados de preto).


Felizmente, coelhos crescem rápido. Assim, economizamos tempo. Os desta história nasceram pelados, mas logo ficaram macios, felpudos. O Coelho Azul era um dos brancos.

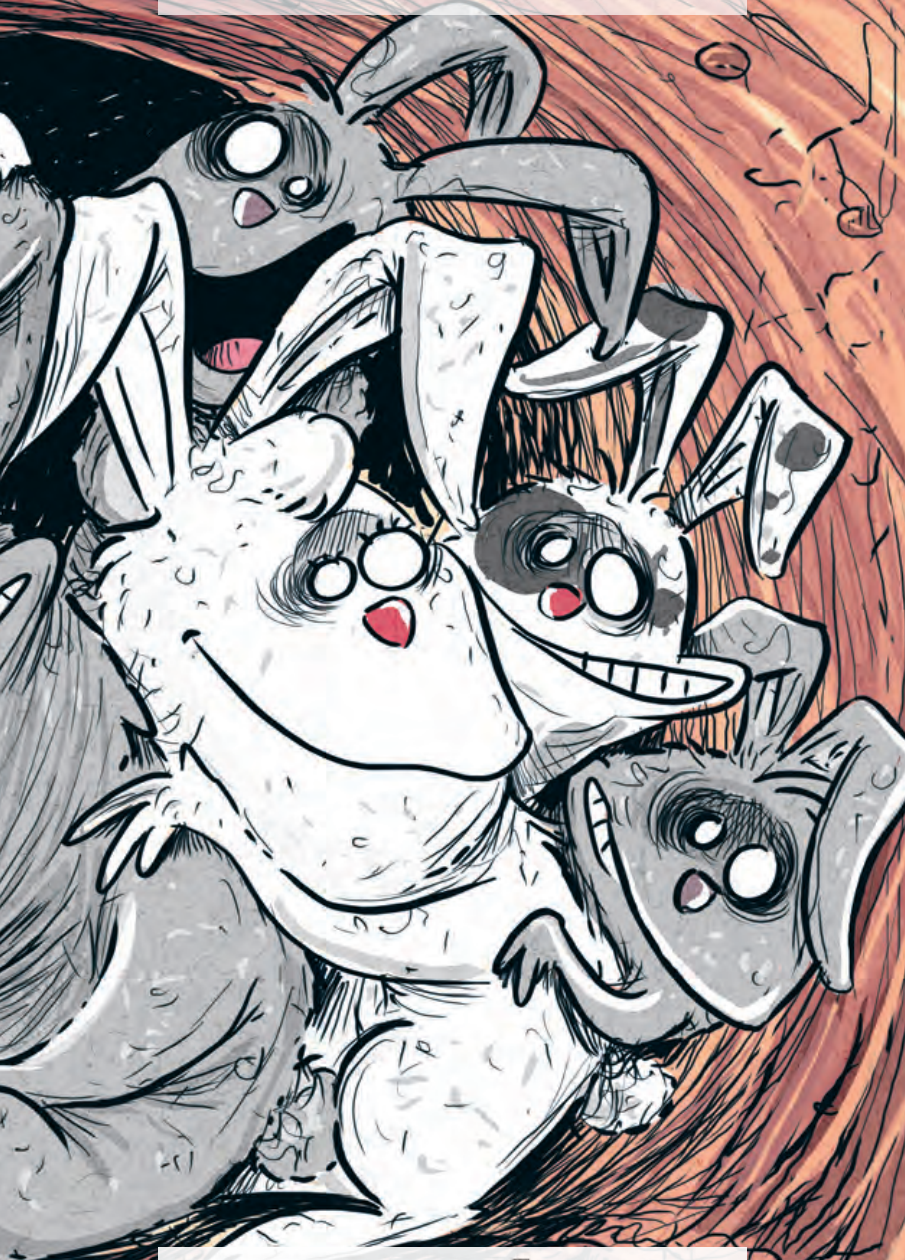
Excetuando a cor e o tamanho, não há muito mais o que dizer das diferenças entre coelhos. Todos eles têm orelhas grandes, bigodes e patas longas. Talvez até a mamãe coelha tivesse dificuldade em saber quem era quem,


#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

mas devia distingui-los pelo cheiro. Quem sabe ela agisse como as mães de gêmeos?

Como não sei diferenciar gêmeos, nem vou tentar, mas você pode imaginar como se agesses casos. Pode até fazer um desenho, se preferir. Pode também colorir, se quiser.

Mas lembre-se: o Coelho Azul ainda é branco.

Agora vamos aos acontecimentos.

A gata e o cão

O Coelho Azul estava passeando um dia nas imediações da casa grande. Para ele, aquilo era realmente um castelo. Quem moraria num lugar assim? Provavelmente um rei.

Nosso herói tinha de descobrir. Então chegou mais perto. E mais perto. Foi daí que surgiu aquele velho e manjado ditado: “A curiosidade matou o coelho”.

É só um velho ditado, não se preocupe. Nosso herói não morreu. Estamos apenas no começo da história.

Então ele se aproximou. Chegou ao jardim da frente. Foi quando viu pela primeira vez a gata deitada na janela e pensou: “É o monte de pelos mais lindo do mundo”.

Pensou também em dizer isso a ela, que não o escutaria por causa do vidro da janela.



Assim, ficou lá parado, olhando até descobrir que também havia alguém olhando para ele.

Não sei se você já reparou, mas, quando alguém nos olha fixamente, em geral percebemos. Isso também vale para os animais.

Nesse momento, o Coelho Azul olhou para cima e viu, muito feliz sobre ele, uma grande cabeça de cachorro.

Talvez você me pergunte:

— E a gata? Ela também não notou que estava sendo olhada?

Bem, ela dormia (do contrário, isso mudaria totalmente a história).

Voltando ao problema do cachorro, sua cabeça não era gigantesca. Era uma cabeça de cachorro normal, mas, como o Coelho Azul não passava de um filhote, pouco menor que a tal cabeça, tudo lhe parecia enorme.

O cachorro era um pastor-alemão, que falou com sotaque estrangeiro:

— A curiosidade matou o coelho.

Vamos agora a algumas observações linguísticas que julgo importantes. Acredito que você já tenha notado, mas é bom confirmar: coelhos não entendem latidos, certo?

Sendo assim, o cachorro provavelmente tinha se dirigido ao nosso herói na língua dos coelhos, que chamaremos de *coelhês*. É por isso que ele tem sotaque estrangeiro, não por ser alemão, pois um pastor-alemão pode nascer em qualquer lugar do mundo. Talvez até numa nave espacial ou, quem sabe, na Lua, tanto faz.

Mas o pastor não dominava o *coelhês* muito bem. Conhecia uma ou outra palavra, só expressões muito simples. Ele disse “A curiosidade matou o coelho” como falamos “*The book is on the table*”. Digo mais, em seu caso, foi como se falasse “*Dê búqui is on dê teibol*”.

No entanto, até hoje ele me cobra os direitos autorais sobre a criação da frase. Uma verdadeira cachorrada.

O que importa, porém, é que o Coelho Azul entrou em pânico ao ouvir aquilo instantes antes de avistar a enorme cabeça e sair correndo na direção errada. Foi então que aconteceu o evento pelo qual todos esperavam: a mudança de cor.

Nosso herói correu o mais rápido que pôde, mas acabou encurralado entre seu perseguidor e uma pilha de material de construção. Como estava com muito medo, circunstância em que agimos impensadamente, ele começou a escalar

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



a pilha. Num átimo, chegou ao topo daquele monte de gesso, tijolos, canos e cimento.

Como todos sabem, tais pilhas normalmente têm formato de pirâmide, de modo que, após atingir o topo, o Coelho Azul tropeçou e caiu rolando para o outro lado. Ele só não se machucou por dois motivos: em primeiro lugar, porque a pilha tinha menos de meio metro (quase uma montanha para um filhote de coelho); em segundo, por ter caído dentro de uma lata de tinta vermelha. Mentira, era azul, eu estava apenas brincando.

Agora tratemos da grande sorte do Coelho Azul. A lata estava quase vazia (se estivesse cheia, ele teria se afogado). E o cachorro, mais esperto do que parecia, sabia que não podia comer aquele coelho pintado. Assim, oficialmente transformado em Coelho Azul, nosso herói conseguiu escapar.


Claro que você pode estar esperando mais detalhes de como ele fugiu. O Coelho Azul não


conseguia sair da lata, era necessário virá-la, balançando o corpo. Foi assim que acabou todo pintado. Quando a lata finalmente virou, ele zuniu para casa.

Na verdade, foi só ao entrar em casa que os irmãos passaram a chamá-lo de Coelho Azul.

E o nome pegou, como aqueles apelidos de que a gente não gosta.



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

Aves

Desde que viu a gata deitada na janela, o Coelho Azul não pensava em outra coisa. Como não conseguia pensar direito, não sabia o que fazer. Pediu então ajuda a seu pai.


— Pai, como eu faço pra falar com a gata deitada na janela da casa grande? — perguntou o Coelho Azul.

— É complicado — disse o pai —, gatas não costumam saber *coelhês*.

O Coelho Azul agora tinha duas coisas na cabeça: a imagem da gata deitada na janela e o seu problema linguístico.

Então se lembrou da história que ouviu de um de seus irmãos, sobre uma ave capaz de falar todas as línguas.

Sua missão agora era encontrar essa ave e pedir-lhe ajuda. Logo na manhã seguinte, saiu

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

procurando o tal papagaio. Encontrou-o numa árvore perto do riacho. Ele era verde, do tamanho do Coelho Azul.

— Ei, senhor Papagaio, pode me ajudar?
— perguntou o Coelho Azul.

— Ei, senhor Papagaio, pode me ajudar?
— respondeu o papagaio.

— Na verdade, sou o Coelho Azul — corrigiu nosso herói.

— Na verdade, sou o Coelho Azul — repetiu o papagaio.



— Por que está me imitando? — perguntou o coelho.

— Por que está me imitando? — retornou o papagaio.

— Não estou imitando, senhor Papagaio, eu falei primeiro.

— Arrrrrh, falei primeiro — disse a ave verde.

— Não, fui eu — protestou o coelho.

— Deixe-o, ele é um cabeça de vento, não sabe nada — aconselhou, empoleirada numa árvore, uma coruja-macho de cor marrom.

— Não sabe nada — disse o papagaio.

— Oh, você fala *coelhês*! — exclamou o Coelho Azul.

— Embora o normal seja o contrário, é bom sabermos a língua de nossa presa, quer dizer, de nossos vizinhos.

— Presa — repetiu o papagaio.

— Presa?

— Eu quis dizer “vizinhos”.

— Não sei, não. Escutei claramente “presa”.

— Presa — disse o papagaio.

— Escute, coelho, você faz ideia de quantas línguas eu falo?

— Não, senhor.

— Muitas. Às vezes, me atrapalho. “Presa” significa “vizinho” em... em...

— Em quê?

— Em *ratês*. Mas o que você queria com o papagaio?

— O que você queria com o papagaio? — repetiu o próprio.

— Queria que ele me ensinasse a falar com gatos. O senhor fala *gatês*?

— Desculpe-me, mas creio que nenhuma ave fala a língua dos gatos. Entenda, somos inimigos naturais.

— Inimigos naturais — disse o papagaio.

— Mesmo que soubéssemos, seria inútil. Quando um gato captura um de nós, ele não se

compadece, ainda que imploremos. Então, para que aprender? Gatos são predadores cruéis — explicou a coruja.

— Cruéis — repetiu o papagaio.

— Entendo, mas será que o senhor não conhece alguém capaz de me ajudar?

— Bem... Há uma grande cidade além do bosque. Lá você pode encontrar falantes de todas as línguas do mundo.

— Todas as línguas do mundo — disse o papagaio.

— Nossa! Todas as línguas do mundo? — exclamou o coelho.

— Sim — respondeu a coruja, que pousou bem perto do filhote.

— Como faço pra chegar lá?

— Hoje é seu dia de sorte. Na minha toca, por acaso, tenho um mapa. Vamos lá e eu mostro pra você — sugeriu a coruja.

— Dia de sorte — repetiu o papagaio.

Na toca da coruja

O Coelho Azul e a coruja deixaram o papagaio, que ficou repetindo “dia de sorte, dia de sorte”. Eles seguiram uma pequena trilha, bem lentamente, pois iam caminhando e as patas da coruja são bem curtinhas.

Se a coruja voasse, o Coelho Azul ficaria muito atrás e a perderia de vista. Então, para seguirem juntos, tinham de adotar uma velocidade média confortável para ambos.

Por fim, chegaram à toca, que ficava escondida entre os arbustos. O Coelho Azul achou aquilo estranho e disse:

— Pensei que os pássaros morassem em cima das árvores, não embaixo delas.

— A maioria faz isso mesmo, mas nem todos gostam de árvores. Muitos predadores

conseguem subir nelas. Algumas aves, como as águias, fazem ninhos no topo das montanhas; outras, em rochedos.

— Mas isso é um buraco, quase igual ao da minha família.

— Sim, pra você ver: nós, corujas, gostamos tanto de coelhos que moramos como vocês. Adoramos pequenos roedores. — Ao dizer isso, deu um grande sorriso.



Os dois foram entrando na toca, que, além da terra e pedrinhas, parecia ter pequenos pontos brilhantes espalhados pelo chão. Mas estava escuro e o Coelho Azul não conseguiu identificar o que eram.

— O que são essas coisas brilhantes?

— São lembranças que me deixaram alguns vizinhos em suas visitas — respondeu a coruja, dando em seguida uma pequena, estranha e assustadora gargalhada: — HUUU, hUUU, hUUU.

O Coelho Azul estava achando aquilo tudo muito esquisito. Porém ele continuou a acompanhar a ave até o fundo da toca, onde havia muito mais das coisinhas brilhantes. Chegando lá, seus olhos já tinham se acostumado à falta de luz; afinal, ele também vivia embaixo da terra.

— Onde está o mapa?

— Bem aqui — disse a coruja, mostrando um velho mapa sujo e rasgado. — Está bem danificado, mas dá para ver. Estamos aqui —

apontou com a asa. — Você tem de atravessar o riacho e andar mais um pouco até os trilhos. Mas preste atenção: o trem não vai parar, é você quem deve saltar para dentro dele, em movimento. Sua próxima parada já será na cidade.

— Muito obrigado, senhor Coruja. Então já vou indo, pois o caminho, pelo que vejo, é longo.

— Não tão rápido, coelhinho. — E a coruja tentou pular sobre nosso herói. No entanto, como o teto era muito baixo, o salto foi impreciso e o coelho escapou.

— Que foi isso? — perguntou o coelho.

— A curiosidade matou o coelho — disse a coruja e depois deu uma grande, estranha e assustadora gargalhada: — HUUU, hUUU, hUUU....

O Coelho Azul, que até se considerava inteligente, sacou que ele era a presa da coruja e que as coisinhas brilhantes eram ossos. No entanto, mais sortudo que inteligente, ele lembrou que, embora a coruja fosse veloz ao voar,



no solo ele era muito mais rápido. Como estavam numa toca, a vantagem era sua.

Então inventou um novo antigo ditado, que, por falta de testemunhas, não alcançou fama:

— As perninhas atrasam a coruja.

Dizendo isso, ele correu, sumindo da toca. Depois correu mais, até chegar em casa, onde finalmente se julgou a salvo.

O Coelho Azul falou com seus pais e seus irmãos. Disse que tinha de ir até a cidade aprender muitas coisas, depois voltaria. Eles tentaram dissuadi-lo da ideia, mas entenderam que a viagem era muito importante e deixaram que fosse. Até porque a história não teria muita graça se acabasse neste ponto, desta maneira.

Assim, o coelho arrumou uma trouxa com provisões e partiu em seguida.



Trilhas, trilhos, becos e bueiros

O Coelho Azul partiu em direção ao riacho. A princípio ia sozinho, mas, quando já estava mais próximo do curso d'água, outros animais se juntaram a ele: um coelho e um bando de esquilos. Como os esquilos conversavam entre si, os coelhos acharam conveniente fazer o mesmo.

— Aonde você está indo? — perguntou o Coelho Azul.

— Para a cidade, como os esquilos. Sabe, ultimamente todo mundo tem ido para lá, tentando melhorar de vida.

— Sério? Qual é o plano? — perguntou, surpreso, o Coelho Azul.

— Primeiro vamos para uma *pet shop*. De lá nos levam para uma boa casa.

— Interessante.

— E você?

— Quero aprender outras línguas. Na cidade falam todas as línguas do mundo — respondeu o Coelho Azul.

Por fim chegaram ao riacho. O Coelho Azul ficou preocupado, pois não sabia nadar, mas seu novo companheiro o tranquilizou:

— Pegamos uma carona com a tartaruga.

E assim fizeram. Tão demorada foi a travessia nas costas da tartaruga que, quando chegaram ao outro lado, o Coelho Azul havia crescido bastante, já não era um simples filhote.

O grupo seguiu viagem e foi ficando cada vez maior. Finalmente alcançaram os trilhos.

— O que faremos agora? — perguntou o Coelho Azul.



— Vamos esperar o trem. Quando chegar, corremos e entramos nele.

Esperaram algumas horas até que ouviram o barulho da locomotiva se aproximando. Então, quando o trem chegou bem perto de onde estavam, todos se aprontaram e saltaram.



Alguns não conseguiram embarcar no vagão em movimento, o que vinha a calhar. Afinal, embora fossem pequenos, magros e estivessem dispostos a se espremer, não havia espaço para todo mundo. Mas nosso herói, seu novo amigo coelho e mais algumas famílias de esquilos e ratos realizaram a proeza.

No trem, os passageiros trocavam histórias. Como o Coelho Azul ainda não falava outras línguas, só ficou conhecendo a história do outro coelho, que resolveu partir depois de ter sido abandonado pela família. Seu pai e seus irmãos mais velhos tinham ido para a cidade. Sendo ele o caçula, ficou com a mãe, que, no entanto, também sumiu certo dia. Ele então entendeu que era hora de seguir caminho e partiu na esperança de encontrá-los. É normal fazer essa viagem cheio de esperanças.

Depois de ouvir a história de seu companheiro, o Coelho Azul contou a sua. A mesma

que você está lendo, mas sem meus comentários e parando na metade, pois até aquele momento não tinha acontecido muita coisa.

Um dos ratos que viajavam no mesmo vagão entendia um pouco de *coelhês* e, tendo acompanhado toda a história do nosso herói, interrompeu-o dizendo três coisas:

— Vou fazer três observações — essa foi a primeira. — Outra é que você não conta sua história tão bem quanto o narrador, senhor Coelho — essa foi a segunda e me deixou bastante orgulhoso. Por fim, a terceira foi: — A última coisa é que acho que sei como ajudar. Assim que entrarmos na cidade, salte do trem. Você deve encontrar vários gatos de rua nos becos. Mas cuidado: eles podem pegar você. Se precisar fugir, procure um bueiro. Gatos não têm coragem de entrar no domínio dos ratos.

O Coelho Azul agradeceu sinceramente. Antes ele não sabia o que fazer, agora tinha um

bom plano. Claro que não gostou da crítica sobre sua falta de talento como contador de histórias. Para se redimir, criou um novo ditado, muito aplaudido por seu amigo coelho:

— Entre esquilos e ratos, coelhos são os mais orelhudos.

Isso pode não parecer muito inteligente, mas em *coelhês* soa muito bonito. Só faltou falar em queijo. “Queijo” em *coelhês* é a palavra mais bonita que existe. Por isso os coelhos preferem falar “queijo” a comer queijo. Entre os ratos é exatamente o contrário.

Entre esquilos e ratos, coelhos são os mais orelhudos

O Coelho Azul seguiu o conselho do rato. Despediu-se dele e do outro coelho, fez um aceno para quem não falava coelhês e desceu.

Logo na entrada da cidade não havia becos como os que o rato tinha descrito, mas, depois de andar algumas horas, o Coelho Azul encontrou um que parecia perfeito, com um grande bueiro no final. O único problema foi não haver gato algum.

Nosso herói avançou na esperança de achar algo. Quando percebeu que estava sendo observado, decidiu cair fora, mas, ao se virar, viu-se cercado por um bando de ratos empunhando palitos de dente usados.



Cheio de medo, o Coelho Azul tentou falar com eles, que nada entendiam. Nosso herói tampouco os compreendia, embora já tivesse sacado que, quando gritavam e brandiam os palitos de dente, ele devia recuar. Assim, encurralado entre a parede e a rataria, ele ouviu as sábias palavras:

— A curiosidade matou o coelho.



A princípio concordou, balançando a cabeça e achando que aquela era a voz de sua consciência. Depois estranhou que a consciência tivesse sotaque estrangeiro, o que costuma acontecer quando um bicho tenta falar a língua do outro. Nesse momento, avistou, sobre um saco de lixo, acima da multidão, um rato branco de olhos vermelhos. Entendeu por fim que aquele rato era o líder e que aquela frase marcava o início de uma competição de frases sábias.

— As perninhas atrasam a coruja — disse o Coelho Azul, aceitando o desafio. Talvez aquela fosse sua única chance de escapar.

Sem entender a língua em que seu líder e o coelho se comunicavam, os ratos passaram a acompanhar a disputa apenas pelas reações e expressões dos competidores. O rato branco, surpreso, encarou o coelho. Não esperava por aquilo, mas retomou a concentração e disse:

— Um papagaio paraguaio repete mais barato.

O Coelho Azul pensou um instante. Não se lembrava de muitos provérbios e o rato albino parecia um especialista. Portanto, teve de inventar:

— A coruja voa, mas vive num buraco.

O Coelho Azul compreendeu imediatamente que havia feito uma ótima jogada, mas o rato albino, mesmo percebendo quanto aquilo era inédito, conseguiu retrucar com a quase incomparável:

— Mais vale um pássaro voando do que na boca de um gato.



O rato demonstrava confiança, falava com convicção, à diferença do adversário, que tremia de nervoso. A gangue já tinha certeza da vitória e se preparava para avançar sobre o Coelho Azul quando nosso herói conseguiu reagir com a seguinte frase:

— Entre esquilos e ratos, coelhos são os mais orelhudos.

Os ratos se detiveram e fitaram seu líder à espera de uma reação, que não tardou a aparecer:



— Com os ratos ninguém pode: em seu reino, o gato perde os bigodes.

O rato albino era sem dúvida um adversário habilidoso, com muita chance de vencer quem quer que fosse. O Coelho Azul deu então sua última cartada e gritou:

— Queijo!

O rato albino perguntou:

— Onde? — e desse modo acabou perdendo o desafio, deixando logo transparecer a derrota pelo ar desolado.

Em seguida, todos os ratos abriram caminho para que seu líder se aproximasse do visitante vencedor.

— Meu nome é Cérebro. É a primeira vez que perco uma disputa dessas. Nunca ninguém havia conseguido me desconcentrar a tal ponto. E, mesmo sem entender uma palavra do que dissemos, jamais vi a plateia vibrar desse jeito. Quem é você?

— Sou o Coelho Azul, vim para a cidade aprender algumas coisas. Você foi o maior adversário que já encontrei; sem dúvida, uma inteligência assombrosa.

— Obrigado. Será uma honra recebê-lo em nossa casa. Talvez eu possa ensinar-lhe algo a fim de retribuir as lições de tão fabuloso campeão.

— Muito obrigado, Cérebro. Onde você aprendeu *coelhês*?

— Falemos disso lá embaixo.

— Lá embaixo?


— Sim, no bueiro, o reino dos ratos, onde os gatos não entram.


— Por quê?

— Você vai ver — respondeu Cérebro. — A pressa é inimiga das tartarugas.

— Essa é muito boa — disse o Coelho Azul.

— Obrigado!

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

Dominando o submundo

Uma vez no esgoto, o Coelho Azul foi convidado para jantar com Cérebro e os outros.

— Seja bem-vindo, Coelho. Eu havia prometido contar minha história, mas peço que conte primeiro a sua.

— Posso contar, mas o narrador faz isso melhor.

— É provável — concordou Cérebro —, mas quero ouvir você.

O Coelho Azul então contou novamente toda a história, sem meus comentários, avançando até o ponto em que estamos. Quando terminou, Cérebro disse:

— Você perguntou por que os gatos não vêm aqui. É por causa de nosso guardião, Rex.

O Coelho Azul imaginou logo um enorme cão que poderia lhe dar conselhos muito úteis,

então ficou feliz. Mas, quando olhou para trás, viu que se tratava de um jovem jacaré com quase um metro de comprimento.

Notando o pavor do Coelho Azul, Cérebro tranquilizou-o:

— Não se preocupe, ele não morde — explicou enquanto cochichava a senha “convidados” no ouvido do réptil —, serve apenas para espantar os gatos. Agora lhe contarei a minha história. Não sou como os outros ratos, não nasci aqui. Nasci e cresci em um laboratório, com animais



de outras espécies. Um deles era um coelho chamado Albert, que me ensinou o *coelhês*. Cresci vendo todos aqueles cientistas querendo descobrir coisas e dominar o mundo. Com eles, aprendi muito sobre o mundo inteiro, embora isso de nada me servisse, pois vivia preso naquele lugar.

Fugindo, eu provaria que era inteligente. Ademais, desejava testar minhas hipóteses sobre o mundo aqui fora. No entanto, os cientistas eram supervigilantes e as grades de minha gaiola, muito sólidas para serem quebradas — explicou o rato. E prosseguiu:

— Por sorte... nem acredito no que digo... por sorte havia um gato no laboratório. Como eu já havia estudado muito o comportamento das outras espécies, passei a provocá-lo todos os dias. Ele ficava louco ao ver minha cauda se agitando para fora das grades. Certa noite, sem conseguir se conter, o gato saltou sobre minha gaiola e a derrubou.



Com a queda, minha prisão se abriu e consegui escapar. O gato então veio para cima de mim, mas, da mesma forma que você ontem, eu também tinha um trunfo para emergências. Quando ele ia dar o bote, dirigi-lhe a palavra.

Entendendo algumas palavras de *ratês*, o gato, embora estivesse louco para me pegar, decidiu me dar ouvidos. O que eu disse, porém, acabou por desencorajá-lo:

— No seu lugar, não comeria um rato do meu tipo. Sou tóxico, fizeram muitos experimentos comigo, transformaram-me em puro veneno de gatos.


Por também viver no laboratório, o gato sabia que aplicavam injeções nas cobaias e, pelo sim, pelo não, decidiu se afastar. Quando me vi


a salvo, tentei soltar todos meus companheiros. “Talvez não consiga dominar o mundo”, pensei, “mas serei o líder de uma grande fuga” — lembrou Cérebro, antes de concluir:

— O problema foi que, antes que eu pudesse abrir qualquer gaiola, chegaram os humanos. Tive de fugir pela janela, deixando todos para trás. Pobre Albert, nem sei o que é dele agora.

* * *

Cérebro e o Coelho Azul ficaram bem amigos e, durante muitos e muitos dias, ensinaram coisas um ao outro. Cérebro, no início, ensinava basicamente *ratês*, o inglês dos esgotos, que até o Rex falava. Depois as aulas foram variando, incluindo história, geografia e estratégias de como escapar dos predadores.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

Atolados até as orelhas

Cérebro não era apenas um cientista; ele também conhecia muitas histórias e mantinha todos entretidos quando necessário.

Foi o que aconteceu quando houve aquela chuva que durou uma semana. Todos se preocuparam, pois a cidade alagava facilmente, e estavam no subsolo. No primeiro dia, ninguém ligou; no segundo, o susto era geral.

Cérebro teve de acalmar seus companheiros:

— Não se preocupem. Chove há apenas três dias, estamos muito seguros. Pode chover sem parar por até... trinta e nove dias.

Alguém perguntou:

— Por quê?

— Porque isso já aconteceu. Até trinta e nove dias tudo bem, mas, no quadragésimo dia de chuva, o mundo inunda.

E todos fizeram “ooh”.

— Então é isso. Só precisamos nos preocupar a partir do trigésimo nono dia.

Uma voz, no entanto, contestou:

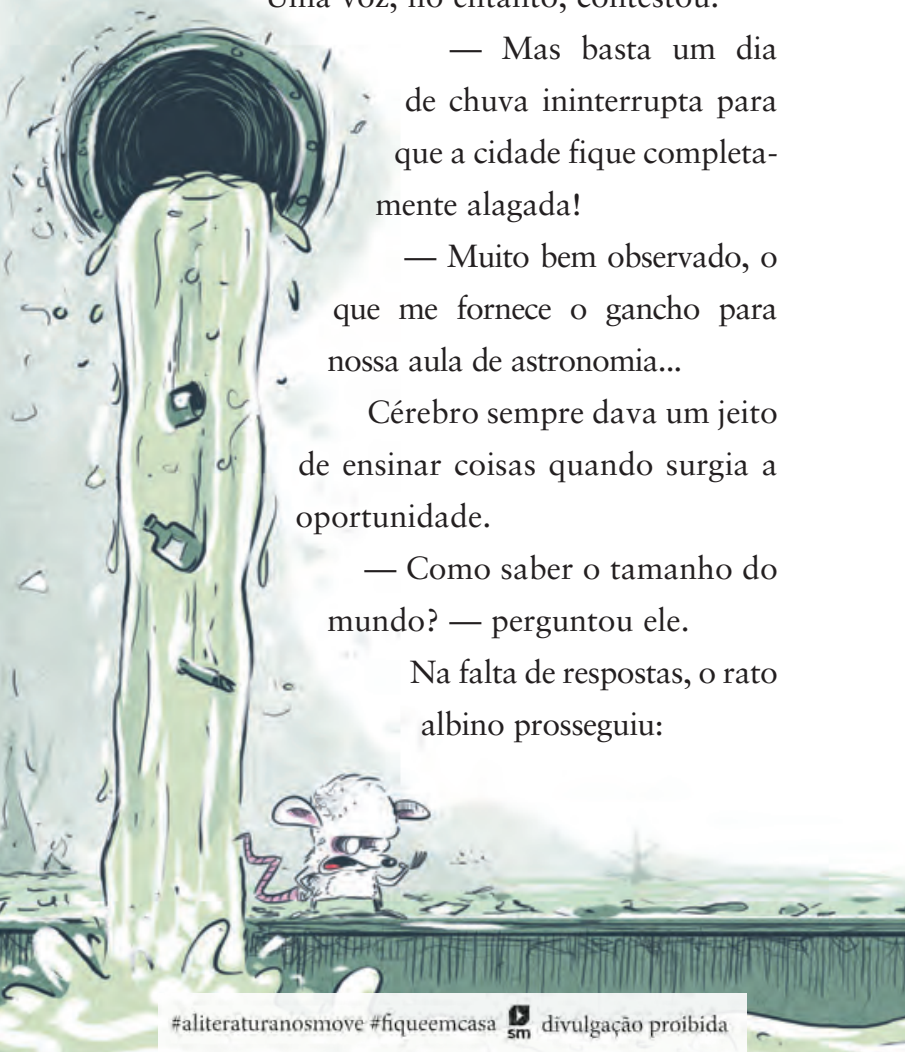
— Mas basta um dia de chuva ininterrupta para que a cidade fique completamente alagada!

— Muito bem observado, o que me fornece o gancho para nossa aula de astronomia...

Cérebro sempre dava um jeito de ensinar coisas quando surgia a oportunidade.

— Como saber o tamanho do mundo? — perguntou ele.

Na falta de respostas, o rato albino prosseguiu:



— Se um dia de chuva alaga a cidade e o mundo só fica alagado em quarenta dias de chuva, quem sabe dizer o tamanho do mundo?

— O mundo é do tamanho de quarenta cidades — respondeu prontamente o Coelho Azul.

— Muito bem, estou orgulhoso de você, Coelho Azul — disse Cérebro. — Mas nem todas as cidades têm o mesmo tamanho. O mundo mede quarenta cidades gigantescas como a nossa, que, de tão grande, pode até ser habitada por dinossauros.



— Há dinossauros aqui? — perguntou o Coelho Azul.

— Sim, claro. Nossa cidade tem todo tipo de habitante, até mesmo um dinossauro, numa das galerias do esgoto. Ele vive numa região muito profunda e guarda um tesouro de impressionante valor.

— É verdade — confirmou Rex. — Sempre que caem essas grandes chuvas, a água traz tesouros da superfície e eles se acumulam lá no fundo. Eu mesmo já vi o dinossauro.

— Como foi isso? — quis saber o Coelho Azul.


— Eu era ainda muito jovem, tinha acabado de chegar aqui. Foi antes de eu ser adotado pelos ratos. Estava explorando o lugar, e isso incluía nadar pelas regiões mais profundas. Avançava por uma galeria quando vi a sombra do bicho: enorme, o pescoço muito grande e o corpo musculoso.


— Esses dinossauros do pescoço ficam gigantescos. Eles não comem carne, mas podem até esmagar um jacaré pisando nele sem querer — explicou Cérebro.

— Exatamente — disse Rex. — Ele tinha um pescoço enorme e o corpo muito largo. Deve ser muito forte, por isso guarda todos os tesouros. O nome dele é Cérberus.

— Cérberus — repetiu o Coelho Azul —, o guardião dos tesouros profundos. Mas por que ele faz isso?

— São as funções da natureza. Nós, ratos, roemos. Gatos dormem. Cães latem. Coelhos não fazem nada. E dinossauros e dragões guardam tesouros — esclareceu Cérebro.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

Doce como um tesouro

Eram três aventureiros seguindo esgoto abaixo. Rex nadava, levando nas costas Cérebro e o Coelho Azul.

— Vocês têm certeza de que querem fazer isso? — perguntou o jacaré, amedrontado.

— É muito importante estudarmos o dinossauro. Ele guarda um tesouro que muito me interessa — insistiu Cérebro. — Eu o vi descer com a enxurrada quatro dias atrás.

Eles submergiram até as galerias mais obscuras, que mesmo os ratos exploradores não tinham coragem de investigar.

— Foi por aqui que o avistei — disse Rex. — Só um pouco mais adiante.

— Vamos com cuidado agora — aconselhou o Coelho Azul.

Quando avançaram mais, avistaram a sombra gigantesca, exatamente como Rex descrevera: uma sombra com um pescoço enorme e o corpo volumoso. Até Cérebro, apesar do espírito investigativo, sentiu-se assustado. O Coelho Azul, sobrevivente de tantas aventuras, achou que dessa vez não escaparia.



Mas os três bravos heróis não desistiram. O Coelho Azul tinha contado a história da coruja e de como um túnel pode atrapalhar quem precisa de muito espaço. Cérebro concordou que poderiam fugir facilmente e por isso decidiram continuar.

E continuaram. Passaram daquele ponto que ninguém jamais ultrapassou. Quando fizeram a última curva, a partir de onde se projetava a sombra do monstro, estranharam ver o lugar tão vazio.

— Onde está? — perguntou o Coelho Azul. E foi Cérebro quem respondeu:

— Lá!

Quando Rex e o Coelho Azul olharam, viram uma tartaruga contra a luz de uma lanterna. Uma tartaruga pequena, do tamanho do Coelho Azul. Menor que a boca do Rex.

— Onde está o tesouro? — indagou Cérebro.

— Que tesouro? — secundou Cérberus.

Todos eles conversavam em *ratês*, a língua mais falada no esgoto.

— Onde está o dinossauro? — perguntou, decepcionado, o Coelho Azul.

— Todo mundo só vai fazer perguntas? — reclamou Rex.

— Aqui não há tesouros nem dinossauros — cortou Cérberus. — Agora eu quero respostas. O que vocês fazem aqui?

— Viemos atrás de um dinossauro e de um tesouro — respondeu o Coelho Azul.

— Lá está o tesouro! — Cérebro apontou para um ponto brilhante no meio do lodo.

— Não é um tesouro. É a Dulcineia — explicou Cérberus.

— Quem? — perguntaram-lhe todos ao mesmo tempo.

— Dulcineia, minha namorada.



— Desculpe-me, senhor Cérberus, mas isso é uma lata — disse o Coelho Azul.

— Como sabem meu nome?

— Como uma lenda, sua história vem sendo passada por nós, ratos, há muitas gerações. Fico orgulhoso por ter liderado a expedição que descobriu o dinossauro do esgoto — vangloriou-se Cérebro.

— Estou aqui há tantos anos. Sempre sozinho. Nem imaginava que mais alguém vivia por perto.

— Por que nunca saiu para explorar as galerias? — quis saber Rex.

— Explorar? Sou uma tartaruga, levaria anos para explorar uma parte muito pequena. É mais vantajoso ficar aqui e recolher o que as águas trazem.

— Viram? Exatamente como minha explicação da natureza das espécies — vangloriou-se Cérebro de novo. — Mais uma vez provei que estava certo. No entanto, é preciso retornar. Deixem os outros tesouros, mandaremos um grupo buscá-los depois. Agora devemos partir apenas com a lata. Nós três sobre o Rex.

— O que vocês querem com a Dulcinea?
— perguntou a tartaruga.

— Você verá quando chegarmos. A pressa é inimiga das tartarugas — respondeu Cérebro.

Ao ouvir isso, Cérberus pareceu assustado, mas aceitou acompanhá-los. Todos fizeram como o rato albino dissera.

Quando chegaram à grande galeria dos ratos, Cérebro pegou um abridor de latas e afirmou:

— Esta é uma lata de leite condensado, um dos maiores tesouros que há na Terra. Vamos festejar.

* * *

Depois de alguns dias de comemoração, o Coelho Azul teve de partir. Ele precisava cumprir seus objetivos. Agora que já conhecia bichos de outras espécies e falava outras línguas, sentia que estava mais perto de conseguir.

Cérberus decidiu viver com os ratos. Não que fossem a melhor das companhias, mas estava cansado da solidão. Pegando uma carona no Rex, foi se despedir do Coelho Azul à saída do bueiro.



Quem também esteve lá foi Cérebro, que se despediu dizendo:

— Você é um grande aventureiro, Coelho Azul. Quando estiver em perigo, lembre-se disso. Apenas um grande herói poderia me vencer como você fez.

Os dois se abraçaram e o Coelho Azul partiu. Rex chorou algumas lágrimas de jacaré e disse:

— Esse é um grande cara.

E Cérberus, com sua experiência de séculos, concluiu:

— Entre esquilos e ratos, coelhos são os mais orelhudos.

O beco e o gato

Depois de se despedir, o Coelho Azul andou por algumas ruas e chegou a outro beco, dessa vez com um gato deitado à sombra.

— Olá, sou o Coelho Azul. Qual o seu nome?

— Nome? Pode me chamar só de Gato, sabe? Gatos de rua não têm nome. Cachorros às vezes têm, quando são adotados por um mendigo, por exemplo. Mas gatos são outra coisa. Somos independentes, sabe?

— Como assim, senhor Gato?

— Há dois tipos de gatos. Não, espere. Há só um tipo de gato, mas há duas formas de ser gato.

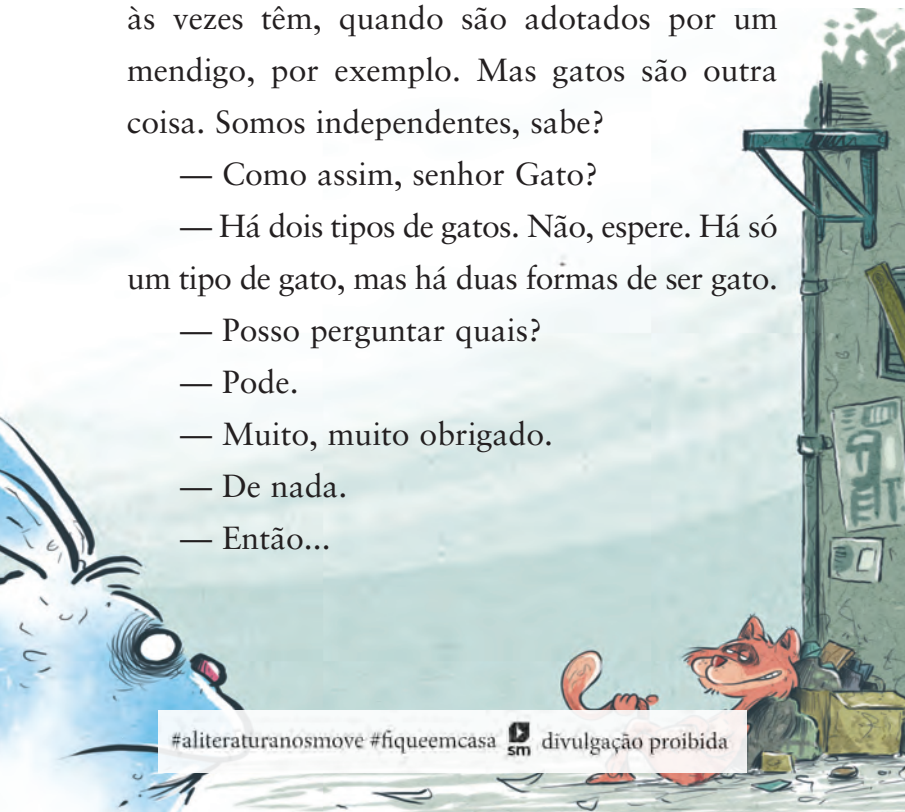
— Posso perguntar quais?

— Pode.

— Muito, muito obrigado.

— De nada.

— Então...



— Então o quê?

— Não vai me dizer quais são as duas formas de ser gato?

— Você não perguntou.

O Coelho Azul ficou pensando um pouco e não se lembrou mesmo de ter perguntado. Então não perdeu mais tempo:

— Quais as formas de ser gato?

— Está feliz?

— Feliz?

— Sim, feliz. Você queria perguntar, eu deixei e você perguntou.

— Na verdade, eu preferia que o senhor me respondesse quais são as formas de ser gato — disse tudo logo de uma vez para não correr o risco de ser novamente enganado.

— E por que você quer tanto aprender sobre gatos?

— Porque preciso falar com alguém da sua espécie.

— Alguém da minha espécie? Então fique contente, pois sou um gato e estamos conversando.

— Sim, fico feliz de falar com o senhor, seu Gato de rua. Mas preciso falar com mais alguém da sua espécie, um alguém específico.

— Huum — fez o gato —, muito suspeito. Você está de segredos comigo, isso não é bom. Lembre-se, senhor Coelho Azul, a curiosidade matou o coelho. — E, dizendo isso, o gato pôs as unhas para fora e saltou sobre o visitante.

Nosso bravo herói passou então a gritar assustado:

— É a minha vizinha, é a minha vizinha. Ela é uma gata muito, muito linda e eu queria falar com ela.

Obviamente, depois da confissão, o Coelho Azul quase se tornou o Coelho Vermelho de Vergonha, mas o gato o libertou. Não exatamente porque pretendesse fazê-lo, mas porque

a vontade de rir esgotou todas as suas forças, provocando uma enorme gargalhada:

— Hah
hah
hah
hah
hah.

Sim, uma gargalhada de cinco linhas, de rolar pelo chão. É claro que, quando terminou (por absoluta falta de fôlego), ele olhou novamente para a cara do Coelho Azul, retomou o ar e...



— Não falei que estava apaixonado — corrigiu o coelho, cheio de vergonha.

— Está bem, vou ajudar.

— Que bom!

— Mas antes você tem de me contar sua história.

E o Coelho Azul contou de novo toda a história. Dessa vez, contou melhor, embora não tão bem quanto eu. Na parte do cachorro, o gato comentou:

— Oh, sim! Cães são os animais mais infames.

— Os grandes e ferozes, sim. Também são assustadores.

— Eu não tenho medo, só me afasto por considerá-los animais inferiores. Você, no entanto, deve temer todos os animais grandes.

— Quando vivi no esgoto, andei de jacaré e enfrentei um dinossauro.

Se a declaração viesse de qualquer outro bicho, o gato não acreditaria, mas com aquele

coelho tudo era possível. Eu também, se um dia cruzasse num beco com um coelho azul falando *ratês*, acreditaria em cada palavra dele.

— Continue — disse o gato.

— Fugindo do cachorro, caí numa lata de tinta. Depois fui para casa e meu pai disse que eu teria de aprender *gatês* para falar com a gata. Como eu tinha ouvido falar de uma ave poliglota, fui atrás dela, que, na verdade, não sabia nada. Porém uma coruja me disse que na cidade eu acharia um professor de *gatês*. Então vim para cá e o Cérebro, com quem vivi um tempo no esgoto, me ensinou *ratês*. No esgoto conheci também Rex, o jacaré, e o dinossauro dos tesouros.

— Tesouros?

— Sim, valiosíssimos. Tesouros acumulados ao longo de muitas enchentes. Por causa deles fomos ao fundo do esgoto e chegamos ao covil do dinossauro.

— E conseguiram se apossar dos tesouros?

— Sim, fizemos vários dias de festa.


— Incrível. Você deve ser um super-herói.
Como aquele que fica verde, só que você é azul.


— Mais ou menos. Talvez você esteja certo,
não tinha pensado nisso. — O Coelho Azul
ficou feliz de saber que ele era um super-herói.



NOTA DO NARRADOR

No tempo desta história, no lugar de vampiros adolescentes que viram diamantes à luz do sol, havia um cientista que ficava verde e forte e quebrava tudo. Havia também outro cientista forte e azul, com aspecto bestial, e um terceiro, que se esticava todo e era amigo de um estranho monstro de pedra. Aparentemente, nas histórias, todo cientista ganhava superpoderes. Se em vez de narrador eu fosse cientista, talvez me desse bem. Lembro-me de outro cientista que ficava invisível. A mulher do cientista que esticava também ficava invisível. Parece que ficar invisível é o mais comum dos superpoderes. Se eu fosse cientista, talvez também ficasse invisível. Seria legal. Voar também seria legal. O Super-Homem tinha um monte de poderes — até o dom de voar, mas não ficava invisível. Não lembro se ele conseguia enxergar as coisas invisíveis, o que seria muito injusto, pois a única vantagem de quem fica invisível é não ser visto. Pensando bem, acho que eu sou invisível. O Super-Homem não era cientista, mas tinha roupa azul.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

A história do gato de rua

Depois de ouvir toda a história do Coelho Azul, o gato se deu por satisfeito e julgou que devia mesmo ajudá-lo.

— Agora sei que você merece saber toda a verdade sobre os gatos. Alguns de nós nascemos em boas casas, como a sua “amiga” — o gato usou aquele irritante gesto de aspas com os dedos —, e essa é uma das maneiras de ser gato: viver deitado numa janela sem se preocupar com coisa alguma. A outra maneira é ser gato de rua, como eu. Gatos de rua são sempre solitários, vivem por aí e não confiam em ninguém. Mas quem nasce na casa rica também pode perder tudo e acabar na rua, é claro. Por isso eu digo que os gatos têm instinto, sabe? Quando vão para a rua, tornam-se gatos de rua. Só levam um tempo para se acostumar. O contrário é mais difícil: não


conheço muitas histórias de gatos de rua que foram morar em grandes mansões.

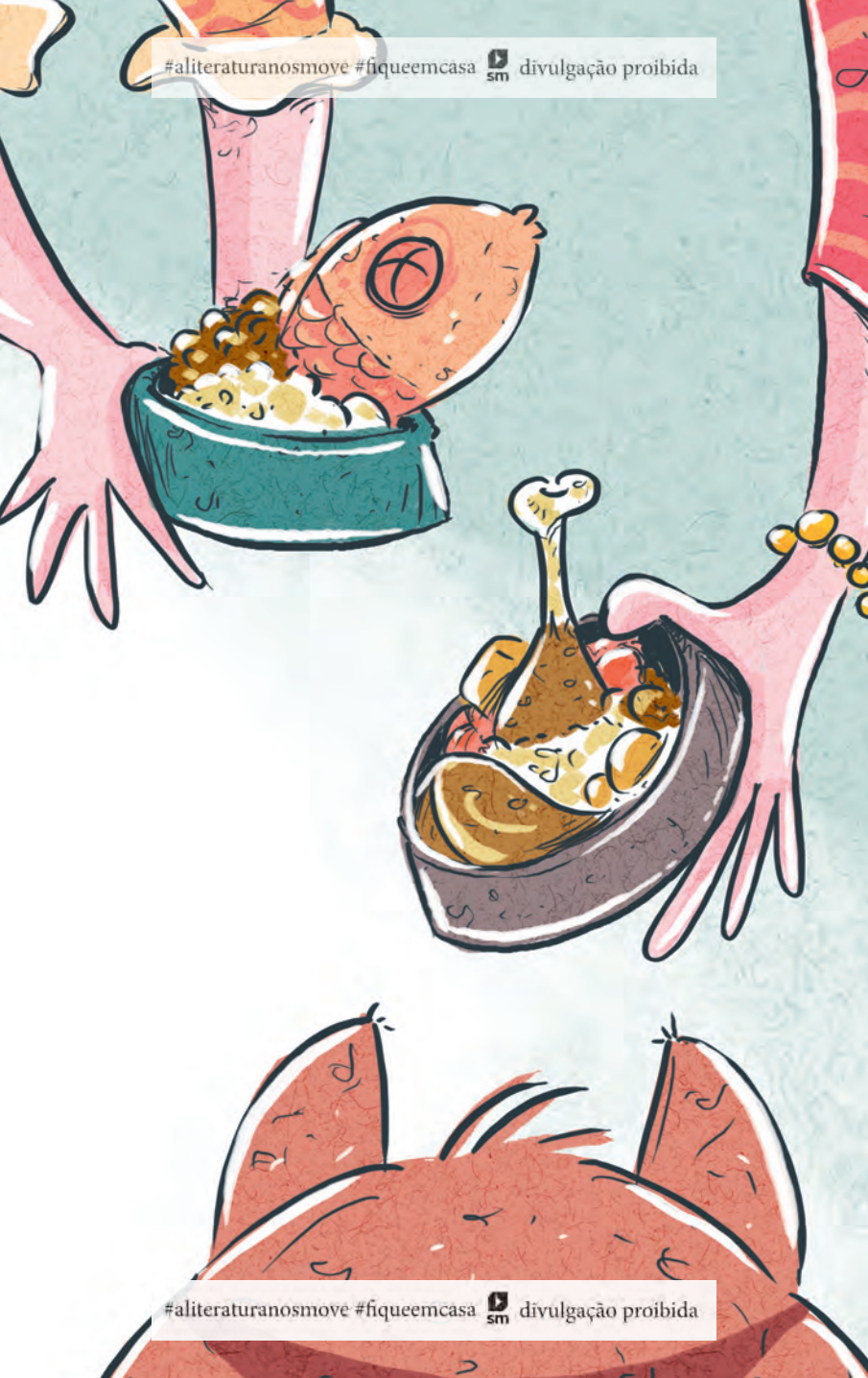
Na rua, exercitamos nossas principais habilidades: caçamos aves e ratos, o que, além de nos alimentar, nos dá certo prazer, admito. É nossa maior diversão. Mas também se vive de outros expedientes, sempre é possível tirar proveito de humanos bondosos, sobretudo de algumas senhoras.


Eu, por exemplo, vivo basicamente do que as senhoras me dão. Basta miar um pouco na porta delas (das que gostam de mim, claro). Sempre me dão de comer e beber e, para mostrar gratidão, enrosco-me em suas pernas. É importante deixar todas felizes. Sei que assim serei bem recebido no dia seguinte.

Às vezes, enquanto caminho pelos telhados, saltando muros, escuto a conversa delas. Uma diz: “Sabe o Bichano?”.

— Bichano? — perguntou o coelho.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

— É o nome que uso com elas. Nomes são importantes em alguns trabalhos, mas, tirando esses casos, prefiro que me chamem apenas de Gato. Então uma diz: “Sabe o Bichano? Ontem veio aqui e dei leite para ele. De tão feliz que ficou, veio se enroscar nas minhas pernas, demonstrando carinho”. E a outra responde: “É mesmo um gato muito carinhoso. Outro dia lhe dei sardinhas e ele ficou quase uma hora entre as minhas pernas.

Depois deitou bom tempo no meu colo e então foi embora”.

Faço de propósito: distribuo desigualmente os carinhos. Assim elas competem para ver quem me agrada mais.



Olhe para mim. Sou ou não sou o gato de rua mais bem cuidado desta cidade? Muitos fazem como eu, a diferença é que sou o melhor.

Eu poderia ensinar a você a melhor estratégia para conquistar sua amiga gata, o problema é que não a conheço. Se ela é mesmo tão linda, se merece tanto sacrifício, talvez valha a pena bolar um plano. Onde ela mora? Vou fazer uma visita e passar algum tempo com ela a fim de elaborar um manual de conquista — concluiu o gato.

Sem dúvida, era um caminho bem mais fácil do que o imaginado de início pelo Coelho Azul. Este, porém, se deteve, pensando se estava certo, se não soaria como trapaça. Além do quê, aquele sujeito não parecia confiável o bastante para passar uma longa temporada na casa grande, principalmente com a gata. Assim, depois de pensar melhor, o Coelho Azul decidiu que só queria mesmo

aprender *gatês* para falar com ela. Melhor fazer tudo honestamente, mesmo correndo o risco de fracassar.

O gato acabou desistindo de conhecer a pequena e passou dias e dias ensinando ao Coelho Azul a língua felina. Também lhe passou várias dicas de como sobreviver na cidade. Afinal, sem o auxílio dos ratos para alimentá-lo, o próprio Coelho Azul teve de recorrer à caridade das tais pessoas bondosas. Elas, no entanto, não lhe davam muita coisa, provavelmente pela falta de técnica do nosso herói na arte de mendigar. A parte dos carinhos ele não conseguia entender, nem mesmo teoricamente, talvez porque isso seja um traço de personalidade exclusivo dos gatos.

Como um velho ditado

O Coelho Azul saltou do trem naquele mesmo lugar perto do riacho. Cruzou com vários ratos e coelhos que estavam indo para a cidade. Perguntaram a ele se a cidade tinha sido boa e receberam a seguinte resposta:

— Nada trouxe de lá, mas conheci muitos seres interessantes e aprendi várias coisas. Fiz o que tinha de fazer e voltei.

Mesmo sem entender se a experiência do coelho tinha sido boa, os ratos e coelhos não pretendiam recuar. Então prosseguiram, cheios de planos e esperanças.

O Coelho Azul também continuou. Tendo aprendido a nadar, dispensou a carona da tartaruga. Caronas com o Rex valiam a pena, mas tartarugas, embora úteis como guardiães de tesouros, são muito lentas. Ele estava com pressa,

precisava correr. Muita coisa podia ter acontecido enquanto esteve fora.

No entanto, ao chegar, as coisas pareciam normais. A casa grande não mudara, exceto pela falta de material de construção no quintal. O jardim estava organizado, e a gata, deitada na janela. O Coelho Azul ficou muito feliz de vê-la, tanto que se deteve um tempo, só olhando.



Então (todos devem estar ansiosos por isso) reapareceu o grande cachorro, com seu péssimo *coelhês* (mas um pouco mais aprimorado).

— A curiosidade matou o coelho.

Então o Coelho Azul olhou para ele e disse:

— Queijo.

Foi usando logo de cara sua arma mais poderosa. Talvez você estranhe a precipitação; contudo, como já expliquei, o coelho tinha muita pressa. O cachorro também estranhou, menos pelo uso precipitado do trunfo do que pelo fato de não ter entendido. Achou o som daquela palavra muito bonito, mas só. Como eu disse, “queijo”, em *coelhês*, é uma palavra maravilhosa. No entanto, o vocabulário do cachorro era restrito, e a única coisa que ele pôde dizer em resposta foi:

— Não entendi.

Ao que o Coelho Azul retrucou:

— Já passei por uma coruja, um riacho, um trem, um exército de ratos, um jacaré, um

dinossauro e um gato. Não tenho tempo a perder com cães de guarda.

O cachorro ficou muito impressionado, disse “Ok” e foi roer um osso em sua casinha.



O Coelho Azul sentiu que era mesmo um super-herói e se dirigiu à entrada principal da casa grande. Entrou pela portinhola inferior, que devia ser usada por cães pequenos ou pela gata. Ele entrou na sala, subiu na janela e finalmente chegou bem perto de sua adorada.

— Oi! — disse o Coelho Azul em *gatês*.

— Oi! — respondeu a gata, que estranhou aquele coelho azul falando sua língua.

— Você é muito linda. Seu pelo parece tão sedoso...

— Eu sei, meu pelo é supermacio. E viu minhas unhas? Perfeitas!



Realmente eram. O Coelho Azul tentou conversar, mas ela não estava interessada. Queria apenas dormir, comer e afiar as unhas. Ainda assim, ele continuou a visitá-la por alguns dias. Até que se desiludiu.

Desnorteadado, saiu campo afora sem saber o que fazer. Todo seu esforço pareceu sem sentido: tanto sacrifício para nenhuma recompensa. De repente, perdeu a pressa que tinha. Sentou à beira do riacho e ficou olhando a tartaruga atravessar viajantes.

— Está pensando em voltar para a cidade? — perguntou uma coelhinha que parou a seu lado.



— Não sei. Caminhos em zigue-zague são tortos — respondeu o Coelho Azul.

— Nossa, que inteligente!

— Obrigado.

— Ouvi dizer que você aprendeu um monte de coisas na cidade e vejo que assim é.

— Sim, conheci muita gente sábia por lá. Ensinaram-me muitas coisas.

— Que bom! Também queria aprender um monte de coisas. Se voltar para lá, me avise. Quem sabe da próxima vez vou com você?

— Não se preocupe, eu aviso.

— Obrigada.

Ficaram um tempo em silêncio olhando o riacho.

— Por que a tartaruga atravessa os viajantes? — perguntou a coelha.

O Coelho Azul pensou uns segundos e falou:

— Não sei. A função das tartarugas costuma ser guardar tesouros. Cada espécie tem um lugar

no mundo e age em função disso. Talvez essa tartaruga ainda não tenha achado seu tesouro.

— E o que seria um tesouro para uma tartaruga?

O Coelho Azul pensou em Cérberus, que no princípio guardava tudo o que a correnteza trazia até se apaixonar por Dulcineia. Imaginou como ele devia estar vivendo com os ratos, longe de seu esconderijo, privado de tesouros.

— Acho que tesouro pode ser qualquer coisa, de uma lata a uma companheira.

O coelho continuou pensando. As únicas coisas que Cérberus conservou foram suas experiências e sua história. Talvez vivendo em grupo, ele mesmo e sua lenda tivessem se convertido em um novo tesouro, agora à prova d'água.

Ele sorriu, olhou para a coelha e disse:

— Ou talvez cada um só precise fazer aquilo que julga certo. Talvez a tartaruga tenha outro tesouro, invisível a nossos olhos.

— Curioso... — murmurou a coelha.

— Cuidado com a curiosidade, coelhinha.


A coelhinha riu. O Coelho Azul olhou para ela mais uma vez, depois novamente para o riacho e falou:


— Você não precisa ir à cidade. Se quiser, posso ensinar tudo o que aprendi aqui mesmo.

— Sério?

E o Coelho Azul respondeu:


— Tanto quanto um velho ditado.


#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



Thiago Irley nasceu em 1988, em Cajazeiras, Paraíba, e mudou-se para Curitiba aos 17 anos. Formado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, atualmente cursa Cinema na Faculdade de Artes do Paraná. Frequenta oficinas literárias gratuitas para fazer contatos e trocar ideias e é revisor de textos *freelancer*. Já foi jurado de um concurso de contos, ganhou alguns prêmios e obteve uma menção honrosa no Concurso de Contos Paulo Leminski, em 2010.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

Orlandeli é o nome artístico de Walmir Américo Orlandeli. Formado em Publicidade e Propaganda, atua desde 1994 como ilustrador e cartunista. É autor da revista *Grump* (troféu HQ Mix de Melhor Revista de Humor, 2002), do álbum *Sic*, coautor de *Humor pela paz e a falta que ela faz*, *Front* e *Central de Tiras*. Publicou trabalhos em diversos veículos (*Folha de S.Paulo*, revista *Época*, *Superinteressante* etc.) e foi premiado em salões nacionais e internacionais de humor.





TIPOLOGIA Sabon

PAPEL *Offset* 120 g/m²

© Thiago Irley (texto), 2012

© Orlandeli (ilustrações), 2012

Júri do Prêmio Barco a Vapor 2011

Fabio Weintraub, Fanny Abramovich, Ivana Arruda Leite,

João Luís Ceccantini, Maria Zélia Versiani Machado.

Gerência editorial Cláudia Ribeiro Mesquita

Edição e preparação Fabio Weintraub

Revisão Marcia Menin e Carla Mello Moreira

Assistência editorial Belisa Monteiro

Edição de arte Leonardo Carvalho

Produção editorial Alexander Maeda

Impressão Lis Gráfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Irley, Thiago

O coelho que não sabia gatês / Thiago Irley ; ilustrações Orlandeli. -- São Paulo : Edições SM, 2012. -- (Coleção barco a vapor. Série azul)

ISBN 978-85-418-0060-0

1. Ficção -- Literatura infantojuvenil

I. Orlandeli. II. Título. III. Série.

12-06426

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5

2. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Faixas etárias de leitura elaboradas a partir das categorias sugeridas por Nelly Novaes Coelho.

1ª edição agosto de 2012

2ª impressão, 2013

Todos os direitos reservados a

EDIÇÕES SM

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55

Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil

Tel.: 11 2111 7400

www.edicoessm.com.br

O coelho que não sabia **gatês**

Thiago Irley

ilustrações Orlandeli

Prêmio  Barco a Vapor 2011



1% da receita obtida com a venda deste livro será revertido à implantação de bibliotecas comunitárias Ler é Preciso, coordenadas pelo Instituto Ecofuturo




Para Camila Oliveira,
a quem devo este livro
e muito mais.


Sumário

O Coelho Azul	7
A gata e o cão	13
Aves	21
Na toca da coruja	27
Trilhas, trilhos, becos e bueiros	33
Entre esquilos e ratos, coelhos são os mais orelhudos	39
Dominando o submundo.....	47
Atolados até as orelhas	53
Doce como um tesouro	59
O beco e o gato	67
A história do gato de rua	77
Como um velho ditado	83



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

O Coelho Azul

O Coelho Azul não é azul. Ainda não. Ele nasceu um coelho normal. Isso não significa muito, pois foi seu caminho que o fez ficar assim. Claro que todos já sabiam disso: ninguém nasce azul.

Havia uma grande família de coelhos, porque esta história começa quando ainda havia grandes famílias e porque os coelhos têm muitos irmãos. Também naquele tempo os coelhos viviam no campo.

Então o Coelho Azul nasceu pelado, numa toca cheia de coelhos de várias cores. A toca era feita de terra; portanto, todos viviam sujos.

O Coelho Azul foi o quinto a nascer. No total, eram seis filhotes, além dos pais. Oito coelhos vivendo num buraco na terra.

A paisagem era agradável, bonita para quem gosta de verde e marrom: muitas árvores altas, arbustos volumosos, um pequeno riacho sem cheiro de esgoto.

Algumas pessoas da cidade talvez sentissem falta de certas coisas: dos enormes prédios barulhentos, do trânsito, dos rios poluídos e dos muros pichados. Mas só algumas, bem poucas.

Então fica fácil entender por que o povo da cidade ia para lá passar as férias ou grandes feriados, como o Natal.


O campo, porém, não é apenas lugar de festas e fugas. Há gente que mora ali, como os coelhos. Pelo menos no tempo desta história, quando os coelhos ainda viviam no campo. Coelhos e pessoas. Tanto que lá havia uma grande casa, um dos nossos cenários.

No campo, onde a ação se passa, na verdade havia duas casas: uma enorme (até parecia um castelo), em que viviam pessoas, e outra pequena, um buraco no chão, cheio de coelhos.


Agora vou falar um pouco da família do Coelho Azul. Papai coelho era o maior do grupo, naturalmente. Grande e gordo, um verdadeiro GG de pelo cinza. Mamãe coelha era a segunda maior, branca e cansada de tomar conta de seis coelhinhos (dois brancos, dois cinzentos e dois brancos manchados de preto).


Felizmente, coelhos crescem rápido. Assim, economizamos tempo. Os desta história nasceram pelados, mas logo ficaram macios, felpudos. O Coelho Azul era um dos brancos.

Excetuando a cor e o tamanho, não há muito mais o que dizer das diferenças entre coelhos. Todos eles têm orelhas grandes, bigodes e patas longas. Talvez até a mamãe coelha tivesse dificuldade em saber quem era quem,


#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

mas devia distingui-los pelo cheiro. Quem sabe ela agisse como as mães de gêmeos?

Como não sei diferenciar gêmeos, nem vou tentar, mas você pode imaginar como se agesses casos. Pode até fazer um desenho, se preferir. Pode também colorir, se quiser.

Mas lembre-se: o Coelho Azul ainda é branco.

Agora vamos aos acontecimentos.

A gata e o cão

O Coelho Azul estava passeando um dia nas imediações da casa grande. Para ele, aquilo era realmente um castelo. Quem moraria num lugar assim? Provavelmente um rei.

Nosso herói tinha de descobrir. Então chegou mais perto. E mais perto. Foi daí que surgiu aquele velho e manjado ditado: “A curiosidade matou o coelho”.

É só um velho ditado, não se preocupe. Nosso herói não morreu. Estamos apenas no começo da história.

Então ele se aproximou. Chegou ao jardim da frente. Foi quando viu pela primeira vez a gata deitada na janela e pensou: “É o monte de pelos mais lindo do mundo”.

Pensou também em dizer isso a ela, que não o escutaria por causa do vidro da janela.



Assim, ficou lá parado, olhando até descobrir que também havia alguém olhando para ele.

Não sei se você já reparou, mas, quando alguém nos olha fixamente, em geral percebemos. Isso também vale para os animais.

Nesse momento, o Coelho Azul olhou para cima e viu, muito feliz sobre ele, uma grande cabeça de cachorro.

Talvez você me pergunte:

— E a gata? Ela também não notou que estava sendo olhada?

Bem, ela dormia (do contrário, isso mudaria totalmente a história).

Voltando ao problema do cachorro, sua cabeça não era gigantesca. Era uma cabeça de cachorro normal, mas, como o Coelho Azul não passava de um filhote, pouco menor que a tal cabeça, tudo lhe parecia enorme.

O cachorro era um pastor-alemão, que falou com sotaque estrangeiro:

— A curiosidade matou o coelho.

Vamos agora a algumas observações linguísticas que julgo importantes. Acredito que você já tenha notado, mas é bom confirmar: coelhos não entendem latidos, certo?


Sendo assim, o cachorro provavelmente tinha se dirigido ao nosso herói na língua dos coelhos, que chamaremos de *coelhês*. É por isso que ele tem sotaque estrangeiro, não por ser alemão, pois um pastor-alemão pode nascer em qualquer lugar do mundo. Talvez até numa nave espacial ou, quem sabe, na Lua, tanto faz.

Mas o pastor não dominava o *coelhês* muito bem. Conhecia uma ou outra palavra, só expressões muito simples. Ele disse “A curiosidade matou o coelho” como falamos “*The book is on the table*”. Digo mais, em seu caso, foi como se falasse “*Dê búqui is on dê teibol*”.

No entanto, até hoje ele me cobra os direitos autorais sobre a criação da frase. Uma verdadeira cachorrada.

O que importa, porém, é que o Coelho Azul entrou em pânico ao ouvir aquilo instantes antes de avistar a enorme cabeça e sair correndo na direção errada. Foi então que aconteceu o evento pelo qual todos esperavam: a mudança de cor.

Nosso herói correu o mais rápido que pôde, mas acabou encurralado entre seu perseguidor e uma pilha de material de construção. Como estava com muito medo, circunstância em que agimos impensadamente, ele começou a escalar

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



a pilha. Num átimo, chegou ao topo daquele monte de gesso, tijolos, canos e cimento.

Como todos sabem, tais pilhas normalmente têm formato de pirâmide, de modo que, após atingir o topo, o Coelho Azul tropeçou e caiu rolando para o outro lado. Ele só não se machucou por dois motivos: em primeiro lugar, porque a pilha tinha menos de meio metro (quase uma montanha para um filhote de coelho); em segundo, por ter caído dentro de uma lata de tinta vermelha. Mentira, era azul, eu estava apenas brincando.

Agora tratemos da grande sorte do Coelho Azul. A lata estava quase vazia (se estivesse cheia, ele teria se afogado). E o cachorro, mais esperto do que parecia, sabia que não podia comer aquele coelho pintado. Assim, oficialmente transformado em Coelho Azul, nosso herói conseguiu escapar.


Claro que você pode estar esperando mais detalhes de como ele fugiu. O Coelho Azul não


conseguia sair da lata, era necessário virá-la, balançando o corpo. Foi assim que acabou todo pintado. Quando a lata finalmente virou, ele zuniu para casa.

Na verdade, foi só ao entrar em casa que os irmãos passaram a chamá-lo de Coelho Azul.

E o nome pegou, como aqueles apelidos de que a gente não gosta.



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

Aves

Desde que viu a gata deitada na janela, o Coelho Azul não pensava em outra coisa. Como não conseguia pensar direito, não sabia o que fazer. Pediu então ajuda a seu pai.


— Pai, como eu faço pra falar com a gata deitada na janela da casa grande? — perguntou o Coelho Azul.

— É complicado — disse o pai —, gatas não costumam saber *coelhês*.

O Coelho Azul agora tinha duas coisas na cabeça: a imagem da gata deitada na janela e o seu problema linguístico.

Então se lembrou da história que ouviu de um de seus irmãos, sobre uma ave capaz de falar todas as línguas.

Sua missão agora era encontrar essa ave e pedir-lhe ajuda. Logo na manhã seguinte, saiu

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

procurando o tal papagaio. Encontrou-o numa árvore perto do riacho. Ele era verde, do tamanho do Coelho Azul.

— Ei, senhor Papagaio, pode me ajudar?
— perguntou o Coelho Azul.

— Ei, senhor Papagaio, pode me ajudar?
— respondeu o papagaio.

— Na verdade, sou o Coelho Azul — corrigiu nosso herói.

— Na verdade, sou o Coelho Azul — repetiu o papagaio.



— Por que está me imitando? — perguntou o coelho.

— Por que está me imitando? — retornou o papagaio.

— Não estou imitando, senhor Papagaio, eu falei primeiro.

— Arrrrrh, falei primeiro — disse a ave verde.

— Não, fui eu — protestou o coelho.

— Deixe-o, ele é um cabeça de vento, não sabe nada — aconselhou, empoleirada numa árvore, uma coruja-macho de cor marrom.

— Não sabe nada — disse o papagaio.

— Oh, você fala *coelhês*! — exclamou o Coelho Azul.

— Embora o normal seja o contrário, é bom sabermos a língua de nossa presa, quer dizer, de nossos vizinhos.

— Presa — repetiu o papagaio.

— Presa?

— Eu quis dizer “vizinhos”.

— Não sei, não. Escutei claramente “presa”.

— Presa — disse o papagaio.

— Escute, coelho, você faz ideia de quantas línguas eu falo?

— Não, senhor.

— Muitas. Às vezes, me atrapalho. “Presa” significa “vizinho” em... em...

— Em quê?

— Em *ratês*. Mas o que você queria com o papagaio?

— O que você queria com o papagaio? — repetiu o próprio.

— Queria que ele me ensinasse a falar com gatos. O senhor fala *gatês*?

— Desculpe-me, mas creio que nenhuma ave fala a língua dos gatos. Entenda, somos inimigos naturais.

— Inimigos naturais — disse o papagaio.

— Mesmo que soubéssemos, seria inútil. Quando um gato captura um de nós, ele não se

compadece, ainda que imploremos. Então, para que aprender? Gatos são predadores cruéis — explicou a coruja.

— Cruéis — repetiu o papagaio.

— Entendo, mas será que o senhor não conhece alguém capaz de me ajudar?

— Bem... Há uma grande cidade além do bosque. Lá você pode encontrar falantes de todas as línguas do mundo.

— Todas as línguas do mundo — disse o papagaio.

— Nossa! Todas as línguas do mundo? — exclamou o coelho.

— Sim — respondeu a coruja, que pousou bem perto do filhote.

— Como faço pra chegar lá?

— Hoje é seu dia de sorte. Na minha toca, por acaso, tenho um mapa. Vamos lá e eu mostro pra você — sugeriu a coruja.

— Dia de sorte — repetiu o papagaio.

Na toca da coruja

O Coelho Azul e a coruja deixaram o papagaio, que ficou repetindo “dia de sorte, dia de sorte”. Eles seguiram uma pequena trilha, bem lentamente, pois iam caminhando e as patas da coruja são bem curtinhas.

Se a coruja voasse, o Coelho Azul ficaria muito atrás e a perderia de vista. Então, para seguirem juntos, tinham de adotar uma velocidade média confortável para ambos.

Por fim, chegaram à toca, que ficava escondida entre os arbustos. O Coelho Azul achou aquilo estranho e disse:

— Pensei que os pássaros morassem em cima das árvores, não embaixo delas.

— A maioria faz isso mesmo, mas nem todos gostam de árvores. Muitos predadores

conseguem subir nelas. Algumas aves, como as águias, fazem ninhos no topo das montanhas; outras, em rochedos.

— Mas isso é um buraco, quase igual ao da minha família.

— Sim, pra você ver: nós, corujas, gostamos tanto de coelhos que moramos como vocês. Adoramos pequenos roedores. — Ao dizer isso, deu um grande sorriso.



Os dois foram entrando na toca, que, além da terra e pedrinhas, parecia ter pequenos pontos brilhantes espalhados pelo chão. Mas estava escuro e o Coelho Azul não conseguiu identificar o que eram.

— O que são essas coisas brilhantes?

— São lembranças que me deixaram alguns vizinhos em suas visitas — respondeu a coruja, dando em seguida uma pequena, estranha e assustadora gargalhada: — Huuu, huuu, huuu.

O Coelho Azul estava achando aquilo tudo muito esquisito. Porém ele continuou a acompanhar a ave até o fundo da toca, onde havia muito mais das coisinhas brilhantes. Chegando lá, seus olhos já tinham se acostumado à falta de luz; afinal, ele também vivia embaixo da terra.

— Onde está o mapa?

— Bem aqui — disse a coruja, mostrando um velho mapa sujo e rasgado. — Está bem danificado, mas dá para ver. Estamos aqui —

apontou com a asa. — Você tem de atravessar o riacho e andar mais um pouco até os trilhos. Mas preste atenção: o trem não vai parar, é você quem deve saltar para dentro dele, em movimento. Sua próxima parada já será na cidade.

— Muito obrigado, senhor Coruja. Então já vou indo, pois o caminho, pelo que vejo, é longo.

— Não tão rápido, coelhinho. — E a coruja tentou pular sobre nosso herói. No entanto, como o teto era muito baixo, o salto foi impreciso e o coelho escapou.

— Que foi isso? — perguntou o coelho.

— A curiosidade matou o coelho — disse a coruja e depois deu uma grande, estranha e assustadora gargalhada: — HUUU, hUUU, hUUU....

O Coelho Azul, que até se considerava inteligente, sacou que ele era a presa da coruja e que as coisinhas brilhantes eram ossos. No entanto, mais sortudo que inteligente, ele lembrou que, embora a coruja fosse veloz ao voar,



no solo ele era muito mais rápido. Como estavam numa toca, a vantagem era sua.

Então inventou um novo antigo ditado, que, por falta de testemunhas, não alcançou fama:

— As perninhas atrasam a coruja.

Dizendo isso, ele correu, sumindo da toca. Depois correu mais, até chegar em casa, onde finalmente se julgou a salvo.

O Coelho Azul falou com seus pais e seus irmãos. Disse que tinha de ir até a cidade aprender muitas coisas, depois voltaria. Eles tentaram dissuadi-lo da ideia, mas entenderam que a viagem era muito importante e deixaram que fosse. Até porque a história não teria muita graça se acabasse neste ponto, desta maneira.

Assim, o coelho arrumou uma trouxa com provisões e partiu em seguida.



Trilhas, trilhos, becos e bueiros

O Coelho Azul partiu em direção ao riacho. A princípio ia sozinho, mas, quando já estava mais próximo do curso d'água, outros animais se juntaram a ele: um coelho e um bando de esquilos. Como os esquilos conversavam entre si, os coelhos acharam conveniente fazer o mesmo.

— Aonde você está indo? — perguntou o Coelho Azul.

— Para a cidade, como os esquilos. Sabe, ultimamente todo mundo tem ido para lá, tentando melhorar de vida.

— Sério? Qual é o plano? — perguntou, surpreso, o Coelho Azul.

— Primeiro vamos para uma *pet shop*. De lá nos levam para uma boa casa.

— Interessante.

— E você?

— Quero aprender outras línguas. Na cidade falam todas as línguas do mundo — respondeu o Coelho Azul.

Por fim chegaram ao riacho. O Coelho Azul ficou preocupado, pois não sabia nadar, mas seu novo companheiro o tranquilizou:

— Pegamos uma carona com a tartaruga.

E assim fizeram. Tão demorada foi a travessia nas costas da tartaruga que, quando chegaram ao outro lado, o Coelho Azul havia crescido bastante, já não era um simples filhote.

O grupo seguiu viagem e foi ficando cada vez maior. Finalmente alcançaram os trilhos.

— O que faremos agora? — perguntou o Coelho Azul.



— Vamos esperar o trem. Quando chegar, corremos e entramos nele.

Esperaram algumas horas até que ouviram o barulho da locomotiva se aproximando. Então, quando o trem chegou bem perto de onde estavam, todos se aprontaram e saltaram.



Alguns não conseguiram embarcar no vagão em movimento, o que vinha a calhar. Afinal, embora fossem pequenos, magros e estivessem dispostos a se espremer, não havia espaço para todo mundo. Mas nosso herói, seu novo amigo coelho e mais algumas famílias de esquilos e ratos realizaram a proeza.

No trem, os passageiros trocavam histórias. Como o Coelho Azul ainda não falava outras línguas, só ficou conhecendo a história do outro coelho, que resolveu partir depois de ter sido abandonado pela família. Seu pai e seus irmãos mais velhos tinham ido para a cidade. Sendo ele o caçula, ficou com a mãe, que, no entanto, também sumiu certo dia. Ele então entendeu que era hora de seguir caminho e partiu na esperança de encontrá-los. É normal fazer essa viagem cheio de esperanças.

Depois de ouvir a história de seu companheiro, o Coelho Azul contou a sua. A mesma

que você está lendo, mas sem meus comentários e parando na metade, pois até aquele momento não tinha acontecido muita coisa.

Um dos ratos que viajavam no mesmo vagão entendia um pouco de *coelhês* e, tendo acompanhado toda a história do nosso herói, interrompeu-o dizendo três coisas:

— Vou fazer três observações — essa foi a primeira. — Outra é que você não conta sua história tão bem quanto o narrador, senhor Coelho — essa foi a segunda e me deixou bastante orgulhoso. Por fim, a terceira foi: — A última coisa é que acho que sei como ajudar. Assim que entrarmos na cidade, salte do trem. Você deve encontrar vários gatos de rua nos becos. Mas cuidado: eles podem pegar você. Se precisar fugir, procure um bueiro. Gatos não têm coragem de entrar no domínio dos ratos.

O Coelho Azul agradeceu sinceramente. Antes ele não sabia o que fazer, agora tinha um

bom plano. Claro que não gostou da crítica sobre sua falta de talento como contador de histórias. Para se redimir, criou um novo ditado, muito aplaudido por seu amigo coelho:

— Entre esquilos e ratos, coelhos são os mais orelhudos.

Isso pode não parecer muito inteligente, mas em *coelhês* soa muito bonito. Só faltou falar em queijo. “Queijo” em *coelhês* é a palavra mais bonita que existe. Por isso os coelhos preferem falar “queijo” a comer queijo. Entre os ratos é exatamente o contrário.

Entre esquilos e ratos, coelhos são os mais orelhudos

O Coelho Azul seguiu o conselho do rato. Despediu-se dele e do outro coelho, fez um aceno para quem não falava coelhês e desceu.

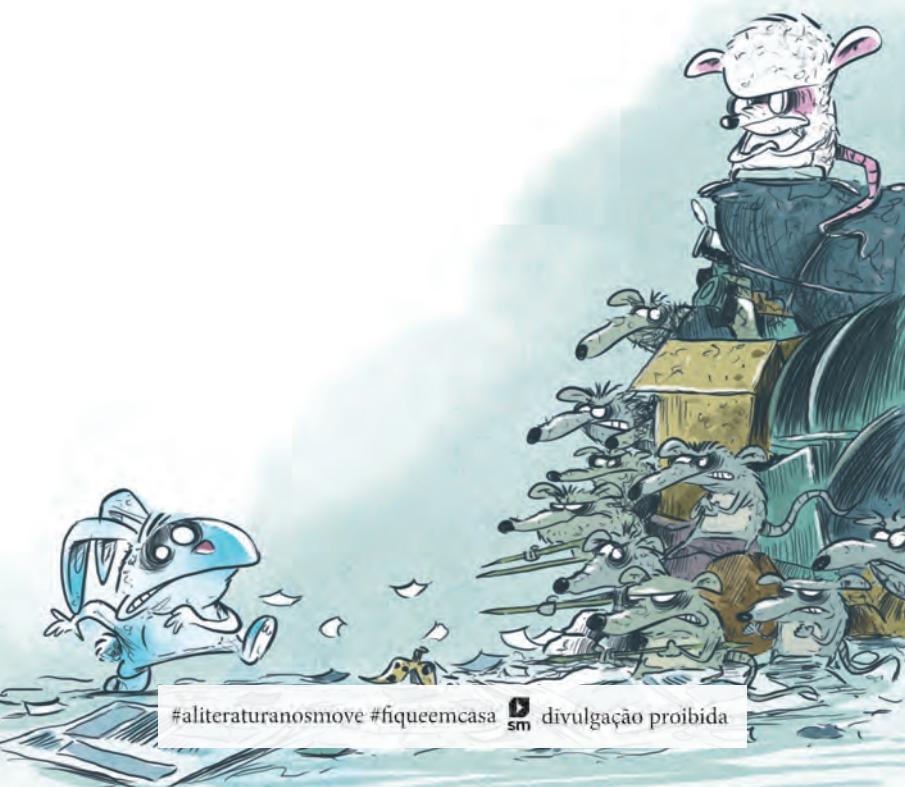
Logo na entrada da cidade não havia becos como os que o rato tinha descrito, mas, depois de andar algumas horas, o Coelho Azul encontrou um que parecia perfeito, com um grande bueiro no final. O único problema foi não haver gato algum.

Nosso herói avançou na esperança de achar algo. Quando percebeu que estava sendo observado, decidiu cair fora, mas, ao se virar, viu-se cercado por um bando de ratos empunhando palitos de dente usados.



Cheio de medo, o Coelho Azul tentou falar com eles, que nada entendiam. Nosso herói tampouco os compreendia, embora já tivesse sacado que, quando gritavam e brandiam os palitos de dente, ele devia recuar. Assim, encurralado entre a parede e a rataria, ele ouviu as sábias palavras:

— A curiosidade matou o coelho.



A princípio concordou, balançando a cabeça e achando que aquela era a voz de sua consciência. Depois estranhou que a consciência tivesse sotaque estrangeiro, o que costuma acontecer quando um bicho tenta falar a língua do outro. Nesse momento, avistou, sobre um saco de lixo, acima da multidão, um rato branco de olhos vermelhos. Entendeu por fim que aquele rato era o líder e que aquela frase marcava o início de uma competição de frases sábias.

— As perninhas atrasam a coruja — disse o Coelho Azul, aceitando o desafio. Talvez aquela fosse sua única chance de escapar.

Sem entender a língua em que seu líder e o coelho se comunicavam, os ratos passaram a acompanhar a disputa apenas pelas reações e expressões dos competidores. O rato branco, surpreso, encarou o coelho. Não esperava por aquilo, mas retomou a concentração e disse:

— Um papagaio paraguaio repete mais barato.

O Coelho Azul pensou um instante. Não se lembrava de muitos provérbios e o rato albino parecia um especialista. Portanto, teve de inventar:

— A coruja voa, mas vive num buraco.

O Coelho Azul compreendeu imediatamente que havia feito uma ótima jogada, mas o rato albino, mesmo percebendo quanto aquilo era inédito, conseguiu retrucar com a quase incomparável:

— Mais vale um pássaro voando do que na boca de um gato.



O rato demonstrava confiança, falava com convicção, à diferença do adversário, que tremia de nervoso. A gangue já tinha certeza da vitória e se preparava para avançar sobre o Coelho Azul quando nosso herói conseguiu reagir com a seguinte frase:

— Entre esquilos e ratos, coelhos são os mais orelhudos.

Os ratos se detiveram e fitaram seu líder à espera de uma reação, que não tardou a aparecer:



— Com os ratos ninguém pode: em seu reino, o gato perde os bigodes.

O rato albino era sem dúvida um adversário habilidoso, com muita chance de vencer quem quer que fosse. O Coelho Azul deu então sua última cartada e gritou:

— Queijo!

O rato albino perguntou:

— Onde? — e desse modo acabou perdendo o desafio, deixando logo transparecer a derrota pelo ar desolado.

Em seguida, todos os ratos abriram caminho para que seu líder se aproximasse do visitante vencedor.

— Meu nome é Cérebro. É a primeira vez que perco uma disputa dessas. Nunca ninguém havia conseguido me desconcentrar a tal ponto. E, mesmo sem entender uma palavra do que dissemos, jamais vi a plateia vibrar desse jeito. Quem é você?

— Sou o Coelho Azul, vim para a cidade aprender algumas coisas. Você foi o maior adversário que já encontrei; sem dúvida, uma inteligência assombrosa.

— Obrigado. Será uma honra recebê-lo em nossa casa. Talvez eu possa ensinar-lhe algo a fim de retribuir as lições de tão fabuloso campeão.

— Muito obrigado, Cérebro. Onde você aprendeu *coelhês*?

— Falemos disso lá embaixo.

— Lá embaixo?


— Sim, no bueiro, o reino dos ratos, onde os gatos não entram.


— Por quê?

— Você vai ver — respondeu Cérebro. — A pressa é inimiga das tartarugas.

— Essa é muito boa — disse o Coelho Azul.

— Obrigado!

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

Dominando o submundo

Uma vez no esgoto, o Coelho Azul foi convidado para jantar com Cérebro e os outros.

— Seja bem-vindo, Coelho. Eu havia prometido contar minha história, mas peço que conte primeiro a sua.

— Posso contar, mas o narrador faz isso melhor.

— É provável — concordou Cérebro —, mas quero ouvir você.

O Coelho Azul então contou novamente toda a história, sem meus comentários, avançando até o ponto em que estamos. Quando terminou, Cérebro disse:

— Você perguntou por que os gatos não vêm aqui. É por causa de nosso guardião, Rex.

O Coelho Azul imaginou logo um enorme cão que poderia lhe dar conselhos muito úteis,

então ficou feliz. Mas, quando olhou para trás, viu que se tratava de um jovem jacaré com quase um metro de comprimento.

Notando o pavor do Coelho Azul, Cérebro tranquilizou-o:

— Não se preocupe, ele não morde — explicou enquanto cochichava a senha “convidados” no ouvido do réptil —, serve apenas para espantar os gatos. Agora lhe contarei a minha história. Não sou como os outros ratos, não nasci aqui. Nasci e cresci em um laboratório, com animais



de outras espécies. Um deles era um coelho chamado Albert, que me ensinou o *coelhês*. Cresci vendo todos aqueles cientistas querendo descobrir coisas e dominar o mundo. Com eles, aprendi muito sobre o mundo inteiro, embora isso de nada me servisse, pois vivia preso naquele lugar.

Fugindo, eu provaria que era inteligente. Ademais, desejava testar minhas hipóteses sobre o mundo aqui fora. No entanto, os cientistas eram supervigilantes e as grades de minha gaiola, muito sólidas para serem quebradas — explicou o rato. E prosseguiu:

— Por sorte... nem acredito no que digo... por sorte havia um gato no laboratório. Como eu já havia estudado muito o comportamento das outras espécies, passei a provocá-lo todos os dias. Ele ficava louco ao ver minha cauda se agitando para fora das grades. Certa noite, sem conseguir se conter, o gato saltou sobre minha gaiola e a derrubou.



Com a queda, minha prisão se abriu e consegui escapar. O gato então veio para cima de mim, mas, da mesma forma que você ontem, eu também tinha um trunfo para emergências. Quando ele ia dar o bote, dirigi-lhe a palavra.

Entendendo algumas palavras de *ratês*, o gato, embora estivesse louco para me pegar, decidiu me dar ouvidos. O que eu disse, porém, acabou por desencorajá-lo:

— No seu lugar, não comeria um rato do meu tipo. Sou tóxico, fizeram muitos experimentos comigo, transformaram-me em puro veneno de gatos.


Por também viver no laboratório, o gato sabia que aplicavam injeções nas cobaias e, pelo sim, pelo não, decidiu se afastar. Quando me vi


a salvo, tentei soltar todos meus companheiros. “Talvez não consiga dominar o mundo”, pensei, “mas serei o líder de uma grande fuga” — lembrou Cérebro, antes de concluir:

— O problema foi que, antes que eu pudesse abrir qualquer gaiola, chegaram os humanos. Tive de fugir pela janela, deixando todos para trás. Pobre Albert, nem sei o que é dele agora.

* * *

Cérebro e o Coelho Azul ficaram bem amigos e, durante muitos e muitos dias, ensinaram coisas um ao outro. Cérebro, no início, ensinava basicamente *ratês*, o inglês dos esgotos, que até o Rex falava. Depois as aulas foram variando, incluindo história, geografia e estratégias de como escapar dos predadores.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

Atolados até as orelhas

Cérebro não era apenas um cientista; ele também conhecia muitas histórias e mantinha todos entretidos quando necessário.

Foi o que aconteceu quando houve aquela chuva que durou uma semana. Todos se preocuparam, pois a cidade alagava facilmente, e estavam no subsolo. No primeiro dia, ninguém ligou; no segundo, o susto era geral.

Cérebro teve de acalmar seus companheiros:

— Não se preocupem. Chove há apenas três dias, estamos muito seguros. Pode chover sem parar por até... trinta e nove dias.

Alguém perguntou:

— Por quê?

— Porque isso já aconteceu. Até trinta e nove dias tudo bem, mas, no quadragésimo dia de chuva, o mundo inunda.

E todos fizeram “ooh”.

— Então é isso. Só precisamos nos preocupar a partir do trigésimo nono dia.

Uma voz, no entanto, contestou:

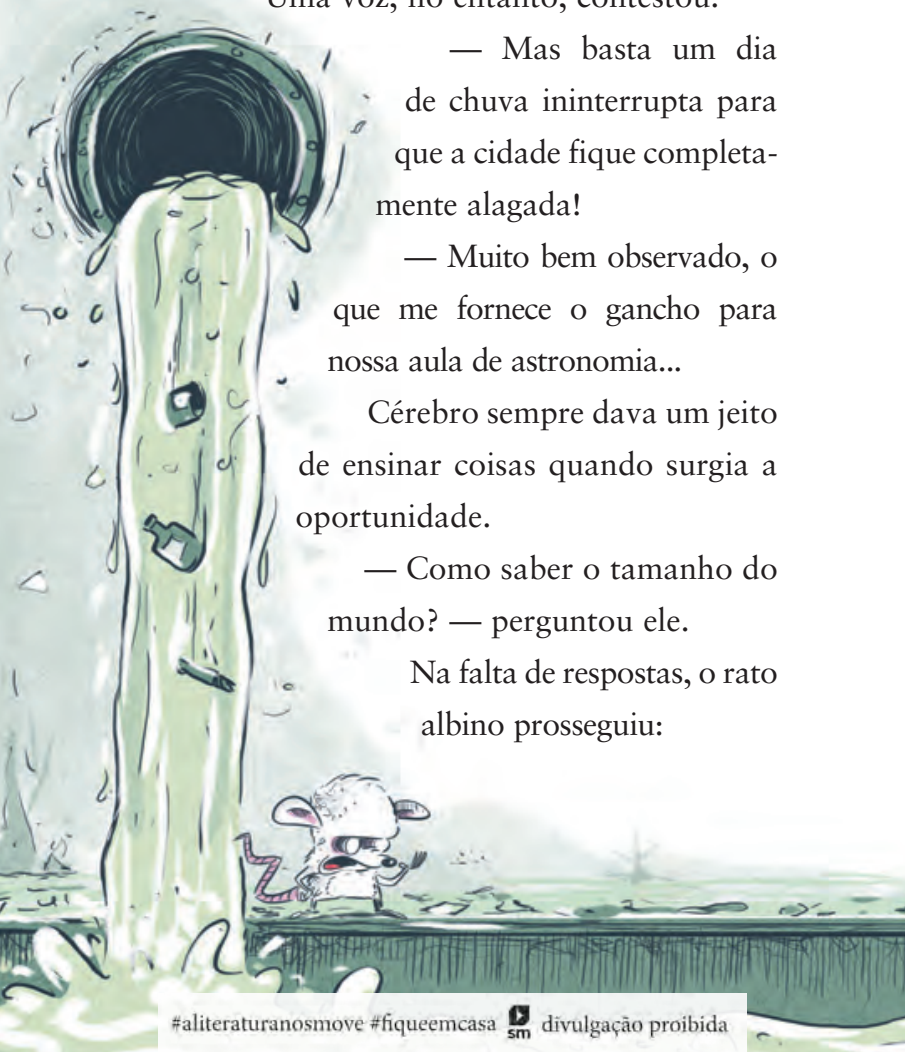
— Mas basta um dia de chuva ininterrupta para que a cidade fique completamente alagada!

— Muito bem observado, o que me fornece o gancho para nossa aula de astronomia...

Cérebro sempre dava um jeito de ensinar coisas quando surgia a oportunidade.

— Como saber o tamanho do mundo? — perguntou ele.

Na falta de respostas, o rato albino prosseguiu:



— Se um dia de chuva alaga a cidade e o mundo só fica alagado em quarenta dias de chuva, quem sabe dizer o tamanho do mundo?

— O mundo é do tamanho de quarenta cidades — respondeu prontamente o Coelho Azul.

— Muito bem, estou orgulhoso de você, Coelho Azul — disse Cérebro. — Mas nem todas as cidades têm o mesmo tamanho. O mundo mede quarenta cidades gigantescas como a nossa, que, de tão grande, pode até ser habitada por dinossauros.



— Há dinossauros aqui? — perguntou o Coelho Azul.

— Sim, claro. Nossa cidade tem todo tipo de habitante, até mesmo um dinossauro, numa das galerias do esgoto. Ele vive numa região muito profunda e guarda um tesouro de impressionante valor.

— É verdade — confirmou Rex. — Sempre que caem essas grandes chuvas, a água traz tesouros da superfície e eles se acumulam lá no fundo. Eu mesmo já vi o dinossauro.

— Como foi isso? — quis saber o Coelho Azul.


— Eu era ainda muito jovem, tinha acabado de chegar aqui. Foi antes de eu ser adotado pelos ratos. Estava explorando o lugar, e isso incluía nadar pelas regiões mais profundas. Avançava por uma galeria quando vi a sombra do bicho: enorme, o pescoço muito grande e o corpo musculoso.


— Esses dinossauros do pescoço ficam gigantescos. Eles não comem carne, mas podem até esmagar um jacaré pisando nele sem querer — explicou Cérebro.

— Exatamente — disse Rex. — Ele tinha um pescoço enorme e o corpo muito largo. Deve ser muito forte, por isso guarda todos os tesouros. O nome dele é Cérberus.

— Cérberus — repetiu o Coelho Azul —, o guardião dos tesouros profundos. Mas por que ele faz isso?

— São as funções da natureza. Nós, ratos, roemos. Gatos dormem. Cães latem. Coelhos não fazem nada. E dinossauros e dragões guardam tesouros — esclareceu Cérebro.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

Doce como um tesouro

Eram três aventureiros seguindo esgoto abaixo. Rex nadava, levando nas costas Cérebro e o Coelho Azul.

— Vocês têm certeza de que querem fazer isso? — perguntou o jacaré, amedrontado.

— É muito importante estudarmos o dinossauro. Ele guarda um tesouro que muito me interessa — insistiu Cérebro. — Eu o vi descer com a enxurrada quatro dias atrás.

Eles submergiram até as galerias mais obscuras, que mesmo os ratos exploradores não tinham coragem de investigar.

— Foi por aqui que o avistei — disse Rex. — Só um pouco mais adiante.

— Vamos com cuidado agora — aconselhou o Coelho Azul.

Quando avançaram mais, avistaram a sombra gigantesca, exatamente como Rex descrevera: uma sombra com um pescoço enorme e o corpo volumoso. Até Cérebro, apesar do espírito investigativo, sentiu-se assustado. O Coelho Azul, sobrevivente de tantas aventuras, achou que dessa vez não escaparia.



Mas os três bravos heróis não desistiram. O Coelho Azul tinha contado a história da coruja e de como um túnel pode atrapalhar quem precisa de muito espaço. Cérebro concordou que poderiam fugir facilmente e por isso decidiram continuar.

E continuaram. Passaram daquele ponto que ninguém jamais ultrapassou. Quando fizeram a última curva, a partir de onde se projetava a sombra do monstro, estranharam ver o lugar tão vazio.

— Onde está? — perguntou o Coelho Azul. E foi Cérebro quem respondeu:

— Lá!

Quando Rex e o Coelho Azul olharam, viram uma tartaruga contra a luz de uma lanterna. Uma tartaruga pequena, do tamanho do Coelho Azul. Menor que a boca do Rex.

— Onde está o tesouro? — indagou Cérebro.

— Que tesouro? — secundou Cérberus.

Todos eles conversavam em *ratês*, a língua mais falada no esgoto.

— Onde está o dinossauro? — perguntou, decepcionado, o Coelho Azul.

— Todo mundo só vai fazer perguntas? — reclamou Rex.

— Aqui não há tesouros nem dinossauros — cortou Cérberus. — Agora eu quero respostas. O que vocês fazem aqui?

— Viemos atrás de um dinossauro e de um tesouro — respondeu o Coelho Azul.

— Lá está o tesouro! — Cérebro apontou para um ponto brilhante no meio do lodo.

— Não é um tesouro. É a Dulcineia — explicou Cérberus.

— Quem? — perguntaram-lhe todos ao mesmo tempo.

— Dulcineia, minha namorada.



— Desculpe-me, senhor Cérberus, mas isso é uma lata — disse o Coelho Azul.

— Como sabem meu nome?

— Como uma lenda, sua história vem sendo passada por nós, ratos, há muitas gerações. Fico orgulhoso por ter liderado a expedição que descobriu o dinossauro do esgoto — vangloriou-se Cérebro.

— Estou aqui há tantos anos. Sempre sozinho. Nem imaginava que mais alguém vivia por perto.

— Por que nunca saiu para explorar as galerias? — quis saber Rex.

— Explorar? Sou uma tartaruga, levaria anos para explorar uma parte muito pequena. É mais vantajoso ficar aqui e recolher o que as águas trazem.

— Viram? Exatamente como minha explicação da natureza das espécies — vangloriou-se Cérebro de novo. — Mais uma vez provei que estava certo. No entanto, é preciso retornar. Deixem os outros tesouros, mandaremos um grupo buscá-los depois. Agora devemos partir apenas com a lata. Nós três sobre o Rex.

— O que vocês querem com a Dulcinea?
— perguntou a tartaruga.

— Você verá quando chegarmos. A pressa é inimiga das tartarugas — respondeu Cérebro.

Ao ouvir isso, Cérberus pareceu assustado, mas aceitou acompanhá-los. Todos fizeram como o rato albino dissera.

Quando chegaram à grande galeria dos ratos, Cérebro pegou um abridor de latas e afirmou:

— Esta é uma lata de leite condensado, um dos maiores tesouros que há na Terra. Vamos festejar.

* * *

Depois de alguns dias de comemoração, o Coelho Azul teve de partir. Ele precisava cumprir seus objetivos. Agora que já conhecia bichos de outras espécies e falava outras línguas, sentia que estava mais perto de conseguir.

Cérberus decidiu viver com os ratos. Não que fossem a melhor das companhias, mas estava cansado da solidão. Pegando uma carona no Rex, foi se despedir do Coelho Azul à saída do bueiro.



Quem também esteve lá foi Cérebro, que se despediu dizendo:

— Você é um grande aventureiro, Coelho Azul. Quando estiver em perigo, lembre-se disso. Apenas um grande herói poderia me vencer como você fez.

Os dois se abraçaram e o Coelho Azul partiu. Rex chorou algumas lágrimas de jacaré e disse:

— Esse é um grande cara.

E Cérberus, com sua experiência de séculos, concluiu:

— Entre esquilos e ratos, coelhos são os mais orelhudos.

O beco e o gato

Depois de se despedir, o Coelho Azul andou por algumas ruas e chegou a outro beco, dessa vez com um gato deitado à sombra.

— Olá, sou o Coelho Azul. Qual o seu nome?

— Nome? Pode me chamar só de Gato, sabe? Gatos de rua não têm nome. Cachorros às vezes têm, quando são adotados por um mendigo, por exemplo. Mas gatos são outra coisa. Somos independentes, sabe?

— Como assim, senhor Gato?

— Há dois tipos de gatos. Não, espere. Há só um tipo de gato, mas há duas formas de ser gato.

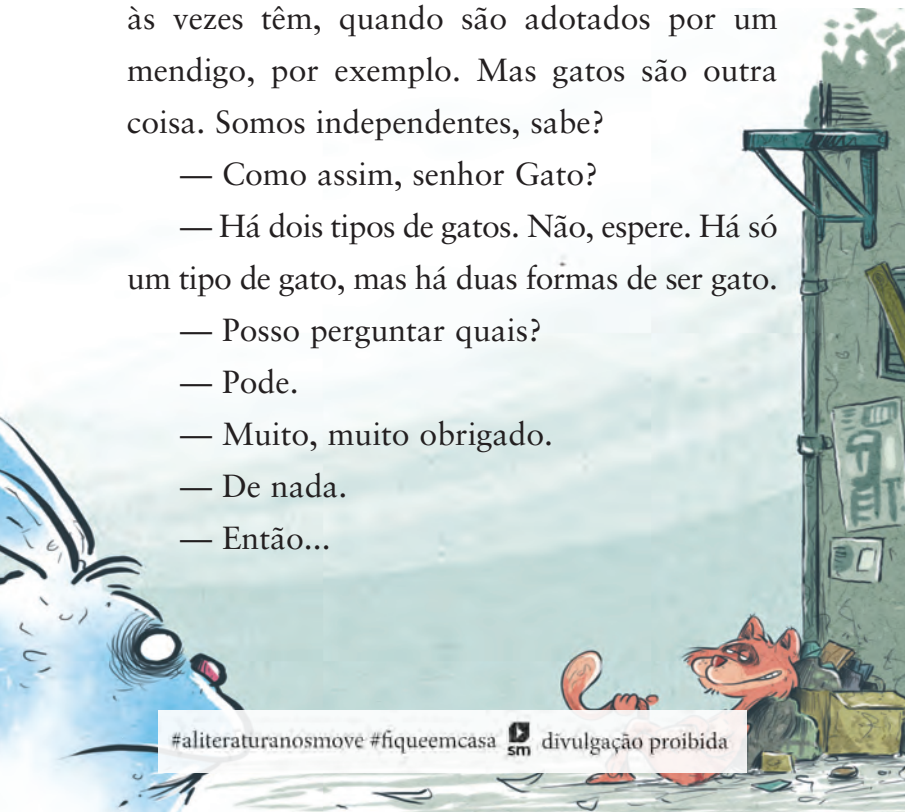
— Posso perguntar quais?

— Pode.

— Muito, muito obrigado.

— De nada.

— Então...



— Então o quê?

— Não vai me dizer quais são as duas formas de ser gato?

— Você não perguntou.

O Coelho Azul ficou pensando um pouco e não se lembrou mesmo de ter perguntado. Então não perdeu mais tempo:

— Quais as formas de ser gato?

— Está feliz?

— Feliz?

— Sim, feliz. Você queria perguntar, eu deixei e você perguntou.

— Na verdade, eu preferia que o senhor me respondesse quais são as formas de ser gato — disse tudo logo de uma vez para não correr o risco de ser novamente enganado.

— E por que você quer tanto aprender sobre gatos?

— Porque preciso falar com alguém da sua espécie.

— Alguém da minha espécie? Então fique contente, pois sou um gato e estamos conversando.

— Sim, fico feliz de falar com o senhor, seu Gato de rua. Mas preciso falar com mais alguém da sua espécie, um alguém específico.

— Huum — fez o gato —, muito suspeito. Você está de segredos comigo, isso não é bom. Lembre-se, senhor Coelho Azul, a curiosidade matou o coelho. — E, dizendo isso, o gato pôs as unhas para fora e saltou sobre o visitante.

Nosso bravo herói passou então a gritar assustado:

— É a minha vizinha, é a minha vizinha. Ela é uma gata muito, muito linda e eu queria falar com ela.

Obviamente, depois da confissão, o Coelho Azul quase se tornou o Coelho Vermelho de Vergonha, mas o gato o libertou. Não exatamente porque pretendesse fazê-lo, mas porque

a vontade de rir esgotou todas as suas forças, provocando uma enorme gargalhada:

— Hah
hah
hah
hah
hah.

Sim, uma gargalhada de cinco linhas, de rolar pelo chão. É claro que, quando terminou (por absoluta falta de fôlego), ele olhou novamente para a cara do Coelho Azul, retomou o ar e...



— Não falei que estava apaixonado — corrigiu o coelho, cheio de vergonha.

— Está bem, vou ajudar.

— Que bom!

— Mas antes você tem de me contar sua história.

E o Coelho Azul contou de novo toda a história. Dessa vez, contou melhor, embora não tão bem quanto eu. Na parte do cachorro, o gato comentou:

— Oh, sim! Cães são os animais mais infames.

— Os grandes e ferozes, sim. Também são assustadores.

— Eu não tenho medo, só me afasto por considerá-los animais inferiores. Você, no entanto, deve temer todos os animais grandes.

— Quando vivi no esgoto, andei de jacaré e enfrentei um dinossauro.

Se a declaração viesse de qualquer outro bicho, o gato não acreditaria, mas com aquele

coelho tudo era possível. Eu também, se um dia cruzasse num beco com um coelho azul falando *ratês*, acreditaria em cada palavra dele.

— Continue — disse o gato.

— Fugindo do cachorro, caí numa lata de tinta. Depois fui para casa e meu pai disse que eu teria de aprender *gatês* para falar com a gata. Como eu tinha ouvido falar de uma ave poliglota, fui atrás dela, que, na verdade, não sabia nada. Porém uma coruja me disse que na cidade eu acharia um professor de *gatês*. Então vim para cá e o Cérebro, com quem vivi um tempo no esgoto, me ensinou *ratês*. No esgoto conheci também Rex, o jacaré, e o dinossauro dos tesouros.

— Tesouros?

— Sim, valiosíssimos. Tesouros acumulados ao longo de muitas enchentes. Por causa deles fomos ao fundo do esgoto e chegamos ao covil do dinossauro.

— E conseguiram se apossar dos tesouros?

— Sim, fizemos vários dias de festa.


— Incrível. Você deve ser um super-herói.
Como aquele que fica verde, só que você é azul.


— Mais ou menos. Talvez você esteja certo,
não tinha pensado nisso. — O Coelho Azul
ficou feliz de saber que ele era um super-herói.



NOTA DO NARRADOR

No tempo desta história, no lugar de vampiros adolescentes que viram diamantes à luz do sol, havia um cientista que ficava verde e forte e quebrava tudo. Havia também outro cientista forte e azul, com aspecto bestial, e um terceiro, que se esticava todo e era amigo de um estranho monstro de pedra. Aparentemente, nas histórias, todo cientista ganhava superpoderes. Se em vez de narrador eu fosse cientista, talvez me desse bem. Lembro-me de outro cientista que ficava invisível. A mulher do cientista que esticava também ficava invisível. Parece que ficar invisível é o mais comum dos superpoderes. Se eu fosse cientista, talvez também ficasse invisível. Seria legal. Voar também seria legal. O Super-Homem tinha um monte de poderes — até o dom de voar, mas não ficava invisível. Não lembro se ele conseguia enxergar as coisas invisíveis, o que seria muito injusto, pois a única vantagem de quem fica invisível é não ser visto. Pensando bem, acho que eu sou invisível. O Super-Homem não era cientista, mas tinha roupa azul.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

A história do gato de rua

Depois de ouvir toda a história do Coelho Azul, o gato se deu por satisfeito e julgou que devia mesmo ajudá-lo.

— Agora sei que você merece saber toda a verdade sobre os gatos. Alguns de nós nascemos em boas casas, como a sua “amiga” — o gato usou aquele irritante gesto de aspas com os dedos —, e essa é uma das maneiras de ser gato: viver deitado numa janela sem se preocupar com coisa alguma. A outra maneira é ser gato de rua, como eu. Gatos de rua são sempre solitários, vivem por aí e não confiam em ninguém. Mas quem nasce na casa rica também pode perder tudo e acabar na rua, é claro. Por isso eu digo que os gatos têm instinto, sabe? Quando vão para a rua, tornam-se gatos de rua. Só levam um tempo para se acostumar. O contrário é mais difícil: não


conheço muitas histórias de gatos de rua que foram morar em grandes mansões.

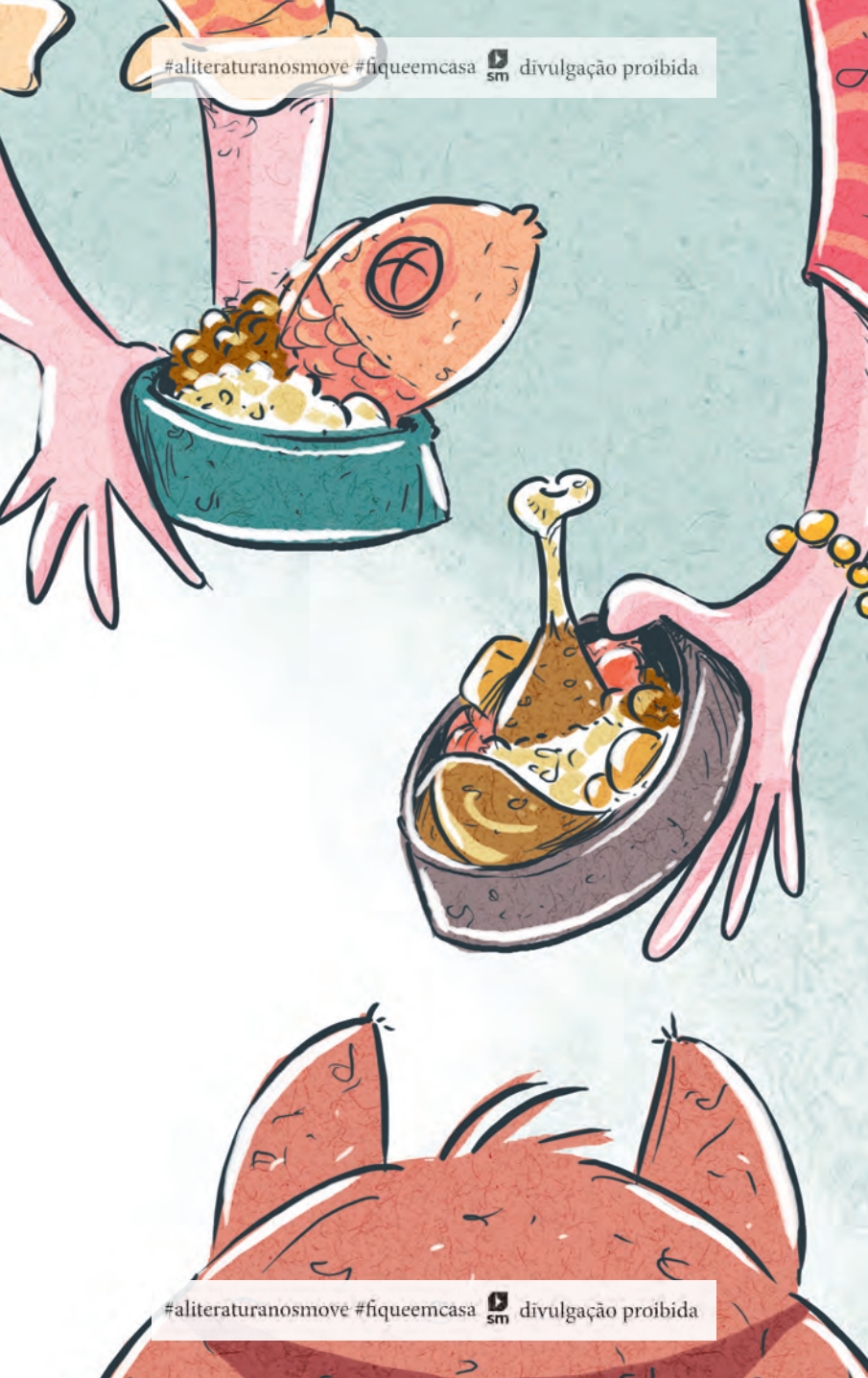
Na rua, exercitamos nossas principais habilidades: caçamos aves e ratos, o que, além de nos alimentar, nos dá certo prazer, admito. É nossa maior diversão. Mas também se vive de outros expedientes, sempre é possível tirar proveito de humanos bondosos, sobretudo de algumas senhoras.


Eu, por exemplo, vivo basicamente do que as senhoras me dão. Basta miar um pouco na porta delas (das que gostam de mim, claro). Sempre me dão de comer e beber e, para mostrar gratidão, enrosco-me em suas pernas. É importante deixar todas felizes. Sei que assim serei bem recebido no dia seguinte.

Às vezes, enquanto caminho pelos telhados, saltando muros, escuto a conversa delas. Uma diz: “Sabe o Bichano?”.

— Bichano? — perguntou o coelho.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

— É o nome que uso com elas. Nomes são importantes em alguns trabalhos, mas, tirando esses casos, prefiro que me chamem apenas de Gato. Então uma diz: “Sabe o Bichano? Ontem veio aqui e dei leite para ele. De tão feliz que ficou, veio se enroscar nas minhas pernas, demonstrando carinho”. E a outra responde: “É mesmo um gato muito carinhoso. Outro dia lhe dei sardinhas e ele ficou quase uma hora entre as minhas pernas.

Depois deitou bom tempo no meu colo e então foi embora”.

Faço de propósito: distribuo desigualmente os carinhos. Assim elas competem para ver quem me agrada mais.



Olhe para mim. Sou ou não sou o gato de rua mais bem cuidado desta cidade? Muitos fazem como eu, a diferença é que sou o melhor.

Eu poderia ensinar a você a melhor estratégia para conquistar sua amiga gata, o problema é que não a conheço. Se ela é mesmo tão linda, se merece tanto sacrifício, talvez valha a pena bolar um plano. Onde ela mora? Vou fazer uma visita e passar algum tempo com ela a fim de elaborar um manual de conquista — concluiu o gato.

Sem dúvida, era um caminho bem mais fácil do que o imaginado de início pelo Coelho Azul. Este, porém, se deteve, pensando se estava certo, se não soaria como trapaça. Além do quê, aquele sujeito não parecia confiável o bastante para passar uma longa temporada na casa grande, principalmente com a gata. Assim, depois de pensar melhor, o Coelho Azul decidiu que só queria mesmo

aprender *gatês* para falar com ela. Melhor fazer tudo honestamente, mesmo correndo o risco de fracassar.

O gato acabou desistindo de conhecer a pequena e passou dias e dias ensinando ao Coelho Azul a língua felina. Também lhe passou várias dicas de como sobreviver na cidade. Afinal, sem o auxílio dos ratos para alimentá-lo, o próprio Coelho Azul teve de recorrer à caridade das tais pessoas bondosas. Elas, no entanto, não lhe davam muita coisa, provavelmente pela falta de técnica do nosso herói na arte de mendigar. A parte dos carinhos ele não conseguia entender, nem mesmo teoricamente, talvez porque isso seja um traço de personalidade exclusivo dos gatos.

Como um velho ditado

O Coelho Azul saltou do trem naquele mesmo lugar perto do riacho. Cruzou com vários ratos e coelhos que estavam indo para a cidade. Perguntaram a ele se a cidade tinha sido boa e receberam a seguinte resposta:

— Nada trouxe de lá, mas conheci muitos seres interessantes e aprendi várias coisas. Fiz o que tinha de fazer e voltei.

Mesmo sem entender se a experiência do coelho tinha sido boa, os ratos e coelhos não pretendiam recuar. Então prosseguiram, cheios de planos e esperanças.

O Coelho Azul também continuou. Tendo aprendido a nadar, dispensou a carona da tartaruga. Caronas com o Rex valiam a pena, mas tartarugas, embora úteis como guardiães de tesouros, são muito lentas. Ele estava com pressa,

precisava correr. Muita coisa podia ter acontecido enquanto esteve fora.

No entanto, ao chegar, as coisas pareciam normais. A casa grande não mudara, exceto pela falta de material de construção no quintal. O jardim estava organizado, e a gata, deitada na janela. O Coelho Azul ficou muito feliz de vê-la, tanto que se deteve um tempo, só olhando.



Então (todos devem estar ansiosos por isso) reapareceu o grande cachorro, com seu péssimo *coelhês* (mas um pouco mais aprimorado).

— A curiosidade matou o coelho.

Então o Coelho Azul olhou para ele e disse:

— Queijo.

Foi usando logo de cara sua arma mais poderosa. Talvez você estranhe a precipitação; contudo, como já expliquei, o coelho tinha muita pressa. O cachorro também estranhou, menos pelo uso precipitado do trunfo do que pelo fato de não ter entendido. Achou o som daquela palavra muito bonito, mas só. Como eu disse, “queijo”, em *coelhês*, é uma palavra maravilhosa. No entanto, o vocabulário do cachorro era restrito, e a única coisa que ele pôde dizer em resposta foi:

— Não entendi.

Ao que o Coelho Azul retrucou:

— Já passei por uma coruja, um riacho, um trem, um exército de ratos, um jacaré, um

dinossauro e um gato. Não tenho tempo a perder com cães de guarda.

O cachorro ficou muito impressionado, disse “Ok” e foi roer um osso em sua casinha.



O Coelho Azul sentiu que era mesmo um super-herói e se dirigiu à entrada principal da casa grande. Entrou pela portinhola inferior, que devia ser usada por cães pequenos ou pela gata. Ele entrou na sala, subiu na janela e finalmente chegou bem perto de sua adorada.

— Oi! — disse o Coelho Azul em *gatês*.

— Oi! — respondeu a gata, que estranhou aquele coelho azul falando sua língua.

— Você é muito linda. Seu pelo parece tão sedoso...

— Eu sei, meu pelo é supermacio. E viu minhas unhas? Perfeitas!



Realmente eram. O Coelho Azul tentou conversar, mas ela não estava interessada. Queria apenas dormir, comer e afiar as unhas. Ainda assim, ele continuou a visitá-la por alguns dias. Até que se desiludiu.

Desnortado, saiu campo afora sem saber o que fazer. Todo seu esforço pareceu sem sentido: tanto sacrifício para nenhuma recompensa. De repente, perdeu a pressa que tinha. Sentou à beira do riacho e ficou olhando a tartaruga atravessar viajantes.

— Está pensando em voltar para a cidade? — perguntou uma coelhinha que parou a seu lado.



— Não sei. Caminhos em zigue-zague são tortos — respondeu o Coelho Azul.

— Nossa, que inteligente!

— Obrigado.

— Ouvi dizer que você aprendeu um monte de coisas na cidade e vejo que assim é.

— Sim, conheci muita gente sábia por lá. Ensinaram-me muitas coisas.

— Que bom! Também queria aprender um monte de coisas. Se voltar para lá, me avise. Quem sabe da próxima vez vou com você?

— Não se preocupe, eu aviso.

— Obrigada.

Ficaram um tempo em silêncio olhando o riacho.

— Por que a tartaruga atravessa os viajantes? — perguntou a coelha.

O Coelho Azul pensou uns segundos e falou:

— Não sei. A função das tartarugas costuma ser guardar tesouros. Cada espécie tem um lugar

no mundo e age em função disso. Talvez essa tartaruga ainda não tenha achado seu tesouro.

— E o que seria um tesouro para uma tartaruga?

O Coelho Azul pensou em Cérberus, que no princípio guardava tudo o que a correnteza trazia até se apaixonar por Dulcineia. Imaginou como ele devia estar vivendo com os ratos, longe de seu esconderijo, privado de tesouros.

— Acho que tesouro pode ser qualquer coisa, de uma lata a uma companheira.

O coelho continuou pensando. As únicas coisas que Cérberus conservou foram suas experiências e sua história. Talvez vivendo em grupo, ele mesmo e sua lenda tivessem se convertido em um novo tesouro, agora à prova d'água.

Ele sorriu, olhou para a coelha e disse:

— Ou talvez cada um só precise fazer aquilo que julga certo. Talvez a tartaruga tenha outro tesouro, invisível a nossos olhos.

— Curioso... — murmurou a coelha.

— Cuidado com a curiosidade, coelhinha.


A coelhinha riu. O Coelho Azul olhou para ela mais uma vez, depois novamente para o riacho e falou:


— Você não precisa ir à cidade. Se quiser, posso ensinar tudo o que aprendi aqui mesmo.

— Sério?

E o Coelho Azul respondeu:


— Tanto quanto um velho ditado.


#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



Thiago Irley nasceu em 1988, em Cajazeiras, Paraíba, e mudou-se para Curitiba aos 17 anos. Formado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, atualmente cursa Cinema na Faculdade de Artes do Paraná. Frequenta oficinas literárias gratuitas para fazer contatos e trocar ideias e é revisor de textos *freelancer*. Já foi jurado de um concurso de contos, ganhou alguns prêmios e obteve uma menção honrosa no Concurso de Contos Paulo Leminski, em 2010.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

Orlandeli é o nome artístico de Walmir Américo Orlandeli. Formado em Publicidade e Propaganda, atua desde 1994 como ilustrador e cartunista. É autor da revista *Grump* (troféu HQ Mix de Melhor Revista de Humor, 2002), do álbum *Sic*, coautor de *Humor pela paz e a falta que ela faz*, *Front* e *Central de Tiras*. Publicou trabalhos em diversos veículos (*Folha de S.Paulo*, revista *Época*, *Superinteressante* etc.) e foi premiado em salões nacionais e internacionais de humor.





TIPOLOGIA Sabon

PAPEL *Offset* 120 g/m²